

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

AQUILES COELHO LINS

**A CANDIDATURA LULA EM 2018 NAS PÁGINAS DA FOLHA DE S. PAULO,
O GLOBO E O ESTADO DE S. PAULO: AGENDA E ENQUADRAMENTO**

São Carlos – SP

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

AQUILES COELHO LINS

**A CANDIDATURA LULA EM 2018 NAS PÁGINAS DA FOLHA DE S. PAULO,
O GLOBO E O ESTADO DE S. PAULO: AGENDA E ENQUADRAMENTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientação: Professor Doutor Fernando Antônio Farias de Azevedo

São Carlos – SP

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Aquiles Coelho Lins, realizada em 03/03/2020:

Prof. Dr. Fernando Antonio Farias de Azevedo
UFSCar

Profa. Dra. Rosemary Segurado
PUC-SP

Profa. Dra. Gleidy Lucy Oliveira da Silva Maia
UFSCar

Prof. Dr. Pedro José Floriano Ribeiro
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Rosemary Segurado e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Fernando Antonio Farias de Azevedo

COELHO LINS, AQUILES

A candidatura Lula em 2018 nas páginas da Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo: agenda e enquadramento / AQUILES COELHO LINS. -- 2020.

106 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Fernando Antônio Farias de Azevedo

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Rosemary Segurado, Prof^a. Dr^a.

Gleidylucy Oliveira da Silva Maia, Prof. Dr. Pedro José Floriano Ribeiro

Bibliografia

1. Comunicação Política. 2. Enquadramento. 3. Eleições 2018. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

AGRADECIMENTOS

Em especial ao meu filho, Ícaro, cuja existência me motiva a ser uma pessoa melhor.

Ao professor Fernando, por aceitar alguém que se encontrava afastado da Academia, e pela orientação marcada por liberdade de pesquisa e indicação dos caminhos mais relevantes.

A Mércia, pela paciência, presteza e contribuição fundamental durante todo esse percurso, condição *sine qua non* para este trabalho.

À minha família – minha mãe, Tânia, meu pai, João, meu irmão, Allisson, minha irmã, Ana Roberta, meus sobrinhos, Luís Felipe e Ana Luiza, minha cunhada, Elizangela, por acreditarem no meu potencial e me lembrarem onde estão minhas raízes.

A Isis, pelo primeiro incentivo para eu retornar aos estudos, por acreditar e me fazer acreditar neste projeto.

A Helice e Guaracy, pela hospitalidade em São Carlos e pela amizade sincera.

Aos professores e professoras do PPGPol, que me levaram a um mundo novo na Ciência Política.

Aos colegas de mestrado, pelos momentos vários de compartilhamento de conhecimento e de alegrias.

E a Gisele, Leonardo e todos os amigos e amigas da comunidade Brasil 247, pela generosidade, compreensão e apoio durante o curso.

RESUMO

Em meio a grave crise política, o Brasil passou por eleições presidenciais em 2018. Durante a pré-campanha e em parte da corrida eleitoral, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) liderou as intenções de votos, mas teve sua candidatura impedida pela Justiça Eleitoral, após ter sido condenado em segunda instância. Sabe-se que os veículos de comunicação de massa se tornaram elemento fundamental na vida política de qualquer país democrático e que os jornais impressos têm relevância neste contexto, pela capacidade de pautar as agendas dos demais meios. Neste sentido, a presente pesquisa investiga como os três principais jornais impressos de âmbito nacional – Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo – noticiaram e perceberam a tentativa de candidatura de Lula em 2018. Para isso, foram analisadas as manchetes principais e editoriais dos veículos no período de 8 de junho a 12 de setembro de 2018. Os principais métodos utilizados foram a Metodologia de Análise de Valência e a Análise de Enquadramento. Investigou-se três questões principais: (1) a frequência dedicada ao projeto eleitoral de Lula pelos veículos; (2) a valoração das manchetes e editoriais sobre ele; e (3) o enquadramento dado ao ex-presidente nos editoriais. No intervalo, buscou-se responder às seguintes perguntas: como foi retratada a candidatura de Lula pelos jornais pesquisados? E quais foram as ideias centrais que organizaram o conteúdo opinativo dos jornais sobre Lula? Sustentou-se que, por meio da seleção e ênfase de determinados aspectos da realidade percebida, e da escolha deliberada de enquadramentos, os três principais jornais do País mantiveram uma posição histórica de oposição a Lula e ao PT, com um conteúdo noticioso e opinativo majoritariamente negativo em relação ao objeto. Os dados encontrados demonstram que os três veículos fizeram cobertura amplamente negativa contra Lula, tanto nas manchetes quanto nos editoriais, e o enquadramento predominante nos editoriais caracterizou Lula como político “autoritário” ao tentar se candidatar estando em condição de inelegibilidade.

Palavras-chave

Comunicação Política, Lula, Eleições 2018, Agenda, Enquadramento.

ABSTRACT

In the midst of a serious political crisis, Brazil went through presidential elections in 2018. During the pre-campaign and part of the electoral race, former President Luiz Inácio Lula da Silva (PT) led the vote intentions, but had his candidacy prevented by the Electoral Justice, after having been sentenced in the second instance. It is known that the mass media have become a fundamental element in the political life of any democratic country and that printed newspapers are relevant in this context, due to their ability to guide the agendas of other media. In this sense, the present research investigates how the three main printed newspapers nationwide - Folha de S. Paulo, O Globo and O Estado de S. Paulo - reported and noticed Lula's candidacy attempt in 2018. For that, they were analyzed the main and editorial headlines of the vehicles from June 8 to September 12, 2018. The main methods used were the Valencia Analysis Methodology and the Framework Analysis. Three main issues were investigated: (1) the frequency devoted to Lula's electoral project by the vehicles; (2) the valuation of headlines and editorials about him; and (3) the framework given to the ex-president in the editorials. In the meantime, we tried to answer the following questions: how was Lula's candidacy portrayed by the researched newspapers? And what were the central ideas that organized the opinionated content of newspapers about Lula? It was argued that, through the selection and emphasis of certain aspects of the perceived reality, and the deliberate choice of frameworks, the three main newspapers in the country maintained a historic position of opposition to Lula and the PT, with mostly news and opinion content negative in relation to the object. The data found demonstrate that the three vehicles had largely negative coverage against Lula, both in the headlines and in the editorials, and the predominant framing in the editorials characterized Lula as an "authoritarian" politician when trying to run for office being in a condition of ineligibility.

Key-words

Political Communication, Lula, Elections 2018, Agenda, Framing Analysis.

LISTA DE SIGLAS:

AVANTE – Partido Trabalhista do Brasil
CNT – Confederação Nacional dos Transportes
DC – Democracia Cristã
DEM – Partido Democratas
FGV – Fundação Getúlio Vargas
HGPE – Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
IESP – Instituto de Estudos Sociais e Políticos
LEMEP – Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública
MAV – Metodologia de Análise de Valência
MDA – MDA Pesquisa de Opinião Pública e Consultoria Estatística
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
NOVO – Partido Novo
ONU – Organização das Nações Unidas
PATRI – Partido Patriota
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCDOB – Partido Comunista do Brasil
PDF – Portable Document Format
PDT – Partido Trabalhista Brasileiro
PIB – Produto Interno Bruto
PHS – Partido Humanista da Solidariedade
PODEMOS – Partido Trabalhista Nacional
PP – Partido Progressista
PPL – Partido Pátria Livre
PR – Partido da República
PRB – Partido Republicano Brasileiro
PROS – Partido Republicano da Ordem Social
PRP – Partido Republicano Progressista
PSC – Partido Social Cristão
PSD – Partido Social Democrático
PSL – Partido Social Libera

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
 PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
 PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
 PT – Partidos dos Trabalhadores
 PTC – Partido trabalhista Cristão
 PV – Partido Verde
 REDE – Rede Sustentabilidade
 SDD – Partido Solidariedade
 SDS – Students for a Democratic Society
 STF – Supremo Tribunal Federal
 TRF-4 – Tribunal Regional Federal da 4ª Região
 TSE – Tribunal Superior Eleitoral
 UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 UFF – Universidade Federal Fluminense
 UTI – Unidade de Tratamento Intensivo

LISTA DE TABELAS:

TABELA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Tabela 01	Candidatos a presidente, partidos, coligações e tempo de HGPE	28
Tabela 02	Votação do primeiro turno das eleições presidenciais 2018	31

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Figura 01	Manchete O Estado de S. Paulo – 15 ago. 2018	52
Figura 02	Manchete negativa para Lula: <i>Estado</i> , 30 jun. 2018	56
Figura 03	Manchete positiva para Lula: Folha de S. Paulo, 13 jul. 2018	57
Figura 04	Manchete neutra para Lula – Folha de S. Paulo – 13 jul. 2018	58
Figura 05	Editorial em que Lula é tema principal – O Globo, 28 jun. 2018	67
Figura 06	Editorial em que Lula é tema principal – Folha de S. Paulo, 16 ago. 2018	68
Figura 07	Editorial em que Lula não é tema principal – O Estado de S. Paulo, 20 jul. 2018	68
Figura 08	Editorial positivo em que Lula é tema principal – Folha de S. Paulo, 15 jul. 2018	76

LISTA DE GRÁFICOS:

GRÁFICO	DESCRIÇÃO	PÁGINA
Gráfico 01	Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo – Manchetes Principais: agenda de temas	49
Gráfico 02	Manchetes relacionadas: Agenda de Temas	50
Gráfico 03	Manchetes relacionadas a Lula	50
Gráfico 04	Manchetes relacionadas a Lula: Frequência por jornal	51
Gráfico 05	Manchetes relacionadas a Lula: Frequência da Agenda de Temas	53
Gráfico 06	Menções a Lula: Frequência	53
Gráfico 07	Manchetes: Valências Totais	54
Gráfico 08	Manchetes: Frequência e Valência	55
Gráfico 09	Manchetes negativas sobre Lula: Frequência por jornal	55
Gráfico 10	Manchetes positivas sobre Lula: Frequência por jornal	57
Gráfico 11	Manchetes neutras sobre Lula: Frequência por jornal	58
Gráfico 12	Folha: Agenda de Temas: Frequência	59
Gráfico 13	Folha: Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência	60
Gráfico 14	Globo: Agenda de Temas: Frequência	61
Gráfico 15	Globo: Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência	62
Gráfico 16	<i>Estado</i> : Agenda de Temas: Frequência	62
Gráfico 17	<i>Estado</i> : Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência	63
Gráfico 18	Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo – Editoriais: relação com Lula	64
Gráfico 19	Editoriais relacionados: Frequência	64
Gráfico 20	Editoriais relacionados a Lula: Frequência por jornal	65
Gráfico 21	Editoriais relacionados: Agenda de Temas	66
Gráfico 22	Editoriais relacionados: Lula é tema principal	67
Gráfico 23	Editoriais relacionados: Lula é citado como candidato	69
Gráfico 24	Editoriais relacionados: Valência	69
Gráfico 25	Editoriais relacionados: Frequência e Valência	70
Gráfico 26	Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência	71
Gráfico 27	Lula é citado como candidato: Frequência e Valência	72
Gráfico 28	Lula é citado como candidato: Frequência e Valência	72
Gráfico 29	Folha: Editoriais: relação com Lula	73
Gráfico 30	Folha: Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência	74
Gráfico 31	Folha: Editoriais relacionados: Frequência e Valência	74
Gráfico 32	Folha: Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência	75
Gráfico 33	Folha: Lula é citado como candidato: Frequência e Valência	76
Gráfico 34	Globo: Editoriais relacionados	77
Gráfico 35	Globo: Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência	78
Gráfico 36	Globo: Editoriais relacionados: Frequência e Valência	78
Gráfico 37	Globo: Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência	79

Gráfico 38	Globo: Lula é citado como candidato: Frequência e Valência	79
Gráfico 39	<i>Estado</i> : Editoriais relacionados	80
Gráfico 40	<i>Estado</i> : Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência	81
Gráfico 41	<i>Estado</i> : Editoriais relacionados: Frequência e Valência	81
Gráfico 42	<i>Estado</i> : Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência	82
Gráfico 43	<i>Estado</i> : Lula é citado como candidato: Frequência e Valência	82
Gráfico 44	Editoriais relacionados a Lula: Enquadramentos	85
Gráfico 45	Frequência de Enquadramentos	86
Gráfico 46	Folha: Frequência de Enquadramentos	87
Gráfico 47	Globo: Frequência de Enquadramentos	88
Gráfico 48	<i>Estado</i> : Frequência de Enquadramentos	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ARGUMENTOS TEÓRICOS	14
1.1 – Teoria do Enquadramento	14
1.2 – Agenda-Setting	19
1.3 – Paralelismo Político	23
CAPÍTULO 2 - CENÁRIO ELEITORAL DE 2018	27
2.1. Lula no cenário eleitoral	31
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DE PESQUISA	37
3.1 – Metodologia de análise das manchetes	40
3.2 – Metodologia de análise dos editoriais	44
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS	49
4.1 – Análise das manchetes – Três jornais agregados	49
4.2 – Análise das manchetes principais por jornal	59
4.2.1 – Folha de S. Paulo	59
4.2.2 – O Globo	60
4.2.3 – O Estado de S. Paulo	62
4.3 – Análise dos editoriais – Três jornais agregados	63
4.4 – Análise dos editoriais por jornal	73
4.4.1 – Folha de S. Paulo	73
4.4.2 – O Globo	77
4.4.1 – O Estado de S. Paulo	80
4.5 – Análise de Enquadramentos – Três jornais agregados	83
4.6 – Análise de Enquadramentos por jornal	87
4.6.1 – Folha de S. Paulo	87
4.6.2 – O Globo	88
4.6.3 – O Estado de S. Paulo	89
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da relação de três principais jornais do Brasil – Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo¹ – com o projeto de candidatura a presidente de Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT, nas eleições de 2018. Sabemos que os veículos de comunicação de massa têm papel central na vida política contemporânea. Em que pese o alcance da televisão e o crescente uso da internet e suas mídias sociais, os jornais impressos ainda são importantes, principalmente por sua capacidade de pautar a agenda de outros meios (MCCOMBS; 2009). Neste contexto, buscamos compreender e descrever como os três jornais noticiaram e interpretaram o projeto de candidatura do PT, analisando para isso as suas manchetes principais e editoriais publicados. A questão central é investigar e descrever o espaço, a valoração das publicações e o enquadramento da candidatura de Lula dada pelos jornais.

O objeto da pesquisa se justifica em função do cenário eleitoral particular, no qual um candidato competitivo é impedido pela Justiça de disputar as eleições presidenciais, fato inédito desde o pleito de 1989. Lula liderava as intenções de votos² com 39% de preferência, 20 pontos à frente do segundo colocado, Jair Bolsonaro, do PSL, segundo pesquisa Datafolha de 22 de agosto de 2018. No entanto, o petista fora condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em duas instâncias judiciais no âmbito das investigações da Operação Lava Jato, e se encontrava preso cumprindo a sentença condenatória, e conseqüentemente impedido de participar da disputa eleitoral. O cenário não parece ser de plena normalidade democrática: na primeira eleição geral após o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) – episódio que divide opiniões na Ciência Política, sendo classificado ora como golpe parlamentar (JINKINS et al orgs., 2016; DIAS e SEGURADO, 2018; ALBUQUERQUE, 2018), ora como procedimento legítimo e constitucional (NUNES e MELO, 2017; NOGUEIRA, 2016) – o candidato mais competitivo do partido retirado do poder é impedido de concorrer na disputa.

¹ Eventualmente o texto se refere ao jornal O Estado de S. Paulo apenas como *Estado*.

² Portal G1, de 22 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-de-22-de-agosto-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-e-religiao.ghtml>. Acesso em 25 out. 2018.

A pergunta que motivou a pesquisa é: como foi retratada a candidatura de Lula pelos jornais pesquisados? Para responder a esta questão principal, utilizamos essencialmente a Metodologia de Análise de Valências e a Análise de Enquadramentos. A investigação coletou e quantificou a frequência das referências a Lula nas manchetes e editoriais; classificou a valência das publicações em relação ao dirigente petista nas manchetes e editoriais; e identificou e analisou os enquadramentos dados ao objeto, isto é, os atributos mobilizados pelos veículos para descrever a candidatura de Lula. O enquadramento fornece a pergunta que complementa a questão principal. Quais foram as ideias centrais que organizaram o conteúdo opinativo dos jornais sobre Lula? As duas perguntas ensejam a hipótese de que os três principais jornais do País mantiveram uma posição de oposição a Lula e ao PT, o que é conhecido e documentado em eleições anteriores (ALDÉ, MENDES e FIGUEIREDO, 2007; AZEVEDO, 2017), tendo como elemento inédito neste pleito a situação jurídica do ex-presidente, preso e enquadrado na legislação de inelegibilidade.

O universo do material empírico pesquisado é composto por 291 manchetes e 657 editoriais publicados por Folha, Globo e *Estado*. O 'n' da pesquisa é 173 unidades de análise, que é o somatório das manchetes relacionadas a Lula ('x' = 49) com os editoriais relacionados ao ex-presidente ('y' = 124). Em relação ao recorte temporal, 8 de junho a 12 de setembro, optou-se por circunscrever a análise a partir do dia do lançamento oficial da candidatura de Lula pelo PT ao dia seguinte em que o partido substituiu o nome de Lula pelo de Fernando Haddad, do PT, então candidato a vice-presidente na chapa, como o candidato presidencial do partido. Apesar de restrito, este período preserva o caráter eleitoral da análise do objeto. Os dados encontrados demonstram que os três veículos fizeram cobertura fortemente crítica à possibilidade de Lula ser candidato, com espaço bastante reduzido para o contraditório. Tanto as manchetes quanto os editoriais foram em sua maioria negativos para a imagem de Lula nos três jornais, com destaque para O Estado de S. Paulo, que liderou o antipetismo no período. Em relação aos enquadramentos, os dados mostraram que Lula foi descrito majoritariamente como político "autoritário" ao insistir com a candidatura.

CAPÍTULO 1 – ARGUMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo trata das ferramentas teóricas utilizadas na pesquisa e está dividido em três partes. Na primeira, apresenta-se um panorama dos principais estudos sobre enquadramento (*framing*) aplicados aos meios de comunicação de massa. Na segunda parte, apresenta-se como esta ferramenta teórica e analítica está relacionada aos conceitos de *Agenda-Setting*, e fala-se resumidamente sobre critérios de noticiabilidade, bem como dos conceitos de *Gatekeeping* e de valor-notícia. A terceira parte apresenta estudos sobre o comportamento político da mídia tomando como referência o conceito de “paralelismo político”.

1.1 – Teoria do Enquadramento

Os estudos sobre enquadramento, ou “*framing analysis*”, aplicados aos veículos de mídia são amplamente empregados no campo da comunicação política. Apesar da profusão de estudos, a falta de precisão conceitual e de sistematização metodológica das pesquisas são apontados como principais problemas (VIMIEIRO e MAIA, 2011). Os primeiros estudos sobre o enquadramento são atribuídos a Gregory Bateson (1954) e Erwin Goffmann (1974). Em 1954, Bateson investigou as premissas psicológicas existentes nas mensagens para dar sentido aos fatos e acontecimentos, dizendo que há elementos conexos em um texto e é com base neles que um tema é definido ou entendido pelos seus receptores. O sociólogo canadense Erwin Goffman citou o trabalho de Bateson quando analisou os modos como os indivíduos organizam o conhecimento nas ações diárias. Para Goffman, enquadramentos são os princípios de organização que governam os eventos sociais bem como o nosso envolvimento neles. Isso permite estabelecer marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem às pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais. Deste modo, os enquadramentos influenciam a organização da realidade, permitindo aos indivíduos “localizar, perceber, identificar e rotular um número aparentemente infinito de ocorrências concretas” (GOFFMAN, 1974, p. 21). Na sua descrição, Goffmann se preocupa mais em analisar os efeitos dos enquadramentos no público, ou seja, como o público recebe e interpreta as informações vindas da mídia.

Os estudos sobre enquadramento vieram também como tentativa de contrapor o “paradigma da objetividade”, que rege os princípios do jornalismo como conhecemos. No início da década de 1980, Robert Hackett (1993, *apud* PORTO, 2002) afirma que conceitos como “objetividade” e “imparcialidade” constituíam-se em ferramentas frágeis de análise, especialmente na comunicação política. Ele defendeu sua substituição pelo conceito de “orientação estruturada”, que seria um conjunto de regras e conceitos ativados por jornalistas ao produzirem conteúdos jornalísticos, não necessariamente de forma deliberada para manipular a informação. Esta orientação estruturada seria regida pelos enquadramentos aplicados às reportagens. Para James Tankard Jr. (2001, *apud* PORTO, 2002), o enquadramento pode ser utilizado como ferramenta empírica para analisar o papel da mídia na construção da hegemonia, no sentido gramsciano, de uma ordem moral e intelectual na sociedade. Amos Tversky e Daniel Kahneman (1981) defendem que a forma como determinados problemas são enquadrados e apresentados podem causar variações significativas nas preferências das pessoas. Em um de seus experimentos mais conhecidos, os dois autores apresentaram aos participantes a seguinte situação: os Estados Unidos se preparam para enfrentar um surto inesperado de uma doença que poderia matar 600 pessoas. Havia duas soluções propostas para enfrentar a questão: o Programa A permite a salvação de 200 pessoas, e o Programa B pode provocar a morte de 400 pessoas, o que, na prática resulta no mesmo fim. O programa A foi o escolhido por 72% das pessoas do primeiro grupo de participantes do estudo. Já entre os participantes do segundo grupo, o percentual de apoio ao mesmo programa foi de 22%. Kahneman e Tversky sugerem que os resultados do processo de formação de preferências podem ser alterados não apenas através da manipulação da informação factual, mas também através do seu enquadramento (*Apud* PORTO, 2002).

Outro experimento clássico sobre o enquadramento foi realizado por Todd Gitlin (1980), ao investigar a cobertura jornalística relacionada ao Students for a Democratic Society, um tradicional movimento estudantil dos EUA na década de 1960. Ele define enquadramentos da mídia como sendo

“padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos

organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira" (GITLIN, 1980, p.7).

A função de organização do discurso executada pelos enquadramentos também é destacada por Stephen Reese et al. (orgs., 2001, p.11), que oferece a seguinte definição operacional: "Os enquadramentos são princípios organizacionais que são socialmente partilhados e persistentes ao longo do tempo, que funcionam simbolicamente para a estruturação significativa do mundo social".

Ao fazerem um levantamento sobre as pesquisas relacionadas ao enquadramento, Vimeiro e Dantas (2009), identificaram dois grandes aspectos que envolvem os estudos sobre o tema: aqueles que investigam os enquadramentos da mídia e os que investigam os enquadramentos da audiência, do público. Aqui cabe ressaltar que a presente pesquisa não tem por objetivo investigar os efeitos dos determinados enquadramentos perante o público no caso empírico analisado. Importa, isso sim, entender como os enquadramentos são feitos pelos meios de comunicação para atingir a audiência. Neste sentido, mostra-se relevante para a pesquisa o estudo realizado por Robert Entman (1993), que avança na discussão realizada por Goffman, com foco não na audiência, mas nos mecanismos que formam o enquadramento. Entman dá a seguinte definição de enquadramento:

"Enquadrar é seleccionar algum aspecto de uma realidade percebida e torná-lo mais saliente num texto comunicativo, de tal forma a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito" (ENTMAN, 1993, p. 52).

O enquadramento, para o autor, está umbilicalmente ligado ao processo de seleção, hierarquização e saliência de fatos em um texto comunicativo, realizado pelos jornalistas. Como um fotógrafo, que decide pelo enquadramento qual cena será registrada por sua câmera, os jornalistas e editores de veículos de comunicação determinam não apenas qual aspecto da realidade será retratado, mas também *como* será retratado, ressaltando alguns fatos no texto, tornando-os mais visíveis do que outros. Para Entman (1993), "os frames selecionam e chamam a atenção para aspectos particulares da realidade descrita, o que

significa que, simultaneamente, eles tiram a atenção de outros aspectos”. Neste sentido, pode-se dizer que os enquadramentos utilizados pela mídia estruturam quais partes da realidade se tornam notícia.

William Gamson e André Modigliani (1989) trazem para a definição de enquadramento a noção de “pacote interpretativo”, mecanismo que abriga uma quantidade de símbolos condensados, chamados por eles de dispositivos, que apontam a ideia organizadora central, isto é, o enquadramento. Entre esses dispositivos podem estar metáforas, slogans, imagens, representações que indicam o que está em questão no texto, o cerne da significação. Para Gamson e Modigliani (1989), o pacote interpretativo pode ser resumido em uma “matriz de assinatura” que estabelece o enquadramento. A noção de pacote interpretativo está em alguma medida contida na definição de Jörg Mattes e Matthias Kohring (2008), que destacam elementos que se agrupam sistematicamente.

“[...] nós entendemos um enquadramento como um certo padrão em um dado texto que é composto por diversos elementos. Esses elementos não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos enquadramentos previamente definidos. Ao invés de codificar diretamente o enquadramento como um todo, nós sugerimos partir o enquadramento em seus elementos isolados, os quais podem ser mais facilmente codificados em uma análise de conteúdo. Depois disso, uma análise dos agrupamentos desses elementos deve revelar os enquadramentos. Isso significa que quando alguns elementos agrupam-se sistematicamente de uma forma específica, eles formam um padrão que pode ser identificado através de diversos textos em uma amostra. Nós chamamos esses padrões de enquadramentos” (MATTES e KOHRING, 2008, p. 263, *Apud* VIMIEIRO e MAIA, 2011).

Dietram Scheufele (1999) ampliou a discussão sobre enquadramentos da mídia e da audiência e propôs focar a análise no modo como o enquadramento é operacionalizado, se como variáveis dependentes ou independentes. A análise dos enquadramentos como variáveis dependentes examina o papel dos fatores que influenciam a criação ou modificação dos enquadramentos. No nível midiático, o enquadramento de um tema pode ser afetado por variáveis socioestruturais, organizacionais, individuais ou ideológicas. Em relação à audiência, o enquadramento como variável dependente está relacionado a como

os receptores são influenciados pela mensagem transmitida pela mídia. Sobre a análise de enquadramento como variável independente, Scheufele (1999) aponta que eles são mais utilizados para investigar os efeitos do enquadramento. No caso da mídia, os resultados dos enquadramentos estão ligados diretamente à percepção dos receptores e, no caso da audiência, a pesquisa investiga se o enquadramento individual dos assuntos influencia a avaliação de atores políticos (*Apud* Pozobon e Schaefer, 2015).

Importante estudo sobre o tema do enquadramento no Brasil foi realizado por Mauro Porto (2002), que fez um apanhado de pesquisas de enquadramento de mídia e política, acrescentando a descrição das etapas a serem vencidas e recomendações a serem seguidas para pesquisas utilizando esta ferramenta de análise. Segundo o autor, as pessoas frequentemente decidem de acordo com a forma como os temas são enquadrados, e que, portanto, os enquadramentos são importantes “instrumentos de poder” (PORTO, 2002).

As funções teóricas e analíticas desempenhadas pelo enquadramento guardam semelhança com outra ferramenta bastante popular de análise de influência da mídia sobre o público. Trata-se da hipótese da *Agenda-Setting*, que veremos a seguir. Sobre o enquadramento ter sido considerado como sendo um segundo nível da *Agenda-Setting*, Scheufele (1999) afirma que enquanto a *Agenda-Setting* se preocupa com a seleção e a saliências das matérias veiculadas (objeto), o enquadramento atenta à seleção e à saliência dos termos veiculados (atributos da transmissão). Há um esforço em se distinguir os conceitos de *Agenda-Setting* e enquadramento. Segundo Leandro Colling (2004), são duas coisas distintas:

“As hipóteses do agenda-setting fazem parte dos estudos norte-americanos em comunicação, pertencentes ao paradigma funcionalista, que reúne pesquisas preocupadas em analisar e detectar as funções dos meios e os efeitos causados sobre a audiência. [...] O framing, de um modo geral, é como temos que pensar os temas já estabelecidos pela agenda”. (COLLING, 2004)

1.2 – *Agenda-Setting*

Desde o início do século XX, a literatura relata o papel decisivo da imprensa na formação da opinião das pessoas sobre o mundo e a realidade à sua volta. Em 1922, o jornalista e escritor Walter Lippmann apontou que a opinião pública é construída a partir das reações dos seres humanos a um mundo percebido ou desenhado nas suas mentes. Lippmann contestou a ideia de que a opinião pública fosse produto da opinião expressa livremente pelos cidadãos e via a atuação da imprensa com elevado grau de desconfiança. O autor descreve que o “analista da opinião pública precisa começar reconhecendo a relação triangular entre a cena da ação, a imagem humana daquela cena e a resposta humana àquela imagem atuando sobre a cena da ação” (LIPPMANN, 2008, p.31).

Para ele, só seria possível a existência de uma opinião efetivamente pública quando o público dispusesse de “representações corretas” do mundo. Os veículos de comunicação, no entanto, não cumprem com sucesso esta finalidade, seja por estarem limitados a questões temporais e, na época, pela ausência de métodos sistemáticos na produção das notícias. Lippmann via como efeito uma opinião pública exposta a notícias com representações estereotipadas da realidade, construída por vários processos ou atalhos cognitivos e chamada por ele de “pseudoambiente”. Quem está “retratando” uma dada realidade também a está construindo. Afinal, como lembra Juan Aldama (2019), os estudos da linguística e da semiótica mostram que todo enunciado é resultado de um ato de enunciação que carrega em si os signos de tal ato e os estigmas da presença de um sujeito. “A enunciação introduz o sujeito enunciante no discurso e, portanto, a pergunta a ser colocada não é se esse discurso reflete fielmente uma ideia ou uma vontade política oculta, mas sim entender em nome de quem o sujeito está falando.” (ALDAMA, 2019, p.157)

O papel dos jornais como o agente que “desenha” esta realidade para o público foi destacado por Bernard Cohen, quando cunhou a conhecida afirmação de que os veículos noticiosos “podem não dizer às pessoas o que fazer, mas são bem-sucedidos em dizer a elas sobre o que pensar” (COHEN, 1963).

A prerrogativa da mídia de escolher os assuntos sobre os quais o público deverá debater foi testada empiricamente em 1972 por Maxwell McCombs e Donald

Shaw, que elaboraram os pilares do que ficou conhecida como hipótese da *Agenda-Setting* ou Teoria da Agenda. Seu pressuposto original é o de que elementos que os meios de comunicação de massa tornam proeminentes na apresentação dos assuntos públicos se tornam proeminentes nas imagens que o público faz do mundo (McCombs, 2009). Analisando as eleições presidenciais dos Estados Unidos de 1968 na cidade de Chapel Hill, os dois pesquisadores constataram que os meios de comunicação, por meio da seleção, disposição e incidência das notícias, impõem um conjunto seletivo de temas (agenda), que passam a ganhar notoriedade pública. A esta correspondência entre a agenda da mídia e a agenda do público, McCombs (2009) chama de primeira dimensão de agendamento.

A constatação provocou mudanças no paradigma vigente nos estudos de comunicação na época, que dizia que os veículos de comunicação de massa não manipulavam a audiência, promovendo “efeitos limitados” nas atitudes e opiniões do público (LAZARFELD, BERELSON E GALDET, 1944; KLAPPER, 1960). Para McCombs, as evidências apresentadas a partir de Chapel Hill, e estudos posteriores, comprovariam que há uma relação de causa e efeito entre a agenda da mídia e a agenda do público (McCOMBS, 2004, p.37). Testes empíricos foram realizados em países com distintas culturas e obtiveram resultados semelhantes sobre correlações substanciais entre as agendas da mídia e do público (BROSIUS, KEPPLINGER, 1990; IYENGAR, SIMON, 1993). Ao traçar a evolução das pesquisas sobre *Agenda-Setting*, Jennings Bryant e Dorina Miron (2004) analisaram 1.806 artigos em três revistas científicas americanas entre 1956 e 2000. Dos 576 *papers* referentes às teorias da comunicação, *Agenda-Setting* foi a mais mencionada, com 61 citações, junto com a teoria de Usos e Gratificações (BRYANT, J.; MIRON, 2004).

Apesar da extensa produção científica tendo *Agenda-Setting* como balizador, não há um consenso sobre sua definição teórica e há grande abrangência e variedade temática dos estudos sob esta perspectiva. Ao investigar a evolução das pesquisas sobre o tema e mostrar diferentes aplicações teóricas e metodológicas, Formiga (2006) aponta que a *Agenda-Setting* não está classificada como uma teoria, com sim como uma hipótese, e que o modelo é

incapaz demonstrar inequivocamente a relação de causalidade entre a agenda do público e da mídia.

“Os pesquisadores e revisores do modelo identificam, com clareza, vários pontos débeis da teoria. A incapacidade de comprovação empírica da relação de causalidade entre a agenda dos meios de comunicação e a agenda do público ainda concentra a maior parte das críticas. A urgente necessidade de isolamento das variáveis externas também constitui uma importante preocupação dos pesquisadores. A despeito da visceral defesa teórica do pai da criança – McCombs –, a comunidade acadêmica está consciente das lacunas do modelo”. (FORMIGA, 2006, p.88)

Apesar das críticas, a correspondência entre as agendas da mídia e do público foi constatada por McCombs (2009) também nos detalhes das imagens veiculadas pela mídia. Para o autor, os meios de comunicação de massa selecionam e dão ênfase a determinadas características de um objeto nas notícias sobre este objeto. Ele chama este fenômeno de agendamento de atributos ou agendamento de segunda dimensão, mas também pode ser chamado de enquadramento. McCombs diz que tanto o enquadramento quanto o agendamento de atributos “chamam nossa atenção às perspectivas dos comunicadores e de suas audiências, como eles fotografam os assuntos nas notícias” (2009, p. 137).

No período eleitoral, os atributos manipulados pela *Agenda-Setting* são as características dos candidatos. Suas biografias, principais bandeiras políticas, sua retidão e probidade públicas, entre outros. Para McCombs (2009), estes atributos serão o padrão daquilo que é falado sobre os candidatos. Assim, comparando o ranking desses atributos eleitos na agenda da mídia com a agenda pública, por meio de análise de conteúdos e de perguntas abertas que medem a atenção do público a determinados assuntos, encontra-se, segundo o autor, correlações estritas entre as agendas. “A comparação das descrições dos candidatos políticos e dos temas públicos na mídia com estas descrições dos mesmos objetos pelo público revela um alto grau de correspondência em seu conteúdo” (*Op. cit.* p.133).

Um dos principais efeitos do agendamento é o que McCombs chama de sugestionamento (*priming*) das perspectivas que guiarão as opiniões do público, especialmente sobre as figuras públicas. Diz ele:

“A base psicológica do efeito de sugestionamento é a atenção seletiva do público. (...) Em vez de se envolver numa análise compreensiva baseada em seu estoque de informação, a maioria dos cidadãos rotineiramente utiliza aquelas pitadas de informação que são particularmente salientes no momento em que o julgamento precisa ser feito.” (McCombs, 2009, p.187)

Os processos pelos quais determinados acontecimentos viram notícias nos meios de comunicação também podem ser explicados pela teoria do *Gatekeeping*, cujo primeiro modelo de estudo foi realizado pelo psicólogo alemão Kurt Lewin em 1947. *Gatekeeping* é caracterizado pelo processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação numa quantidade limitada de mensagens que chega às pessoas diariamente (SHOEMAKER e VOS, 2009). Os construtos centrais da teoria do *Gatekeeping* são os portões e os *gatekeepers* são descritos como “porteiros”, ou os jornalistas que fazem a filtragem dos conteúdos que podem ser notícia de acordo com determinados critérios, como a linha editorial do veículo, o alcance de impacto na audiência e as rotinas de produção jornalísticas. Exemplos clássicos de *gatekeepers* são os repórteres, editores, diretores de redação, chefes de reportagem e donos de veículos de comunicação.

Segundo Shoemaker e Vos (2009), o efeito mais óbvio do *gatekeeping* na audiência é forjar o seu mapa cognitivo. O processo de *gatekeeping* pode afetar diretamente atitudes e opiniões da audiência, de modo que, tanto mensagens de apoio quanto mensagens conflitantes, atravessam os “portões”. A unidade informacional que restará ao final deste processo pode se tornar parte da realidade social das pessoas.

Para atravessar os portões do processo de *gatekeeping*, as informações devem conter algum grau de valor-notícia. Ao fazer levantamento da literatura sobre os critérios de noticiabilidade, Silva (2005) traz várias definições para esta série de critérios pelos quais jornalistas, editores e veículos de comunicação definem o que é um fato noticiável. A presença ou ausência de determinados atributos

em um acontecimento aumentam ou diminuem suas chances de virar notícia. Galtung e Ruge (1965), ao investigar como os acontecimentos se transformam em notícias, chegaram a doze valores-notícia: frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo. Wolf (2003) enfatiza como valores-notícia a importância do indivíduo (o seu nível hierárquico na sociedade), a influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas e relevância quanto à evolução futura. Schoemaker e Vos (2009) destacam que as notícias trazem alguns ou todos os seguintes fatores: timing; proximidade; importância impacto ou consequência; interesse/ conflito ou controvérsia; sensacionalismo; proeminência; e novidade, estranheza ou raridade. Gans (1980) avalia que um acontecimento se transforma em notícia quando há nele importância, interesse, novidade, qualidade e também equilíbrio.

Os valores-notícia constituem referências para a operacionalidade de análises de notícias, permitindo identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa, o que propicia percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias. (SILVA, 2005)

“Delimitar valores-notícia separadamente do conceito de seleção de notícias, definir valores-notícia como atributos do acontecimento e reconhecê-los ao mesmo tempo como construção social e cultural é apenas um primeiro procedimento para pensar a noticiabilidade, cujo processo exige muitas outras reflexões, passando, como etapas seguintes, pelo tratamento dos fatos noticiosos e pela interpretação que a notícia faz desses acontecimentos.” (SILVA, 2005, p. 106)

1.3 – Paralelismo Político

O conceito de “Paralelismo Político” foi cunhado inicialmente por Seymour-Ure (1974) e expandido por Blumler e Gurevitch (1995), mas ganhou relevância após Hallin e Mancini (2010) utilizarem-no em seu projeto de comparação dos sistemas de mídia e sua relação com a política. Sua definição trouxe elementos novos para a Comunicação Política e permitiu analisar sob prisma diferente o tradicional modelo norte-americano de “jornalismo independente”, pautado pelos

conceitos de objetividade, imparcialidade e pluralidade. Hallin e Mancini (2010) utilizam o conceito de Paralelismo Político para definir a natureza e grau da relação mantida entre os meios de comunicação de massa e os partidos ou organizações políticas. Paralelismo Político está relacionado com os conceitos de diversidade externa e interna (MCQUAIL, 2012), na medida em que se refere basicamente à disposição de cada sistema de mídia de refletir de forma equilibrada ou desequilibrada a diversidade de orientações políticas existente na sociedade avaliada.

Analisando 18 países da América do Norte e da Europa Ocidental, dotados de padrões socioeconômicos e instituições políticas mais ou menos semelhantes, Hallin e Mancini criaram esse modelo conceitual de relação entre organizações políticas e sistemas de mídia baseado em três denominações: Liberal, Corporativista Democrático e Pluralista Polarizado. Quatro dimensões analíticas viabilizam a comparação entre esses sistemas: 1) o desenvolvimento dos mercados midiáticos; 2) o paralelismo político; 3) o desenvolvimento do profissionalismo jornalístico e 4) o grau e natureza da intervenção do Estado no sistema midiático. Note-se que Hallin e Mancini categorizam o paralelismo político como uma variável, dependente da combinação de circunstâncias específicas e sujeita a variações em cada sociedade analisada. A prática do paralelismo político nos meios de comunicação está ligada, segundo Hallin e Mancini (2010), a cinco elementos principais: as conexões organizacionais entre veículos e partidos, o caráter partidário da audiência, o conteúdo dos meios, a atuação política dos jornalistas e a concepção do jornalista como publicista, ao invés de um propagador de informação “neutra”.

Entre os modelos criados pelos autores, o Liberal seria o que predominou nos Estados Unidos, caracterizando-se pela ênfase na informação, uma pretensa posição de neutralidade em relação à notícia tendo, portanto, uma menor incidência de paralelismo político. Estados Unidos, Canadá e Inglaterra são alguns dos maiores países que praticam o modelo liberal, associado também ao chamado “jornalismo independente”. Ainda conforme Hallin e Mancini (2010), o modelo Corporativista Democrático é desenvolvido em países como Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha e Suíça, e caracteriza-se por uma posição intermediária em relação à incidência de paralelismo político. O sistema

é marcado por liberdade de imprensa, onde o princípio da separação entre comentário e reportagem – associado ao modelo de jornalismo “independente” – convive com determinado nível de alinhamento político por parte dos jornais. Já o modelo Pluralista Polarizado é o que detém a maior incidência de paralelismo político, de acordo com a conceituação de Hallin e Mancini. Há nele forte presença de opinião, os jornais representam tendências políticas distintas e podem atuar como ativistas de determinadas causas, e uma linha tênue separa a atuação de jornalistas e políticos.

Afonso de Albuquerque (2012) alertou para os limites do uso do conceito de paralelismo político formulado por Hallin e Mancini para os analisar conexões entre os sistemas políticos e midiáticos em contextos diferentes daqueles que foram representados na amostra original, publicada em 2004. O pesquisador brasileiro lembra que o conceito de paralelismo político remete em alguma medida ao conceito de “democracia de partido”, formulado por Bernard Manin (1995; 2013), que está associado ao contexto da Europa Ocidental entre o final do século XIX e o final do século XX. Albuquerque (2012) defende que o conceito de paralelismo político tal como exposto por Hallin e Mancini deve ser compreendido como um modelo específico de conexão entre mídia e política, e não como alternativa teórica ao modelo de ‘jornalismo independente’. Ele cita reconsideração feita em 2011 pelos próprios Hallin e Mancini, na qual eles reconhecem que os três modelos originais não são transportáveis para além do corpus original da análise sem algumas adaptações metodológicas.

“O conceito de paralelismo político somente pode ser adequadamente aplicado na medida em que duas circunstâncias se apresentem: 1) a existência de um sistema político estruturado em torno de clivagens relativamente estáveis; 2) uma mídia politicamente ativa, cuja atuação reflete um posicionamento claro diante destas clivagens” (ALBUQUERQUE, 2012, p.7)

Seguindo a classificação elaborada por Hallin e Mancini, Fernando Azevedo (2006; 2017) avaliou o sistema de mídia do Brasil e observou que, pelas suas características históricas – de monopólio familiar dos meios de comunicação de massa, pequena diversidade externa do ponto de vista político, hegemonia do viés conservador e baixa circulação dos jornais – o sistema midiático brasileiro pode ser classificado como pluralista polarizado.

No Brasil, a literatura aponta que a relação da chamada “grande imprensa” com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é de parcialidade e oposição (AZEVEDO, 2017). Segundo o autor, nas sete eleições presidenciais entre 1989 e 2014, os jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo dedicaram uma ampla maioria de manchetes e editoriais negativos a Lula e ao PT. No *Estado*, por exemplo, de todos os editoriais publicados sobre o assunto, 90% eram negativos. A imagem predominante construída pelos três jornais sobre Lula e o PT variou de radical e populista a corrupto nesse período de 25 anos. Este dado aponta para uma mídia politicamente ativa nos moldes descritos por Albuquerque (2012).

Na mesma linha, Alessandra Aldé, Gabriel Mendes e Marcus Figueiredo (2007), ao analisarem a cobertura da Folha, Globo, e *Estado* nas eleições presidenciais de 2006, polarizada entre Lula, do PT, e Geraldo Alckmin, do PSDB, destacaram as diferenças no tratamento conferido pelos jornais aos candidatos, de amplificação de certos temas negativamente associados a Lula, e de benevolência ao lidar com temas espinhosos relacionados aos seus adversários.

CAPÍTULO 2 - CENÁRIO ELEITORAL DE 2018

As eleições presidenciais de 2018 foram disputadas por 13 candidatos no primeiro turno, realizado no dia 7 de outubro. O segundo turno ocorreu no dia 28 de outubro, entre os candidatos Jair Bolsonaro, do PSL, e Fernando Haddad, do PT. O pleito se deu sob regras diferentes em relação ao de 2014, após a aprovação pelo Congresso Nacional de três dispositivos da legislação: o primeiro foi em 2015, com a aprovação da Lei nº 13.165/2015, depois, em 2017, com da Lei 13.488/2017 e a Emenda Constitucional 97/2017.

Entre as principais alterações nas regras da corrida eleitoral está o fim de doações de empresas para candidatos. O principal meio de financiamento da campanha foi feito pelo Fundo Especial de Financiamento de Campanha, criado pela Lei 13.487, no valor de R\$ 1,716 bilhão em recursos públicos. Os critérios definidos pelo TSE para divisão do fundo foram a destinação de 2% igualmente entre todos os partidos e o restante variando conforme a votação do partido e a representação no Congresso nas duas Casas - Câmara e Senado - apurado em 28 de agosto de 2017. As campanhas também receberam dinheiro do Fundo Partidário, que em 2018 contou com orçamento de R\$ 888,7 milhões, dividido entre as 35 legendas registradas no TSE, de acordo com a proporcionalidade do tamanho da bancada de cada partido na Câmara dos Deputados. Além destas duas fontes de recursos, a Justiça Eleitoral também permitiu que candidatos recebessem doações de pessoas físicas até o limite de 10% do rendimento bruto do ano anterior ao das eleições, e autorizou a arrecadação por mecanismos de financiamento coletivo na internet, conhecidos como “*crowdfunding*” ou vaquinhas virtuais. Outra novidade em relação às eleições presidenciais de 2014 foi a liberação do impulsionamento de conteúdo nas redes sociais, praticado por empresas especializadas. As campanhas presidenciais tiveram um limite total de gastos de R\$ 70 milhões de reais no primeiro turno e de R\$ 35 milhões no segundo turno. Houve ainda alteração relevante na campanha eleitoral de 2018 em comparação com a de 2014 em relativa à sua duração. O tempo de realização da campanha foi reduzido de 90 dias para 45 dias, mudança realizada ainda em 2015, que passou a valer para as eleições municipais de 2016 (ALVES e LIMA, 2018). Em 2018, no primeiro turno, o HGPE começou no dia 31 de julho e foi até 4 de outubro. No segundo turno, a propaganda eleitoral se deu entre 12

e 26 de outubro. O tempo de cada candidato foi definido pelo TSE, por meio de Resolução aprovada no dia 28 de julho de 2018. A Tabela 1 mostra os candidatos a presidente que disputaram o primeiro turno das eleições de 2018, seus respectivos partidos, coligações que os apoiaram e o tempo de propaganda no rádio e televisão:

TABELA 1 – CANDIDATOS A PRESIDENTE, PARTIDOS, COLIGAÇÕES E TEMPO DE HGPE

Candidato	Partido	Partidos que apoiaram	Propaganda no rádio e TV
Geraldo Alckmin	PSDB	PRB, PP, PTB, PR, PPS, DEM, PSD, SDD	5min32seg + 434 inserções de 30 seg
Lula/Fernando Haddad	PT	PCdoB, PROS	2min23seg + 189 inserções de 30 seg
Henrique Meirelles	MDB	PHS	1min55seg + 151 inserções de 30 seg
Alvaro Dias	PODE	PSC, PTC, PRP	40seg + 53 inserções de 30 seg
Ciro Gomes	PDT	AVANTE	38 seg + 51 inserções de 30 seg
Marina Silva	REDE	PV	21seg +29 inserções de 30 seg
Guilherme Boulos	PSOL	PCB	13seg + 17 inserções de 30 seg
Cabo Daciolo	PATRI	-	8seg + 11 inserções de 30 seg
José Maria Eymael	DC	-	8seg + 12 inserções de 30 seg
Jair Bolsonaro	PSL	-	8seg + 11 inserções de 30 seg
João Amoêdo	NOVO	-	5seg + 8 inserções de 30 seg
João Goulart Filho	PPL	-	5seg + 7 inserções de 30 seg
Vera Lúcia	PSTU	-	5seg + 8 inserções de 30 seg

FONTE: Elaboração própria.

Diferentemente das últimas seis eleições presidenciais, o pleito de 2018 não foi protagonizado pela disputa entre PT e PSDB. Mas entre PT e PSL, representado por Jair Bolsonaro. O capitão reformado do Exército e deputado federal usou como bandeiras principais da campanha a defesa da violência, do uso de armas de fogo, além de ser conhecido por declarações de caráter misógino, racista e homofóbico.

No dia 6 de setembro, o candidato Jair Bolsonaro foi vítima de um atentado a faca, durante ato de campanha na cidade de Juiz de Fora (MG), fato que provocou repercussões na disputa eleitoral. Bolsonaro era carregado nos ombros por apoiadores quando um homem se aproximou e o feriu na barriga. O candidato do PSL foi submetido a uma cirurgia de emergência no hospital Santa Casa da cidade. Segundo a equipe médica da Santa Casa, ele teve o intestino grosso, o intestino delgado e uma veia do abdômen atingidos pela facada. O autor do ataque, Adélio Bispo de Oliveira, foi preso em flagrante e confessou o crime. Em depoimento à Polícia Federal, ele contou que agiu sozinho, sem motivação político-partidária, e que executou o ataque contra Bolsonaro após ouvir um “chamado de Deus”³. Bolsonaro permaneceu fora de atividades externas da campanha eleitoral durante os 30 dias seguintes. Ou seja, não participou de passeatas, debates e entrevistas durante o restante do primeiro turno eleitoral. O fato repercutiu amplamente na mídia nacional e internacional. No dia do ataque, o Jornal Nacional, telejornal de maior audiência da TV Globo, veiculou reportagem de 22 minutos de duração⁴ sobre o episódio. Jair Bolsonaro passou a ser representado em atos de campanha pelos filhos – o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL), então candidato à reeleição; o deputado estadual Flávio Bolsonaro (PSL), então candidato a senador e o vereador da cidade do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro (PSL) – e também pelo candidato a vice-presidente, Hamilton Mourão (PRTB).

Deysi Cioccarri (2018), ao analisar a temática da violência e do ódio no debate eleitoral em 2018 por meio de matérias dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado

³ No dia 27 de junho de 2019, o juiz federal Bruno Savino, da 3ª vara da Justiça Federal em Juiz de Fora, afirmou que Adélio Bispo de Oliveira tem Transtorno Delirante Persistente e é inimputável e converteu sua prisão preventiva em internação por tempo indeterminado. Até dia 10 set. 2019, Adélio permanecia no presídio de Campo Grande.

⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7002321/>>. Acesso em 09 set. 2019.

de S. Paulo entre 15 de abril e 29 de outubro de 2018, aponta que o episódio da facada pode ter tido contribuição decisiva no resultado das eleições presidenciais. No dia em que foi alvo da facada, 6 de setembro, Bolsonaro aparecia com 22% de intenções de voto, segundo pesquisa Ibope, publicada no Estado de S. Paulo. Após o ataque, Bolsonaro praticamente eliminou sua exposição negativa da opinião pública. Não compareceu a debates, foi poupado por adversários e viu seu nome ocupar o centro do noticiário (PORTO, NEVES e LIMA, 2019).

“Sua imagem, que sempre esteve presente nos jornais, ficou mais espetacularizada ainda. A história de Bolsonaro criou uma narrativa digna de novela: o protagonista sofre um atentado, fica entre a vida e a morte gerando expectativa nos eleitores (espectadores), então sobrevive, mas frágil ainda lida com os sonhos (da presidência) e medos de quem sofreu. Tudo aos olhos atentos do público. (...) O desfecho para Bolsonaro foi ganhando contornos mais espetaculares ainda quando ele permanece 45 minutos num dos programas de maior audiência da Rede Bandeirantes (Brasil Urgente) e 11 minutos no dia seguinte no Jornal Nacional, e um dos maiores líderes evangélicos (Bispo Edir Macedo) declara seu apoio a ele. Tudo isso enquanto ele luta pela vida. As intenções de voto dispararam, afinal, exposição em TV aberta fazem com Bolsonaro o que 20 minutos de Horário Eleitoral não fazem com Alckmin” (CIOCARI, 2018, pp. 141)

Na última pesquisa Ibope⁵ divulgada antes do primeiro turno, Jair Bolsonaro aparecia em primeiro, com 41% de intenções de voto, seguido por Fernando Haddad, com 25%, e Ciro Gomes, com 13%.

As eleições de 2018 também foram marcadas pela divulgação de notícias falsas, com uso de tecnologias de disseminação em massa. No dia 18 de outubro de 2018, o jornal Folha de S. Paulo denunciou em reportagem que empresas compraram pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Cada contrato de disparos de mensagens chegaria ao valor de R\$ 12 milhões e seria bancado por empresas apoiadoras da campanha de Jair Bolsonaro, numa prática vedada pela

⁵ UOL. No último Ibope do 1º turno, Bolsonaro tem 41%; Haddad, 25%; Ciro, 13%. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/06/ultima-pesquisa-ibope-do-1-turno-bolsonaro-haddad-ciro.htm>> Acesso em 10 set. 2019.

legislação por se tratar de doação de campanha por empresas⁶. Com base na revelação, o PT ajuizou no TSE uma Ação de Investigação Judicial Eleitoral contra a campanha de Jair Bolsonaro⁷. A Tabela 2 mostra que o resultado oficial do primeiro turno das eleições de 2018 foi o seguinte:

TABELA 2 – VOTAÇÃO DO PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018

Candidato	Partido	Votação	Percentual
Jair Bolsonaro	PSL	49.276.990	46,03%
Fernando Haddad	PT	31.342.005	29,28%
Ciro Gomes	PDT	13.344.366	12,47%
Geraldo Alckmin	PSDB	5.096.349	4,76%
João Amoêdo	NOVO	2.679.744	2,50%
Cabo Daciolo	PATRI	1.348.323	1,26%
Henrique Meirelles	MDB	1.288.948	1,20%
Marina Silva	REDE	1.069.577	1,00%
Alvaro Dias	PODE	859.601	0,80%
Guilherme Boulos	PSOL	617.122	0,58%
Vera Lúcia	PSTU	55.762	0,05%
José Maria Eymael	DC	41.710	0,04%
João Goulart Filho	PPL	30.176	0,03%
Votos Brancos	-	3.106.936	2,65%
Votos Nulos	-	7.206.205	6,14%

FONTE: TSE

2.1. Lula no cenário eleitoral

É no contexto de atuação política da mídia e de polarização política crescente que se inserem os acontecimentos relacionados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Eleito pelo PT sob um programa de centro-esquerda (SINGER, 2012), Lula governou o Brasil por dois mandatos (2003-2010) e deixou o governo com 87% de aprovação popular, sendo o maior percentual de um presidente desde a redemocratização⁸. É considerado o melhor presidente que o País já teve por 55% da população⁹. Ao longo dos oito anos do governo Lula, a pobreza

⁶ Jornal Folha de S. Paulo. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acesso em 10 set 2019.

⁷ Até o dia 12 set. 2019, a ação tramitava no TSE sob a relatoria do ministro Jorge Mussi.

⁸ Pesquisa Ibope/CNI, divulgada em 16 dez. 2010. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html> Acesso em 10 set 2019

⁹ Pesquisa Vox Populi, divulgada em 17 abr. 2018. Disponível em https://www.brasil247.com/attachment/982/Novo-Relatorio-VOX-.pdf?g_download=1. Acesso em 10 set. 2019

foi reduzida em 50,6% no País, segundo estudo da FGV¹⁰. O desempenho do PIB nos governos Lula registrou crescimento médio de 3,5% no primeiro mandato, e de 4,6% no segundo, acima dos 2,5% e 2,1% de crescimento dos governos anteriores de Fernando Henrique Cardoso. Na era Lula, a taxa de desemprego caiu de 10,5% em dezembro de 2002 para 5,3% em dezembro de 2010. No mesmo período, salário mínimo aumentou 54% em termos reais (MARQUES e ANDRADE, 2015).

Embalado pelos indicadores econômicos e sociais, em 2010, Lula elegeu sua sucessora na Presidência da República, Dilma Rousseff, primeira mulher a presidir o Brasil, que por sua vez foi reeleita em 2014. Em 2016, Dilma foi retirada do poder após um controverso processo de impeachment, classificado como golpe parlamentar por analistas e pesquisadores (JINKINS et al orgs., 2016; DIAS e SEGURADO, 2018; ALBUQUERQUE, 2018), assumindo em seu lugar o então vice-presidente, Michel Temer, do PMDB. O tema, entretanto, divide opiniões na academia e há estudos que retratam o impeachment de Dilma Rousseff como procedimento legítimo, amparado pela Constituição e sob a vigilância do Poder Judiciário (NUNES e MELO, 2017; NOGUEIRA, 2016).

Também em 2016 as ações da Operação Lava Jato tiveram Lula como foco principal. Na maioria dos casos com intensa cobertura dos meios de comunicação. No dia 4 de março, Lula foi alvo de mandado de busca e apreensão em sua residência, em São Bernardo do Campo (SP), e de condução coercitiva, quando alguém é obrigado pela Justiça a comparecer a uma delegacia para prestar depoimento. A decisão foi do juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara da Justiça Federal de Curitiba. Lula foi levado a uma sala da Polícia Federal no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e lá prestou depoimento durante seis horas, sobre a suspeita de ter sido favorecido por empreiteiras e pelo pecuarista José Carlos Bumlai por meio de reformas em um sítio no município de Atibaia e em um apartamento triplex no Guarujá, ambos no estado de São Paulo. Durante o cumprimento do mandado de busca e apreensão na residência de Lula, agentes da Polícia Federal filmaram toda a ação. Posteriormente, parte

¹⁰ Pesquisa “Desigualdade de Renda na Década: FGV/CPS, 2011. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/21938/Texto-Principal-Desigualdade-de-Renda-na-Decada.pdf> Acesso em 10 set. 2019

deste material foi utilizado na elaboração de um filme que retratava a operação Lava Jato sob o ponto de vista da Polícia Federal, e que tinha Lula como um dos personagens principais. O filme “Polícia Federal – A Lei é para todos” estreou em salas de cinema de todo o País no dia 7 de setembro de 2017. A cobertura do Jornal Nacional à condução coercitiva de Lula é representativa sobre a atuação da mídia em relação do ex-presidente. O telejornal da TV Globo, que tem a maior audiência da televisão aberta do País, teve sua duração média expandida de 45 minutos das edições de sexta-feira para 1 hora e 15 minutos. Deste total, 63 minutos foram dedicados a Lula e a todos os aspectos relacionados à sua condução coercitiva (BRUM, 2017)¹¹.

No dia 16 de março de 2016, o juiz federal Sérgio Moro divulgou o conteúdo de uma interceptação telefônica que mostrava conversa da então presidente Dilma Rousseff com o ex-presidente Lula, na qual tratavam da nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. No despacho em que autorizou a publicidade ao diálogo, Sergio Moro argumentou que se tratava de um “ato de obstrução da Justiça” que visava garantir foro privilegiado a Lula, supostamente dificultando as investigações contra ele na Lava Jato¹². A legalidade da decisão de Moro foi questionada pelo governo e por dezenas de juristas. Dois depois da decisão de Moro, em 18 de março, o ministro Gilmar Mendes, em decisão monocrática, acatou um pedido do PPS, partido de oposição ao governo, e suspendeu o ato da presidente Dilma Rousseff que nomeou Lula ministro da Casa Civil¹³. Citando a divulgação das gravações feita por Sérgio Moro, Mendes argumentou que a nomeação de Lula seria um caso de “ilícito atípico”, que tem “aparência de legalidade”, e que “destoa da razão que a justifica, escapa ao princípio e ao interesse que lhe é subjacente”. O então ministro Teori Zavascki, do STF, em decisão dia 22 de março de 2016, classificou a medida de Sérgio Moro como “inconstitucional”, apontou que o juiz decidiu “sem nenhuma das cautelas exigidas em lei” e destacou que, ao constatar que conversas de Lula com

¹¹ Utilizada desde 2014 como um dos principais instrumentos da operação Lava Jato, a condução coercitiva para fins de interrogatório foi declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal em 14 jun. 2018, atendendo a ações movidas pelo Partido dos Trabalhadores e Ordem dos Advogados do Brasil.

¹² Despacho do juiz Sérgio Moro de 16 mar. 2016. Íntegra disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/decisao-levantamento-sigilo.pdf> Acesso em 21 jul. 2018.

¹³ Decisão do ministro Gilmar Mendes de 18 mar. 2016. Íntegra disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/gilmar-suspende-lula-casa-civil.pdf> Acesso em 21 jul. 2018.

autoridades com prerrogativa de foro, no caso, a presidente da República, foram gravadas e anexadas ao processo, deveria ter enviado os autos ao Supremo, para que a corte decidisse sobre o caso¹⁴. Apesar disso, a decisão de Gilmar Mendes permaneceu em vigor, impedindo a posse de Lula e contribuindo para a deterioração do quadro político do governo Dilma Rousseff¹⁵.

No dia 14 de setembro de 2016, quando Lula foi denunciado à Justiça pelo Ministério Público Federal (MPF) pelos supostos crimes de acusação de corrupção e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá. O MPF afirmou que Lula recebeu R\$ 3,7 milhões em propinas pagas pela OAS oriundas de contratos da Petrobras. Segundo a acusação, o dinheiro foi investido na reforma do triplex. A OAS também pagou pelo transporte e armazenamento de bens do petista. Na coletiva de imprensa em que os procuradores da Lava Jato detalharam a denúncia, Lula foi descrito como o “maestro”, o “grande general” que comandou um esquema de arrecadação de propinas em contratos da Petrobras. Nem aos jornalistas, nem à Justiça foram apresentadas provas da participação de Lula nos delitos a ele imputados. Falou-se em “convicção”. Para justificar esta convicção de que Lula orquestrou o esquema de corrupção na Petrobras, o procurador Deltan Dallagnol apresentou um slide de *Powerpoint* em que Lula era retratado ao centro e várias acusações apontando contra ele, num petardo semiótico que viralizou nas redes sociais digitais.

Em 17 de julho de 2017, o ex-presidente Lula foi condenado a 9 anos e 6 meses de prisão, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, pelo juiz federal Sérgio Moro. A sentença é alvo de várias críticas, sendo considerada injusta por inúmeros juristas, nacionais e internacionais¹⁶, que atestam ausência de provas

¹⁴ Decisão do ministro Teori Zavascki de 22 mar. 2016. Íntegra disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/lava-jato-grampos-ilegais-lula-dilma.pdf> Acesso em 21 jul. 2018.

¹⁵ Em 14 fev. 2017, caso semelhante à nomeação de Lula obteve entendimento diferente pelo ministro Celso de Mello, que manteve a nomeação e a posse do ministro Wellington Moreira Franco para o cargo de Secretário-Geral da Presidência da República, feita pelo presidente Michel Temer em 3 dez. 2017. Íntegra da decisão disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/wp-content/uploads/sites/352/2017/02/MS-34.609-MC-DF-Decis%C3%A3o.pdf> Acesso em 21 jul. 2018.

¹⁶ Jornal El País, em 9 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/09/politica/1533836703_194165.html. Acesso em 16 mai. 2018.

contra o ex-presidente Lula no processo, bem como acusam o juiz Sérgio Moro de parcialidade e perseguição política (PRONER et al orgs., 2017)¹⁷.

Em 24 de janeiro de 2018, a 8ª Turma do TRF-4 julgou o recurso de Lula contra a sua condenação. Os três desembargadores federais que integravam a Turma – João Pedro Gebran Neto, Leandro Paulsen e Victor Laus – confirmaram por unanimidade a sentença do juiz Sérgio Moro contra Lula, e ainda aumentaram sua pena para 12 anos e um mês de prisão¹⁸. Com base na decisão de 5 de outubro de 2016 do STF¹⁹, que mudou a jurisprudência adotada até então e passou a permitir a execução da pena após a condenação em segunda instância, o ex-presidente Lula teve sua prisão decretada no dia 5 de abril de 2018.

Poucas horas antes, na madrugada de 5 de abril, o STF negou pedido de habeas corpus ao ex-presidente, num julgamento que dividiu os ministros da Suprema Corte e foi decidido pela presidente, ministra Carmen Lúcia, finalizando em 6 votos a 5 pela manutenção da prisão após condenação em segunda instância. A ordem de prisão de Lula foi objeto de manifestações populares em vários pontos do País e também no exterior. Expedida a decisão judicial, Lula se abrigou por dois dias no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP), onde recebeu apoio de milhares de pessoas, que defendiam o não cumprimento da sentença. Lula decidiu entregar-se à Polícia Federal para o cumprimento da pena no dia 7 de abril, quando foi levado para uma cela na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, onde permaneceu preso por 580 dias²⁰.

Até a decisão final do TSE que impediu sua candidatura, Lula liderou as intenções de voto. Em pesquisa do Datafolha, de 22 de agosto de 2018, o petista aparecia com 39% de intenções de voto, 20 pontos à frente do segundo

¹⁷ Em 16 nov. 2018, um ano e quatro meses após a sentença contra Lula, Sérgio Moro pediu exoneração do cargo de juiz para assumir o cargo de Ministro da Justiça e Segurança Pública do governo eleito de Jair Bolsonaro.

¹⁸ Em 23 abr. 2019, a 5ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) manteve a condenação de Lula por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, mas reduziu sua pena para 8 anos e 10 meses de prisão.

¹⁹ Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=326754>. Acesso em 16 mai. 2019.

²⁰ Lula deixou a prisão no dia 8 nov. 2019, após decisão do Supremo Tribunal Federal, que reconheceu o direito de réus condenados responderem em liberdade até julgamento do último recurso.

colocado, Jair Bolsonaro (PSL), que tinha 19%. Lula liderava em todos extratos da população, por gênero, faixa etária, escolaridade e renda familiar²¹. Antes disso, pesquisa CNT/DMA²², realizada entre os dias 9 e 12 de maio, mostrou que 25,6% dos entrevistados disseram que Lula seria o único candidato em quem votariam. 51% consideraram sua prisão injusta. A percepção do Poder Judiciário também foi negativamente atingida, segundo a pesquisa: 89,3% disseram que o Judiciário seria pouco ou nada confiável, e 90,3% dos entrevistados acreditavam que a Justiça brasileira não trata todos de maneira igual.

Após Lula ter sua candidatura indeferida, o PT oficializou no dia 11 de setembro de 2018 a indicação do ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, do PT, como seu candidato substituto, e este acabou sendo derrotado por Jair Bolsonaro no segundo turno eleitoral.

²¹ Portal G1, de 22 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-de-22-de-agosto-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-e-religiao.ghtml>. Acesso em 25 out. 2019.

²² Pesquisa CNT/MDA, divulgada em 14 de maio de 2018. Disponível em: http://cms.cnt.org.br/Imagens%20CNT/PDFs%20CNT/Pesquisa%20CNT%20MDA/resultados_r elatorio_cnt_mda_136.pdf Acesso em 20 jul. 2018.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo detalha-se a metodologia utilizada para analisar as manchetes principais e os editoriais dos três jornais durante o período escolhido. Na primeira parte, é apresentado o recorte temporal, a questão de pesquisa e a hipótese que guiou o estudo. Na segunda parte apresenta-se a metodologia para análise das manchetes e a descrição das categorias de classificação. E em seguida mostra-se a metodologia para análise dos editoriais e suas categorias de classificação.

Esta pesquisa investiga a cobertura dada pelos três *quality papers*²³ de circulação nacional – Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo à tentativa de candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva a presidente pelo PT em 2018. Para isso, utilizou-se como unidades de análise as manchetes principais e editoriais publicados pelos veículos entre os dias 8 de junho e 12 de setembro. Durante este intervalo, foram publicadas 291 manchetes e 657 editoriais por Folha, Globo e *Estado*, resultando em um universo de 948 unidades de análise. Deste universo, foram extraídas todas as manchetes e editoriais que continham qualquer relação com o objeto. Esta seleção resultou em 49 manchetes e 124 editoriais, sendo o somatório dos dois, 173, o ‘n’ da pesquisa.

O material coletado está distribuído da seguinte maneira: na parte noticiosa, foram 97 manchetes principais (uma por dia) para cada jornal, totalizando 291 chamadas de capa; já nas páginas de opinião, foram 186 editoriais da Folha de S. Paulo, que publica normalmente dois editoriais por dia; 180 editoriais do Globo, que traz dois editoriais por dia; e 285 editoriais do Estado de S. Paulo, que publica três editoriais em cada edição²⁴. Foram analisados apenas os editoriais dos jornais, sendo excluídos textos de articulistas e colaboradores dos veículos nas páginas de opinião. Tanto as manchetes quanto os editoriais foram coletados nas páginas dos jornais na internet, e se encontram em formato PDF da forma como publicados na edição impressa.

²³ A expressão *Quality Paper* caracteriza jornais impressos com linha editorial que privilegia público com maior poder aquisitivo, com maior destaque para temas de política, economia, administração pública e cultura, além de comercializar seus exemplares em bancas e vender assinaturas.

²⁴ No jornal O Globo, os editoriais dos dias 31 de maio, 31 de julho e 31 de agosto de 2018 não foram disponibilizados no acervo e não entraram no cômputo do corpus. Assim como no Estado de S. Paulo, os editoriais dos dias 15 de abril, 27 de julho e 22 de agosto de 2018 não estavam disponíveis no acervo e também foram desconsiderados da coleta.

O recorte temporal da pesquisa inicia-se no dia em que o PT lançou oficialmente o ex-presidente Lula como seu candidato a presidente, durante evento partidário em Contagem (MG), em 8 de junho, e finaliza um dia depois do registro da candidatura de Fernando Haddad em substituição à de Lula, em 12 de setembro.

A pergunta que motivou esta pesquisa é: como foi retratada a candidatura de Lula pelos jornais pesquisados? Para responder a esta questão principal, atuou-se em três frentes principais de investigação: a primeira foi a coleta e quantificação da frequência das referências a Lula nas manchetes e editoriais; a segunda foi a classificação da valência das publicações em relação ao objeto; e a terceira foi a identificação e análise dos enquadramentos dados ao objeto nos editoriais, isto é, os atributos usados pelos três jornais para descrever o projeto de candidatura de Lula. O enquadramento fornece a pergunta que complementa a questão principal da investigação: quais foram as ideias centrais que organizaram o conteúdo opinativo dos jornais sobre Lula? As duas perguntas ensejam a hipótese de que, por meio da seleção e ênfase de determinados aspectos da realidade percebida em torno de Lula, bem como pela escolha deliberada de enquadramentos específicos, os três principais jornais do País mantiveram uma posição de oposição a Lula e ao PT, com um conteúdo noticioso e opinativo majoritariamente negativo em relação ao objeto. Este comportamento dos jornais é conhecido e documentado em eleições anteriores (AZEVEDO, 2017; ALDÉ, MENDES e FIGUEIREDO, 2007). No entanto, diferentemente dos pleitos passados, desta vez os veículos tiveram à disposição a situação fática do ex-presidente, que foi preso e enquadrado na legislação de inelegibilidade²⁵.

Em relação à hipótese, suspeitamos que em sua agenda de opinião, Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo mobilizaram atributos para construir uma imagem de Luiz Inácio Lula da Silva predominantemente como político condenado por corrupção e sem direitos políticos, por meio da seleção, ênfase, omissão e avaliação moral de determinados aspectos da realidade relacionada

²⁵ Importante ressaltar que não estão no escopo da presente pesquisa as denúncias de ilegalidade que pairam sobre a condenação do ex-presidente Lula, trazidas a público inicialmente pelo site The Intercept Brasil por meio da série de vazamentos de mensagens trocadas entre o então juiz Sérgio Moro e procuradores da Lava Jato. The Intercept Brasil, de 9 de Junho de 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/>> Acesso em 29 jul. 2019.

ao ex-presidente. Este aspecto da hipótese está ancorado na teoria do Enquadramento. Considerando a elasticidade de definições para enquadramento disponível na literatura (MATTES e KOHRING, 2008; VIMIEIRO e MAIA, 2011; VIMIEIRO e DANTAS, 2009; PORTO, 2002), a presente pesquisa optou por adotar a definição dada por Entman, para quem enquadrar é “selecionar um ou mais aspectos de uma realidade percebida e torna-los mais salientes em um texto comunicativo, promovendo assim uma interpretação e uma recomendação de tratamento para o item descrito” (1993, pp. 52). Optou-se também por associar a definição de Entman ao conceito de “pacotes interpretativos”, de Gamson e Modigliani (1989). Os “pacotes interpretativos” possuem uma estrutura interna que abriga símbolos ou dispositivos que formam uma “ideia central organizadora” ou frame.

A construção da narrativa sobre Lula pelos jornais durante o período também está relacionada teoricamente com a hipótese da *Agenda-Setting*. Desde a campanha presidencial dos Estados Unidos de 1968, ao longo de mais de quatro décadas, pesquisas testaram os seus pressupostos e constataram que, por meio da seleção, disposição, omissão e incidência das notícias, os veículos de comunicação de massa impõem um conjunto seletivo de temas (agenda), que passam a ganhar notoriedade pública. Nas palavras de McCombs (2009), ‘os elementos proeminentes na apresentação que os *mass media* fazem do mundo dos assuntos públicos tornaram-se proeminentes em nossas imagens daquele mundo’, havendo um alto grau de correspondência nos detalhes reais das duas agendas (p.133). Ressalta-se que para a comprovação do fenômeno da *Agenda-Setting* é necessário comparar a agenda apresentada pela mídia com a agenda percebida pelo público. Além disso, outros elementos detêm influência na formação da agenda do público, como o ambiente em que se está inserido. As pessoas também se informam e formam suas opiniões com outras pessoas ao seu redor (McCombs, 2009). Na presente pesquisa, o retrato de como o público percebeu a agenda da mídia durante o período analisado não está incorporado. No entanto, a máxima de Bernard Cohen (1963), de que a mídia “é eficaz em dizer ao público sobre o que pensar” é uma premissa que orienta estudos sobre a influência da mídia.

Já a prática da oposição sistemática a Lula e ao PT pelos três jornais pode ser explicada em parte pelo conceito de Paralelismo Político, como formulado por Hallin e Mancini (2010), e utilizado para definir a natureza e o grau da relação mantida entre os meios de comunicação de massa e os partidos ou organizações políticas. Paralelismo Político está conectado com os conceitos de diversidade externa e interna, que mostra a disposição de cada sistema de mídia de refletir de forma equilibrada ou desequilibrada a diversidade de orientações políticas existente em cada sociedade avaliada. Para Dahl (2015 [1972]), a pluralidade e a liberdade de expressão são componentes fundamentais para qualquer regime democrático no planeta. As pessoas precisam ter “acesso a fontes alternativas de informação que não sejam monopolizadas pelo governo ou por nenhum outro grupo em particular” (p.369). No entanto, no Brasil, como observa Azevedo (2017, p. 40), o sistema midiático é caracterizado pela fraca diversidade externa e pela forte concentração dos meios de comunicação.

3.1 – Metodologia de Análise das Manchetes

Sabe-se que a manchete principal é a notícia que o jornal julga ser a mais importante no dia anterior e que por isso está no topo de sua agenda, obedecendo em tese a critérios de “objetividade”, interesse público, valor-notícia e posicionamento editorial. Neste contexto, para entender como foi construída a imagem de Lula nos jornais, investigou-se inicialmente se a candidatura Lula foi noticiada. Qual espaço Lula candidato ocupou na agenda da Folha, Globo e *Estado*? Com qual frequência Lula apareceu nas manchetes dos jornais durante o período analisado? Para responder as estas questões, que estão diretamente relacionadas às perguntas de pesquisa, foi feita a coleta e a quantificação das manchetes principais contendo qualquer menção, direta ou indireta, a Lula no recorte descrito. Elas indicaram a frequência com que Lula aparece como valor-notícia principal dos jornais. Ao analisar a cobertura da imprensa sobre o lançamento pelo PT da pré-candidatura de Lula a presidente, em 8 de junho de 2018, escrevem Sassara e Feres Júnior: “a grande mídia brasileira parece fazer de conta que Lula não é candidato, ao mesmo tempo que lhe dedica uma

generosa cobertura negativa, associada ao tema da corrupção”²⁶. As manchetes principais foram incluídas em um banco de dados e classificadas em sete categorias, que detalharemos adiante.

O segundo aspecto em que as notícias sobre Lula foram classificadas é por meio da Metodologia de Análise de Valência. Analisou-se se as notícias coletadas são consideradas positivas, negativas ou neutras para a imagem do objeto. Também conhecida como “*slant analysis*”, “*sentiment analysis*” ou “*opinion mining*”, a MAV conta com extensa aplicação na academia e encontra suas primeiras utilizações ainda na década de 1950 nos Estados Unidos, com o livro “*Slanted news: a case study of the Nixon and Stevenson fund stories*”, de Edward Rowse. No Brasil, um dos primeiros pesquisadores a utilizar a análise de valência foi Marcus Figueiredo em pesquisas de acompanhamento das coberturas eleitorais no laboratório Doxa, atualmente vinculado ao Iesp/Uerj. Como lembra Feres Júnior (2016), há vários trabalhos recentes que empregam a análise de valência com a avaliação do impacto eleitoral do viés midiático. No Brasil, trabalhos relevantes também já utilizaram a MAV como método de análise da atuação da mídia, como Aldé, Mendes e Figueiredo, (2007); Azevedo (2017); e o próprio trabalho do Manchetômetro, site de acompanhamento da cobertura da grande mídia produzido pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública, sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O Manchetômetro não tem ligação com partidos ou grupos econômicos. Apesar de sedimentada em pesquisas, a análise de valências recebe questionamentos. Miguel (2015), por exemplo, critica o método como ferramenta capaz de avaliar a parcialidade da mídia em análise de páginas informativas dos jornais²⁷. Optou-se, apesar do questionamento, pelo uso da análise de valência por se acreditar em um instrumento eficaz para analisar a valoração de conteúdos sintéticos, como as manchetes, e textos discursivos e essencialmente valorativos, como os editoriais. Na presente pesquisa, tanto para a análise das manchetes quanto para os editoriais, tomou-se a definição operacional de

²⁶ Artigo “Não é Lula pré-candidato?”, publicado em 25 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/index.php/publicacoes/serie-m/2018/06/25/nao-e-lula-pre-candidato/> Acesso em 23 nov. 2018.

²⁷ Para mais informações sobre este debate metodológico do uso de análise de valências, ver Feres Júnior (2015, 2016).

valência dada por Aldé, Mendes e Figueiredo (2007), utilizada também por Azevedo (2017). Considerou-se valência positiva se a unidade de análise, no caso, as manchetes, encerram uma avaliação ou menção de ordem pessoal, moral, política, eleitoral ou jurídica favorável sob a perspectiva do objeto. Por outro lado, considerou-se valência negativa se a unidade de análise encerrou uma avaliação ou menção de ordem pessoal, moral, política, eleitoral ou jurídica negativa, desfavorável ao objeto. Considerou-se ainda a valência neutra quando o conteúdo analisado não apresenta elementos positivos ou negativos na avaliação ou menção de ordem pessoal, moral, política, eleitoral ou jurídica ao objeto. Nos casos em que manchetes ambivalentes, ou seja, em que há equilíbrio entre os eleitos positivos e negativos, a manchete foi considerada como neutra para o objeto. A classificação das valências das manchetes foi feita de modo semelhante ao utilizado por Azevedo (2017), por meio de dupla leitura, feita em sequência pelo autor e por uma pesquisadora membro do grupo de pesquisa do autor, tendo como arbitragem para os casos conflitantes a um terceiro avaliador, jornalista profissional.

Detalha-se a seguir a coleta e classificação das manchetes relacionadas a Lula. Para extrair e catalogar as informações, cada jornal foi catalogado em uma planilha separada, contendo sete colunas preenchidas: Número de Entrada; Mês; Dia; Título; Tema; Menção e Valência em relação ao objeto. Cada coluna da planilha foi preenchida seguindo os mesmos critérios e responde a uma pergunta específica, como mostra-se abaixo:

1. **Número de entrada** – Qual arquivo se refere a esta manchete?
2. **Mês** – Em qual mês foi publicada esta manchete?
3. **Dia** – Em qual dia foi publicada esta manchete?
4. **Título** – Qual o título desta manchete?
5. **Tema** – A manchete está relacionada a qual tema?
6. **Menção** – A manchete menciona o objeto direta ou indiretamente?
7. **Valência** – A manchete é positiva, negativa ou neutra em relação ao objeto

Durante a coleta das manchetes relacionadas, verificou-se para a coluna Tema três possibilidades de classificação. São elas: Eleições Presidenciais; Outras Eleições; e Corrupção. Descrevemos abaixo cada um dos itens da coluna Tema:

Eleições Presidenciais: Foram classificadas como Eleições Presidenciais as manchetes relacionadas às articulações políticas; à pré-campanha eleitoral; decisões da Justiça Eleitoral relacionadas ao objeto; declarações, ações e propostas do objeto na pré-campanha e na campanha eleitoral; pesquisas de intenções de voto.

Outras Eleições: Foram classificadas como Outras Eleições as manchetes contendo relação com eleições para deputados estaduais, deputados federais, governadores e senadores.

Corrupção: Nesta categoria, emprega-se o termo Corrupção a todas as manchetes que, sob a perspectiva do jornal, se relacionam a atos, ou supostos atos de sobreposição de interesses privados aos interesses públicos. Sem adentrar ao mérito do fato noticiado, foram classificadas em Corrupção as manchetes relacionadas à operação Lava Jato, a decisões do Poder Judiciário sobre prisões, libertações, condenações, sobre andamento de ações penais.

Em relação ao item 6, Menção, questiona-se como o objeto está relacionado? Direta ou indiretamente?

Foram classificadas como menção direta:

Todas as manchetes que trouxerem o nome Luiz Inácio Lula da Silva, ou apenas Lula, nos títulos.

Foram classificadas como menção indireta:

Todas as manchetes que, mesmo não trazendo a menção direta e expressões acima citadas no título, mencionarem Lula no olho (ou subtítulo) ou nos dois primeiros parágrafos da reportagem indexada à manchete principal dos jornais.

Sobre o item 7, Valência, questiona-se se a manchete é negativa, positiva ou neutra para o objeto?

As manchetes classificadas como Positivas apresentam aspectos favoráveis, destacam situações positivas na perspectiva do objeto e diante do contexto jornalístico e noticioso em que a manchete de insere. Assim como as manchetes negativas destacam fatores negativos, que prejudicam a imagem do objeto sob

sua perspectiva. As manchetes classificadas como neutras não interferem na construção positiva ou negativa do objeto.

3.2 – Metodologia de Análise dos Editoriais

A segunda etapa da pesquisa é dedicada à investigação da agenda de opinião de Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo, por meio da coleta e análise dos editoriais. No intervalo pesquisado, os jornais publicaram 657 editoriais²⁸, sendo 186 pela Folha de S. Paulo, que publica normalmente dois editoriais por dia; 180 pelo Globo, que traz dois editoriais por dia também; e 285 editoriais pelo Estado de S. Paulo, que publica três editoriais por dia. Na Folha e Globo, houve dias em que o espaço gráfico foi ocupado por apenas um editorial, ocorrência não registrada no Estado de S. Paulo.

Analisar a agenda dos editoriais dos três jornais mostra-se relevante para entender a construção da imagem de Lula candidato. São nestes espaços em que, oficialmente, as empresas jornalísticas podem comentar fatos da agenda noticiosa, bem como propor uma pauta própria, com interpretações e recomendações de tratamento para determinados assuntos em pauta. Steger (1999, *apud* MONT'ALVERNE e MARQUES, 2018) argumenta que, em seus editoriais, os jornais podem ser mais diretos e assertivos quanto a políticas, candidatos e instituições, do que nas páginas noticiosas. É neste espaço que se mostra mais claramente a seletividade dos jornais e suas convicções acerca da realidade retratada. Como sabemos que o processo político pode ser considerado uma disputa para impor certa interpretação da realidade, os editoriais são espaços de excelência na execução deste processo. Assim, considerando a disputa travada em relação à formação da imagem, a análise de enquadramento é uma metodologia apropriada para investigar os editoriais dos três jornais, pois permite esclarecer o processo pelo qual esse treinamento é ministrado.

Nesta fase da pesquisa analisamos a caracterização do ator político Lula. Buscamos responder à seguinte questão: que atributos foram mobilizados pelos

²⁸ Neste somatório não estão computados os editoriais dos dias 27 de Julho e 22 de Agosto do jornal O Estado de S. Paulo, e os editoriais do dia 31 de Julho do jornal O Globo, pois todos encontravam-se indisponíveis nos acervos dos referidos jornais.

jornais em seus editoriais para a construção da narrativa sobre Lula? Para responder a esta questão, foi utilizada a abordagem metodológica da análise de enquadramento. Considerando a elasticidade do termo enquadramento empregada na literatura sobre o tema, adota-se aqui a definição formulada por Entman (1993), para quem, em resumo, enquadrar significa selecionar e tornar saliente determinados aspectos da realidade, associado ao conceito de “pacotes interpretativos”, de Gamson e Modigliani (1989). Partindo desses dois conceitos, os editoriais foram classificados de acordo com palavras-chave estabelecidas após exaustiva leitura. As palavras-chave são os elementos que, abrigados sobre um mesmo pacote interpretativo, apontam o argumento central do texto.

Segundo Mauro Porto (2004), existe duas categorias de enquadramento: notícias e interpretativas. Nas notícias, o enquadramento é aplicado rotineiramente por jornalistas, editores e demais profissionais de comunicação para apresentar, selecionar e enfatizar fatos durante o processo de produção do noticiário factual. Já o enquadramento interpretativo é um padrão de interpretação da realidade, traz consigo um instrumento para avaliar temas e eventos. O enquadramento interpretativo permite que você pesquise causas e soluções de problemas. Danilo Rothberg (2007) define enquadramento na prática jornalística como uma construção feita a partir de vários procedimentos como a “seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade”.

Considerando o contexto político em que se situa a pesquisa, de crise política com inabilitação de um dos principais *players* da disputa eleitoral, torna-se importante, como aponta Porto (2004), a identificação das interpretações que são apresentadas sobre os principais acontecimentos e questões políticas durante o período analisado. Neste sentido, segundo Azevedo (2006), o estudo de enquadramento implica em “verificar como os atributos definem a estrutura narrativa da matéria e configurar a imagem do objeto descrito pela matéria”. A identificação e avaliação desses atributos é feita considerando a frase ou parágrafo como uma unidade de análise e a partir desse procedimento avalia-se como o artigo analisado configura a imagem de seu objeto.

Neste contexto, os editoriais coletados foram quantificados em planilhas semelhantes às utilizadas para catalogar as manchetes principais. Elas fornecem elementos relacionados a quatro aspectos principais: (1) a menção ao ex-presidente Lula em relação ao total de editoriais publicados; (2) a frequência com que Lula é citado pelos editoriais; (3) se Lula é tema principal do editorial e se é mencionado como candidato e (4) que atributos principais são utilizados nos editoriais relacionados ao ex-presidente. Cada coluna da planilha foi preenchida seguindo os mesmos critérios e responde a uma pergunta específica, como mostra-se abaixo:

1. **Entrada** – Qual arquivo PDF se refere a este editorial?
2. **Mês** – Em qual mês foi publicada este editorial?
3. **Dia** – Em qual dia foi publicada este editorial?
4. **Título** – Qual o título deste editorial?
5. **Tema** – O editorial está relacionado a qual tema?
6. **Relação** – O objeto é tema principal do editorial?
7. **Candidatura** – O objeto é citado como candidato a presidente?
8. **Valência** – Em relação ao objeto, o editorial é positivo, negativo ou neutro?
9. **Palavras-chave** – Que atributos se sobressaem dos textos relacionados ao objeto?

A coluna Tema apresenta sete possibilidades de classificação dos editoriais relacionados. São elas: Política; Economia; Internacional; Corrupção; Social; Eleições Presidenciais; Outras Eleições.

A descrição das categorias Eleições Presidenciais, Outras Eleições e Corrupção é a mesma da utilizada na análise das manchetes²⁹. Detalhamos abaixo as descrições das demais categorias de classificações dos editoriais relacionados ao objeto:

Política: Foram classificadas como Política todos os editoriais relacionados a decisões de governo, federal, estadual ou municipal, promessas não cumpridas no governo, articulações políticas, votações de matérias no Congresso ou legislativos, decisões e questões relacionadas aos partidos políticos. Os

²⁹ Vide página 43.

editoriais sobre assuntos eleitorais não serão classificados como política, sendo alocadas em categorias específicas.

Economia: Foram classificadas como Economia todos os editoriais sobre assuntos relacionados à atividade econômica do País e de suas unidades; sobre desempenho do dólar ou da Bolsa de Valores; números sobre desemprego; questões trabalhistas; atividade industrial, atividades de serviços, comércio, agronegócio, transações entre empresas, decisões que impactem o funcionamento da máquina pública, como aumento de salário de servidores públicos, nas três esferas de poder; questões sobre a Previdência Social; greves e paralisações.

Internacional: Foram classificados como Internacional os editoriais sobre acontecimentos mundiais; decisões de governos exteriores; agendas entre países; tragédias e catástrofes no exterior; editoriais relacionados a aspectos econômicos de outros países, e temas que, mesmo gerando reflexos no Brasil, tenham se originado no exterior.

Social: Foram classificados como Social os editoriais relacionados às questões sociais; à desigualdade entre as pessoas; à pobreza; ao aumento ou queda de indicadores sobre qualidade de vida, sejam relacionados à Educação, Saúde ou Segurança Pública.

Sobre a coluna Relação, no item 6, considerou-se o objeto como tema principal dos editoriais todos os textos traziam no título referência direta a Luiz Inácio Lula da Silva – ou simplesmente Lula – ou indireta, como Lulopetismo. O objeto também foi classificado como tema principal do editorial nos textos em que Lula, mesmo não tendo sido citado no título, estrutura a argumentação do editorial, é o fio condutor do texto. Ou seja, os termos Lula, Lulismo, Lulopetismo não são exemplos usados para ilustrar um argumento do editorial, mas o cerne do texto. Em relação à coluna Candidatura, no item 7, investigou-se se Lula é citado dentro do contexto de sua candidatura presidencial ou não. Na coluna Valência, no item 8, foi seguida a definição operacional dada por Aldé, Mendes e Figueiredo, (2007), também aplicada por Azevedo (2017). Os editoriais classificados como Positivos apresentam aspectos favoráveis, destacam situações propícias ou benéficas na perspectiva do objeto e diante do contexto

jornalístico no qual o editorial está inserido. Os editoriais classificados como Negativos trazem consigo fatores negativos, que desfavorecem, prejudicam a imagem do objeto sob sua perspectiva. Editoriais classificadas como Neutros não interferem na construção positiva ou negativa do objeto. Em relação ao item 9, as palavras-chave são aquelas que se mantêm hegemônicas, que predominam sobre o todo da manchete. Pela leitura exaustiva identificou-se e coletou-se as palavras-chave de cada editorial. A partir da semelhança entre elas foi operacionalizado o conceito de pacotes interpretativos para identificar os enquadramentos dominantes nos editoriais.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

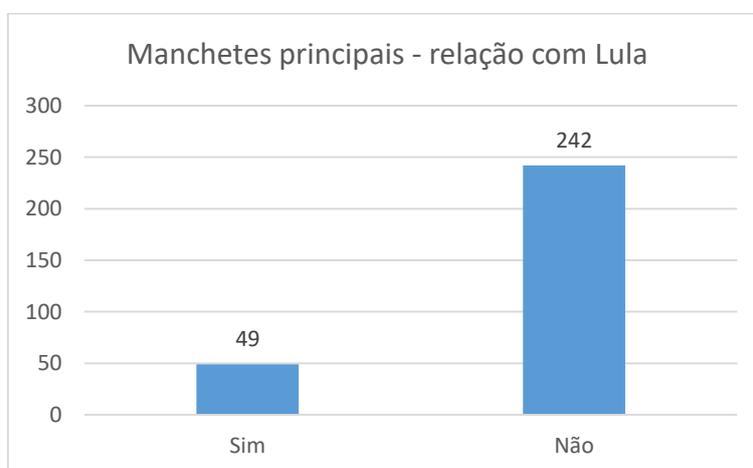
Este capítulo apresenta os resultados da coleta e análise das manchetes e editoriais publicados por Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo entre 8 de junho e 12 de setembro, e está dividido em três partes. Na primeira parte, mostra-se os dados relativos às manchetes, com números relacionados à frequência de Lula nas chamadas, agenda de temas e valências das manchetes relacionadas. Primeiro com números condensando os três jornais, seguidos de análises individuais de cada jornal.

Na segunda parte, apresenta-se os dados referentes aos editoriais, com dados relativos à agenda de temas; à frequência do objeto; se ele é tema principal do editorial; se é tratado como candidato presidencial, além das valências dos editoriais. É apresentada análise agrupando os três jornais, seguida por dados de cada veículo. Na terceira parte apresenta-se a análise dos enquadramentos predominantes dos editoriais dos três jornais juntos, seguida da investigação de cada jornal particularmente.

4.1 – Análise das Manchetes – Três jornais agregados

Durante o período analisado, foram publicadas 291 manchetes pelos três jornais. Como mostra o Gráfico 1, deste total, 49 manchetes, ou 16,8%, estão relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto 242 manchetes, ou 83,2%, não têm relação com o ex-presidente.

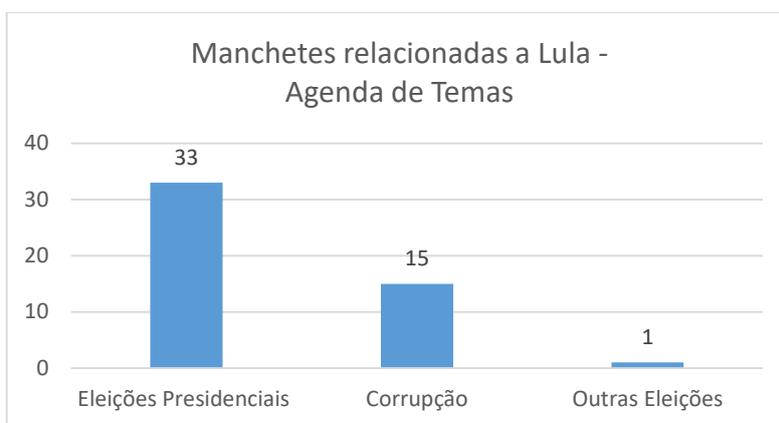
GRÁFICO 01 – Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo – Manchetes Principais: relação com Lula



FONTE: Elaboração Própria

A distribuição por temas das manchetes principais relacionadas a Lula mostra que a categoria Eleições Presidenciais recebeu o maior número de manchetes, com 33 publicações, representando 67,3% do total, conforme apresentado no Gráfico 2. Em seguida aparece o tema Corrupção, com 15 manchetes publicadas no período, respondendo por 30,6% do total, enquanto uma manchete com relação ao líder petista foi publicada sob o tema Outras Eleições. Aqui temos, portanto, uma primeira constatação da investigação, que é a de que Lula ocupou as manchetes majoritariamente dentro do contexto eleitoral.

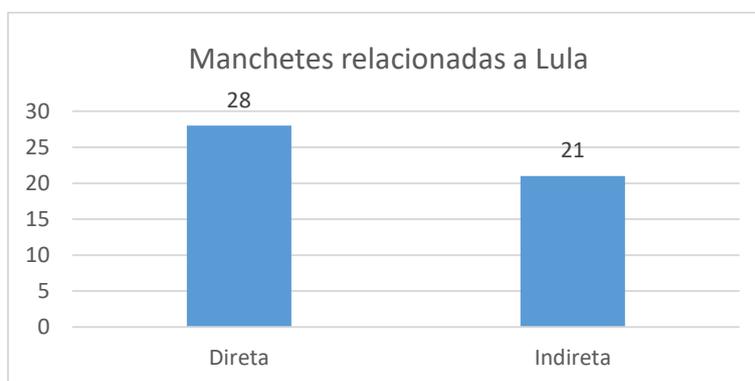
GRÁFICO 02 – Manchetes relacionadas: Agenda de Temas



FONTE: Elaboração Própria

Lula foi citado diretamente na manchete em 28 publicações de Folha, Globo e *Estado*, representando 57,1% do total de manchetes relacionadas, enquanto 21 manchetes o citaram indiretamente, ou seja, trouxeram expressões relacionadas a Lula ou mencionam o ex-presidente no subtítulo da manchete ou no *lead* da matéria indexada à manchete, como apresenta o Gráfico 3.

GRÁFICO 03 – Manchetes relacionadas a Lula

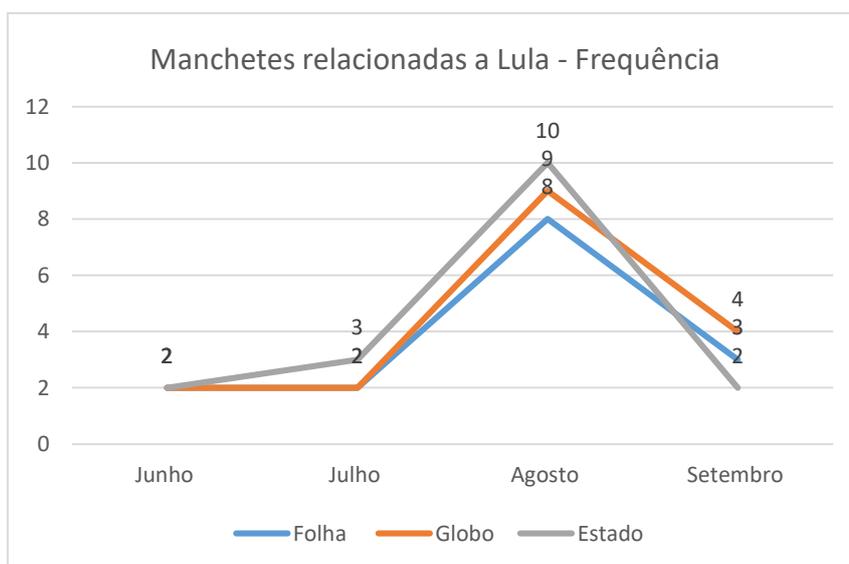


FONTE: Elaboração Própria

Em relação à agenda de temas das 28 manchetes que mencionaram Lula diretamente, 19 delas (ou 67,8%) estão sob o tema Eleições Presidenciais, enquanto 9 publicações (32,1%) foram classificadas sob o tema Corrupção. O Estado de S. Paulo foi o único dos três jornais no qual o tema Corrupção teve mais manchetes do que Eleições Presidenciais, entre as publicações que citam Lula diretamente. Já considerando as 21 manchetes em que Lula é citado indiretamente, 14 delas (66,%) estão em Eleições Presidenciais; 6 estão sob o tema Corrupção e uma foi classificada em Outras Eleições.

Analisando a distribuição das 49 manchetes principais de Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo relacionadas ao ex-presidente Lula, observa-se que o maior pico de publicações foi registrado em agosto, com 27 manchetes, 55,1% do total, como disposto no Gráfico 4. Este período foi marcado por notícias sobre a tentativa do PT de registrar a candidatura de Lula e pelo indeferimento do registro, bem como pelas articulações do PT para formar alianças com outras legendas em nível estadual. Nesse mês, 81,4% das manchetes, ou 27 chamadas principais, foram publicadas sob o tema Eleições Presidenciais, enquanto 14,8%, ou 4 manchetes, estiveram sob o tema Corrupção. Uma manchete foi publicada sob o tema Outras Eleições. Entre os três jornais, O Estado de S. Paulo foi quem mais dedicou manchetes sobre o objeto em agosto. A Figura 1 ilustra uma das 10 manchetes publicadas pelo *Estado* sobre Lula.

GRÁFICO 04 – Manchetes relacionadas a Lula: Frequência por jornal



FONTE: Elaboração Própria

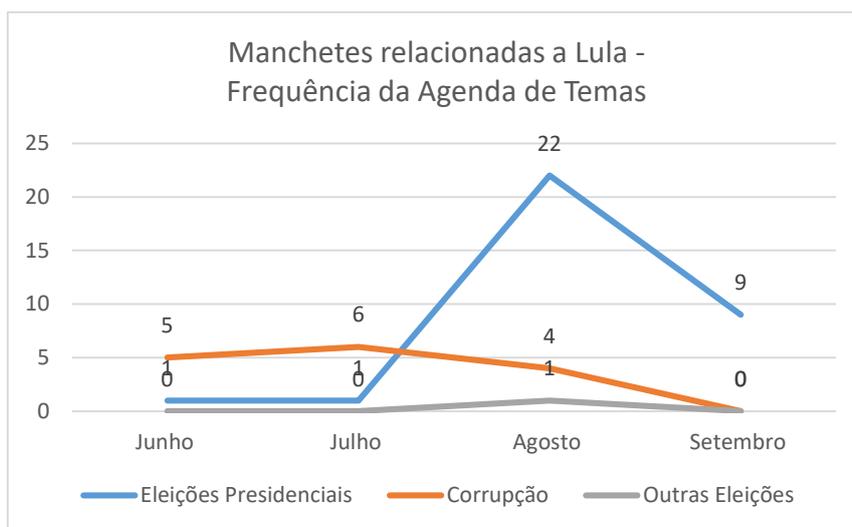
FIGURA 1 – Manchete O Estado de S. Paulo – 15 ago. 2018



FONTE: <https://acervo.estadao.com.br/>

O mês de setembro aparece com a segunda maior frequência de manchetes relacionadas a Lula, com 9 publicações, ou 18,3%. Todas tiveram como tema Eleições Presidenciais, sendo o fato mais relevante do período a decisão do TSE que indeferiu o registro de candidatura de Lula, com base na chamada Lei da Ficha Limpa, com a consequente indicação, pelo PT, de Fernando Haddad para substituir Lula. O mês de julho registrou 7 manchetes (14,2%), sendo 6 delas sob o tema Corrupção e uma em Eleições Presidenciais. O fato mais destacado nas manchetes foi a decisão do Poder Judiciário que manteve Lula preso, revertendo habeas corpus concedido pelo desembargador Rogério Favretto, do TRF-4, pela libertação do ex-presidente. Finalizando o recorte, no mês de junho foram publicadas 6 manchetes relacionadas a Lula, sendo 5 delas sob o tema Corrupção e uma sob o tema Eleições Presidenciais. Fato marcante publicado nesse mês foi uma decisão do ministro do STF Edson Fachin que negou pedido de liberdade da defesa de Lula. Dessa forma, como se observa no Gráfico 5, o tema Corrupção foi preponderante na agenda dos três jornais entre os meses de junho e julho, enquanto Eleições Presidenciais recebeu mais manchetes em agosto e setembro, tendo o tema eleitoral também recebido o maior número de publicações no cômputo geral do recorte.

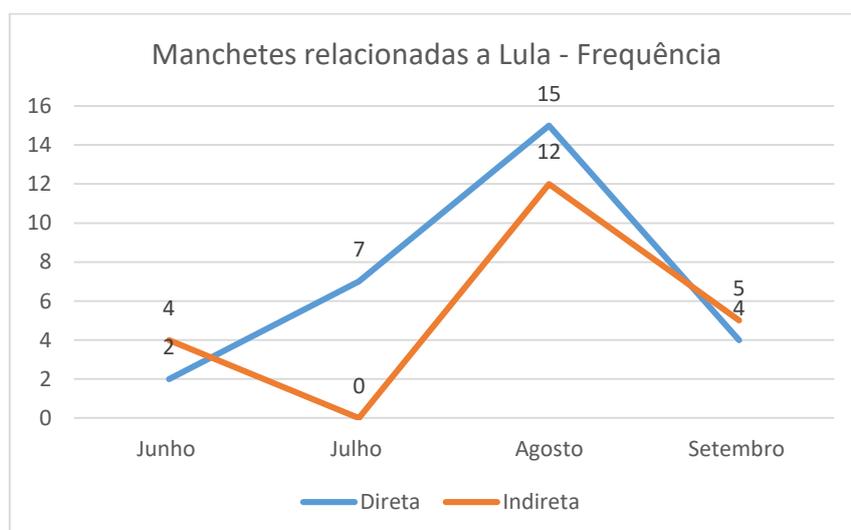
GRÁFICO 05 – Manchetes relacionadas a Lula: Frequência da Agenda de Temas



FONTE: Elaboração Própria

Analisando as menções a Lula nas manchetes principais ao longo dos meses, observa-se que citações diretas ao ex-presidente são preponderantes nos meses de julho – com 7 manchetes diretamente relacionadas e nenhuma indiretamente relacionada – e agosto, que registrou maior fluxo de publicações – com 15 menções diretas e 12 menções indiretas ao ex-presidente. Mostramos no Gráfico 6 que das 6 manchetes de junho, 4 fizeram menção indireta a Lula e em 2 ele foi diretamente citado. Enquanto das 9 manchetes de setembro, 5 fizeram menção direta e 4 fizeram menção indireta.

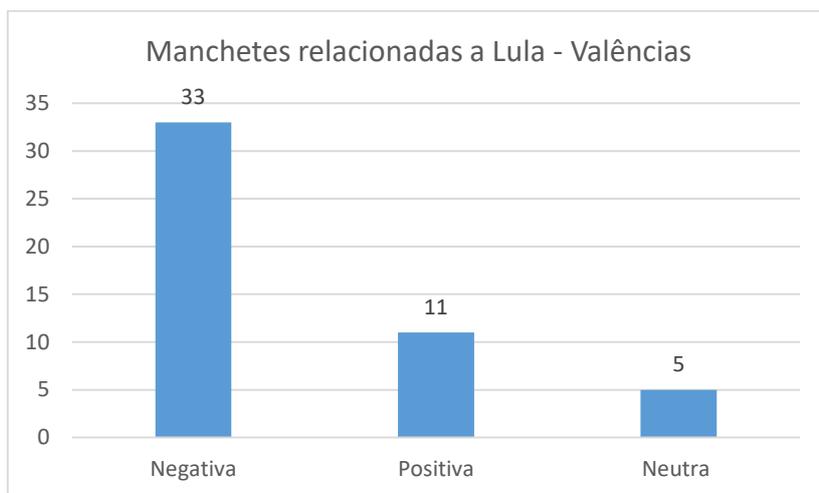
GRÁFICO 06 – Menções a Lula: Frequência



FONTE: Elaboração Própria

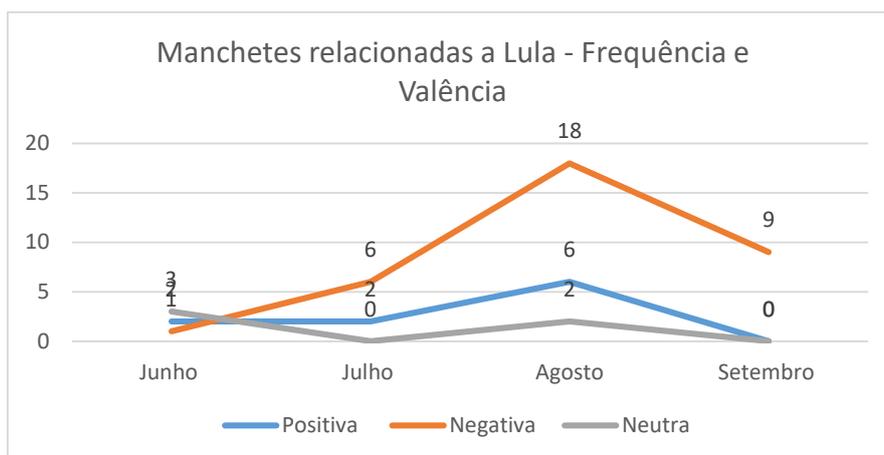
Ao analisar as valências das manchetes principais relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o recorte, verifica-se que houve uma cobertura majoritariamente negativa sobre Lula. Como mostra o Gráfico 7, das 49 manchetes publicadas no período, 33 foram classificadas como negativas em relação ao objeto, o que representa 67,3% do total; 11 manchetes foram classificadas como positivas para Lula, correspondendo a 22,4%; enquanto 5 manchetes, ou 10,2% foram classificadas como neutras em relação a Lula.

GRÁFICO 07 – Manchetes: Valências Totais



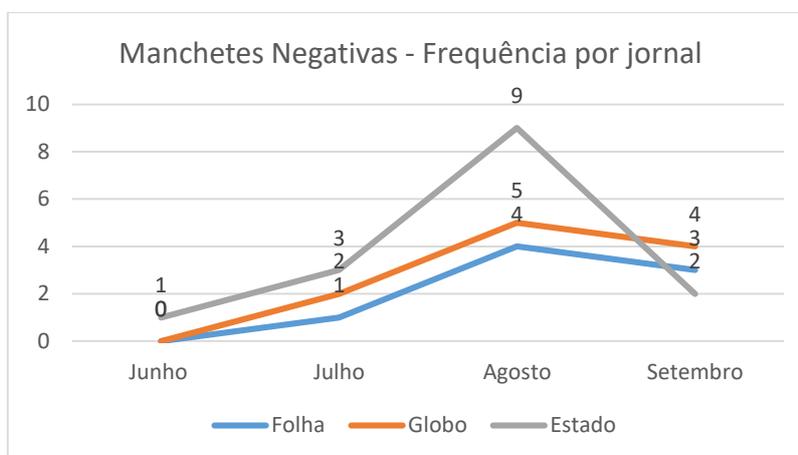
FONTE: Elaboração Própria

Ao distribuir as manchetes dos três jornais e suas valências ao longo do recorte escolhido, percebe-se que as publicações negativas têm o seu pico no mês de agosto, com 18 publicações, número três vezes maior do que as manchetes positivas para Lula, e 9 vezes maior do que as chamadas neutras. Como apresentado no Gráfico 8, durante esse mês, Lula aparece na maioria das vezes em fatos relacionados à sua candidatura, seja em relação à decisão sobre o candidato a vice-presidente na chapa do PT, seja relativo ao registro da candidatura de Lula. O segundo pico é registrado em setembro, com 9 manchetes negativas e nenhuma publicação positiva e neutra.

GRÁFICO 08 – Manchetes: Frequência e Valência

FONTE: Elaboração Própria

Analisando a frequência das 33 manchetes negativas relacionadas a Lula, publicadas por Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo, observa-se que o *Estado* foi quem mais trouxe Lula negativamente na manchete principal, com 15 publicações, como demonstra o Gráfico 9. O maior pico foi registrado em agosto, com 9 chamadas – uma delas apresentada na Figura 2 – seguido de julho, com 3 manchetes, Setembro, com 2 e junho com uma publicação. O Globo aparece em segundo, com um total de 10 manchetes negativas, sendo 5 chamadas em agosto, 3 em setembro, 2 em julho e nenhuma em junho. E a Folha aparece em terceiro, com 7 manchetes negativas, sendo 4 em agosto, 2 em setembro, uma em julho e nenhuma publicação em junho.

GRÁFICO 09 – Manchetes negativas sobre Lula: Frequência por jornal

FONTE: Elaboração Própria

FIGURA 2 – Manchete negativa para Lula:

O Estado de S. Paulo, 30 jun. 2018

O ESTADO DE S. PAULO

Sábado, 30 de Junho de 2018 R\$ 4,90 ANOS 107 Nº 10268 estado.com.br

Maradona calvinho?
Fita usada recada para que o ídolo argentino, agora sem de pelotas, "se comporte" nos estádios. PÁG. 32

Verba para os nãcos
Estadão vai investir R\$ 4 milhões até 2019 para elevar o nível das seleções consideradas "fracas". PÁG. 32 e 33

JOGUE O HOJE
FRANÇA x ARGENTINA
IRLÂNDA x PORTUGAL
KORÉIA DO SUL x CANADÁ

Leitor Mathias
Neymar deve parar com as avaliações. Ele quer jogar profissional. PÁG. 33

Muira C. Pereira
Mônica de Oliveira quer voltar a atuar em novelas. PÁG. 33

Polícia Ferraz
Capitã dá dicas para quem quer ser policial. PÁG. 33

Cristiano Ronaldo
Fotógrafo de Cristiano Ronaldo

Messi
Arquivo de Cristiano Ronaldo

Só dois vão ficar

Oitavas começam com duelos de craques.

Cristiano Ronaldo
Fotógrafo de Cristiano Ronaldo

Suarez
Fotógrafo de Cristiano Ronaldo

Lula sofre derrotas e STF só deve analisar caso após julho

Supremo veta imposto sindical e derruba 15 mil ações no País

No dia em que dois recursos foram negados, presidente do Supremo mantém fora da pauta da Corte decisão sobre prisão

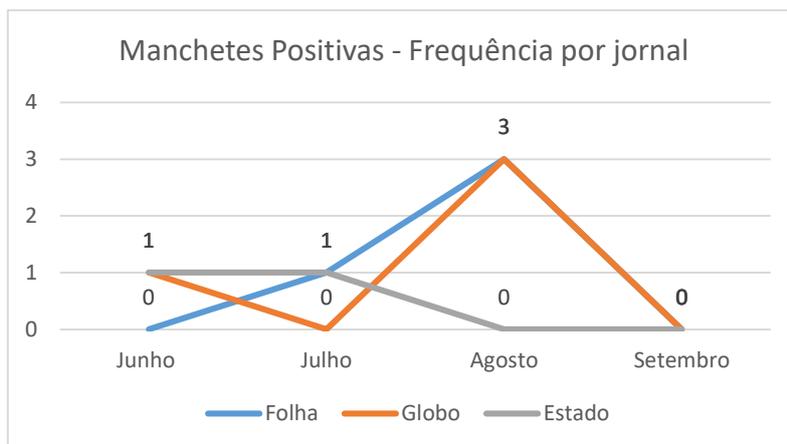
O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), anunciou na tarde de sábado (29) que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva segue com a suspensão temporária da prisão preventiva, já que, até agora, não foram apresentados os recursos necessários para a prisão preventiva. Moraes, em decisão publicada na noite de sexta-feira (28), decidiu manter fora da pauta da Corte, em decisão publicada na noite de sexta-feira (28), o recurso de Lula para a prisão preventiva. Também nesse dia, Moraes decidiu negar o pedido de Lula para a prisão preventiva. O presidente do STF, Luiz Fux, disse ontem, após o fim da sessão do STF, que o "recurso" de Lula para a prisão preventiva não foi analisado. PÁG. 32

Por 6 votos a 3, o STF decidiu que não há inconstitucionalidade na forma de cobrança da contribuição sindical e obrigatória, equivalente a uma dia de salário do trabalhador por ano. Com o acórdão, criada pela reforma trabalhista, há uma nova análise constitucional por parte do STF. Com isso, o presidente do STF decidiu que a contribuição sindical não é inconstitucional. PÁG. 31

FONTE: <http://acervo.estadao.com.br/>

Em relação à distribuição das 11 manchetes consideradas positivas para o ex-presidente Lula no período analisado, nota-se que agosto continua o mês de maior incidência, com 6 publicações ao todo, conforme mostra o Gráfico 10. Folha de S. Paulo, cujo exemplo é ilustrado na Figura 3, e O Globo foram os jornais com as maiores publicações, com 3 manchetes positivas para cada. Depois disso, a Folha teve uma manchete positiva em julho – ilustrada abaixo, e nenhuma em junho e setembro. Já O Globo publicou uma manchete positiva em junho e nenhuma em julho e setembro. O Estado de S. Paulo publicou duas manchetes positivas para Lula no período, sendo uma em junho e outra em julho.

GRÁFICO 10 – Manchetes positivas sobre Lula: Frequência por jornal



FONTE: Elaboração Própria

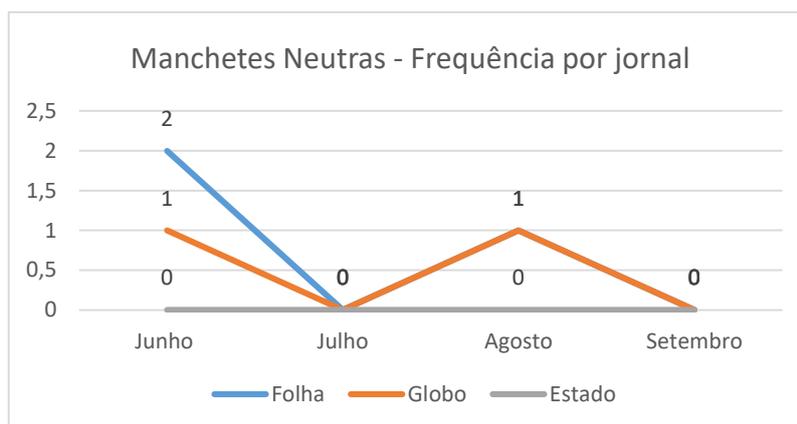
FIGURA 3 – Manchete positiva para Lula: Folha de S. Paulo, 13 jul. 2018



FONTE: <http://acervo.folha.com.br/>

Sobre as manchetes classificadas Neutras para o ex-presidente Lula no período analisado, ao todo foram 5 publicações, cuja distribuição é apresentada no Gráfico 11. A Folha de S. Paulo responde por 3 delas, sendo 2 publicadas em junho – uma delas ilustrada abaixo na Figura 4, e uma no mês de agosto. As demais foram publicadas pelo Globo, sendo uma em junho e outra em agosto. O Estado de S. Paulo não publicou nenhuma manchete classificada como Neutra no período.

GRÁFICO 11 – Manchetes neutras sobre Lula: Frequência por jornal



FONTE: Elaboração Própria

FIGURA 4 – Manchete neutra para Lula – Folha de S. Paulo – 13 jul. 2018



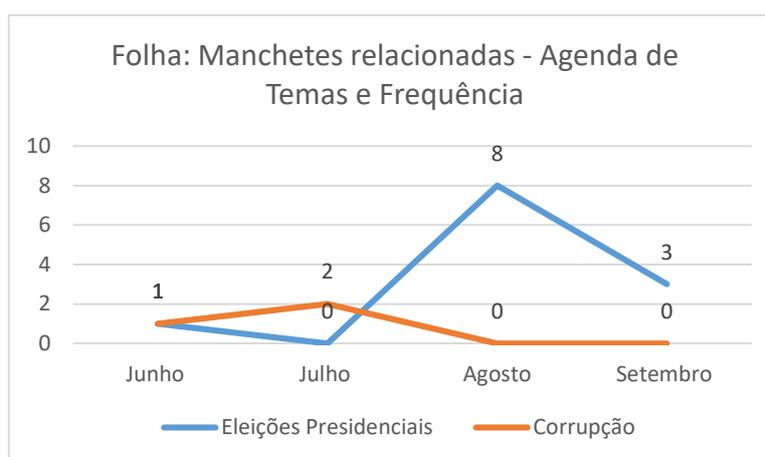
FONTE: <http://acervo.folha.com.br/>

4.2 – Análise das manchetes por jornal:

4.2.1 – Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo publicou 97 manchetes principais durante o intervalo de tempo analisado. Deste total, 15 delas, ou 15,4%, estavam relacionadas a Lula, enquanto as 82 publicações restantes, 84,5%, não estavam relacionadas. No Gráfico 12, mostramos que em relação à agenda de temas das 15 manchetes relacionadas, 12 delas, ou 80%, foram publicadas sob o tema Eleições Presidenciais, enquanto 3, ou 20%, tinham Corrupção como tema. Dos três, a Folha é quem dedica o menor espaço para manchetes relacionadas a corrupção. Distribuídas ao longo do período, as manchetes sobre Eleições Presidenciais tiveram o maior pico no mês de agosto, com 8 publicações, seguido de setembro, com 3 publicações, e junho, com uma publicação. O tema Corrupção apareceu em 2 manchetes em julho e uma em junho.

GRÁFICO 12 – Folha: Agenda de Temas: Frequência

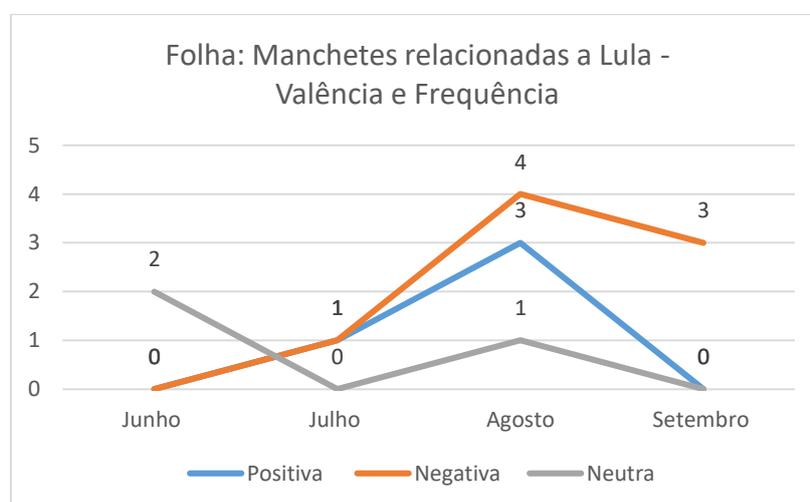


FONTE: Elaboração Própria

Considerando as 15 manchetes relacionadas, em 11 delas Lula foi mencionado diretamente, enquanto outras 4 manchetes citaram o ex-presidente indiretamente. Distribuídas ao longo do recorte, observa-se que as maiores menções diretas foram registradas em agosto, com 6 manchetes publicadas. Em seguida aparece setembro, com 3 manchetes, julho com 2 publicações e nenhuma em junho. Lula é mencionado indiretamente em 2 manchetes de junho e agosto, e nenhuma vez em julho e setembro.

Analisando as valências das manchetes relacionadas, nota-se que dentre os três jornais, a Folha de S. Paulo foi o que teve a menor disparidade entre as manchetes negativas, positivas e neutras em relação a Lula, apesar da prevalência das manchetes negativas. Foram 8 manchetes negativas, 4 manchetes positivas e 3 publicações neutras, como apresentado no Gráfico 13. O mês de agosto teve 4 chamadas negativas, seguido de setembro, com 3 manchetes negativas, e julho, com uma publicação. As manchetes positivas para Lula apareceram 3 vezes em agosto e uma vez no mês de julho. Houve 2 manchetes neutras em junho e uma em agosto.

GRÁFICO 13 – Folha: Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência

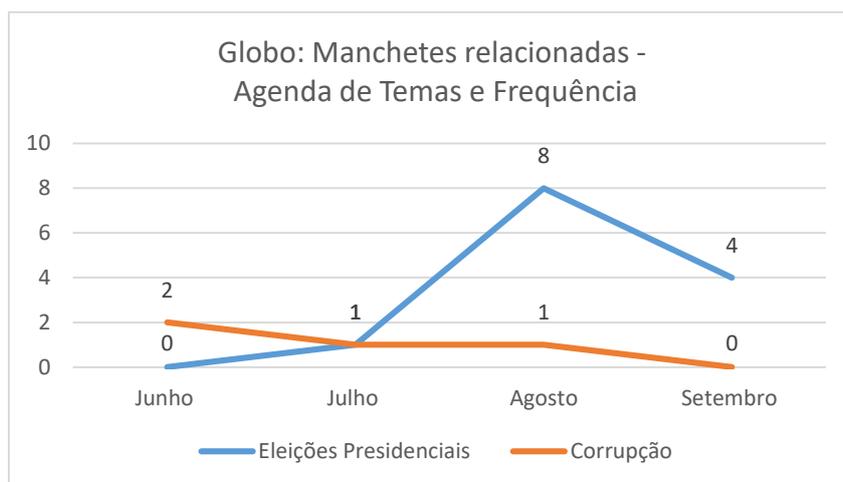


FONTE: Elaboração Própria

4.2.2 – O Globo

O jornal O Globo publicou 97 manchetes principais durante o período analisado. Deste total, 17 delas, ou 17,5%, estavam relacionadas a Lula, enquanto as 80 restantes, 82,4%, não tinham relação com o líder do PT.

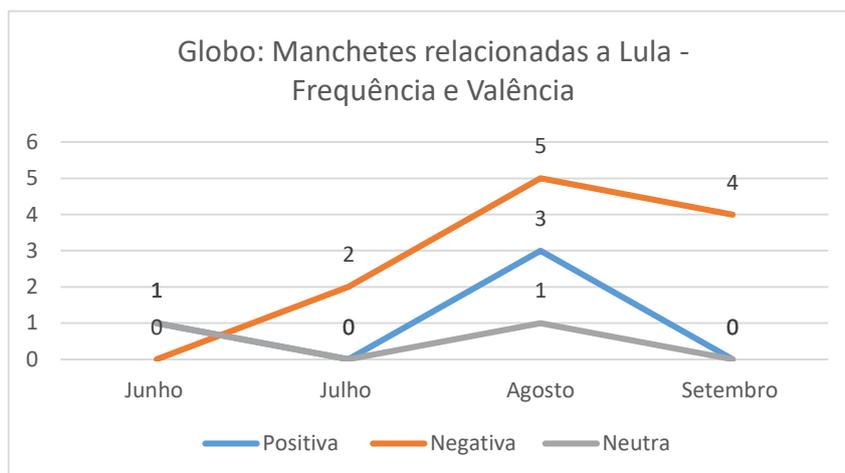
Em relação à agenda de temas, o Gráfico 14 mostra que 13 das 17 manchetes do Globo, ou 76,4% do total, foram publicadas em Eleições Presidenciais, enquanto as demais 4 publicações, 23,5%, tiveram Corrupção como tema. Ao longo do recorte, percebe-se novamente o mês de agosto como maior pico das manchetes sobre Eleições Presidenciais, com 8 manchetes, seguido do mês de setembro, com 4 manchetes, e julho, com uma manchete. Das 4 manchetes sobre Corrupção, 2 saíram no mês de junho e uma nos meses julho e agosto.

GRÁFICO 14 – Globo: Agenda de Temas: Frequência

FONTE: Elaboração Própria

Analisando as 17 manchetes relacionadas, em 9 delas o ex-presidente Lula foi mencionado indiretamente, e outras 8 manchetes o mencionam diretamente. O maior fluxo de menções indiretas foi registrado no mês de setembro, com 4 publicações, seguido por agosto, com 3 manchetes, e junho, com 2 manchetes. Já as manchetes que fazem menção direta a Lula se concentram em agosto, com 6 publicações, e julho, com 2 publicações.

Considerando as valências das manchetes relacionadas, constata-se que o jornal O Globo fez uma cobertura extensamente negativa sobre Lula, conforme exposto no Gráfico 15. Das 17 manchetes publicadas, 11 foram negativas em relação ao objeto, 4 foram positivas e 2 foram neutras. Entre as manchetes negativas para Lula, 5 delas foram publicadas em agosto, 4 em setembro e 2 no mês de julho. As manchetes positivas também tiveram seu maior registro em agosto, com 3 publicações, e uma em junho. As 2 manchetes neutras foram publicadas uma em junho e outra em agosto.

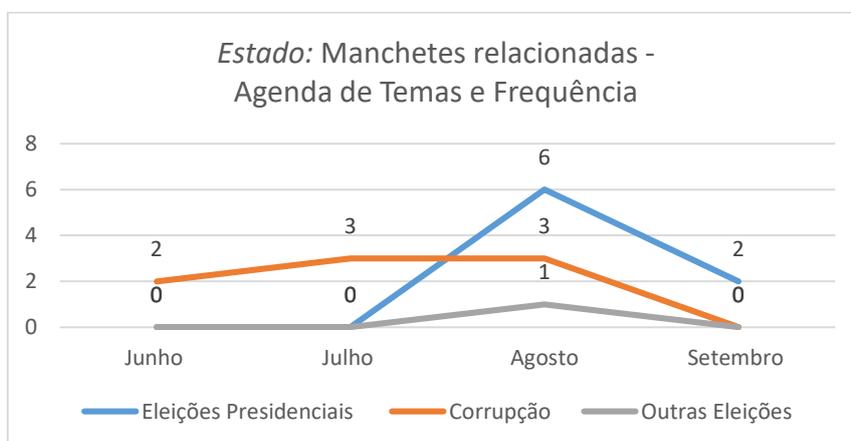
GRÁFICO 15 – Globo: Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência

FONTE: Elaboração Própria

4.2.3 – O Estado de S. Paulo

O jornal O Estado de S. Paulo também publicou 97 manchetes durante o recorte temporal investigado. Assim como no Globo, deste total, 17 delas, ou 17,5%, foram relacionadas a Lula, enquanto as 80 restantes, 82,4%, não tinham relação com o ex-presidente.

Analisando a agenda de temas das manchetes relacionadas a Lula, percebe-se que entre os três jornais, O Estado de S. Paulo foi quem publicou mais manchetes sob o tema Corrupção, segundo o Gráfico 16. Das 17 publicações, 8 foram sob o tema Corrupção, mesmo número de manchetes sobre Eleições Presidenciais. Houve uma manchete publicada sob o tema Outras Eleições, publicada em Agosto.

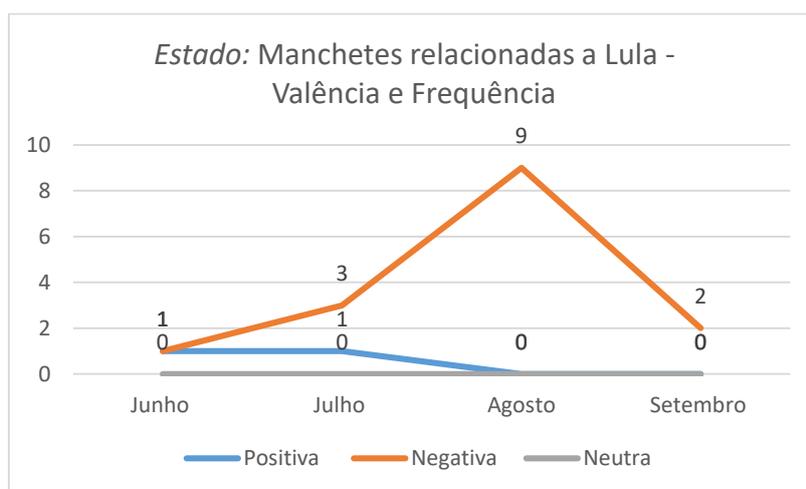
GRÁFICO 16 – Estado: Agenda de Temas: Frequência

FONTE: Elaboração Própria

Das 17 manchetes do *Estado*, em 9 delas Lula é citado diretamente e em 8 há menção indireta ao ex-presidente. As menções diretas são uniformemente distribuídas ao longo do tempo, com 2 manchetes em junho, 3 chamadas em julho e agosto e uma em setembro. Já as manchetes indiretamente relacionadas a Lula se concentraram em agosto, com 7 publicações, e com uma em setembro.

Em relação às valências das manchetes publicadas, nota-se que, dos três jornais, O Estado de S. Paulo foi quem mais dedicou manchetes negativas sobre o ex-presidente Lula. Como observa-se no Gráfico 17, das 17 chamadas, 15 foram negativas, 2 foram positivas e nenhuma neutra. Entre as manchetes negativas, 9 delas foram publicadas em agosto e narram fatos relacionados à candidatura de Lula. 3 manchetes foram publicadas em julho, 2 chamadas em setembro e uma em junho. As 2 manchetes positivas foram publicadas em junho e julho.

GRÁFICO 17 – Estado: Manchetes relacionadas a Lula: Valência e Frequência



FONTE: Elaboração Própria

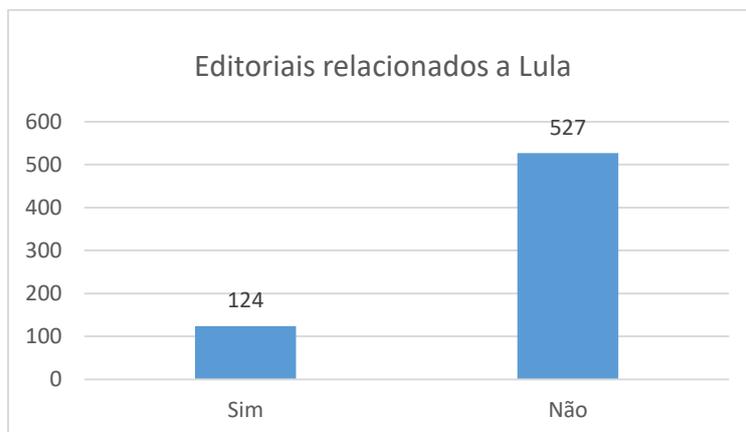
4.3 – Análise dos Editoriais – Três jornais agregados

Entre 8 de junho a 12 de Setembro de 2018, os três jornais publicaram ao todo 657 editoriais³⁰. Deste total, 124 editoriais, ou 23,5%, estão relacionados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto os demais 527, ou 76,4%, não têm relação com o ex-presidente. É o que mostra o Gráfico 18.

³⁰ Neste somatório não estão computados os editoriais dos dias 27 de julho e 22 de agosto de 2018 do jornal O Estado de S. Paulo, e os editoriais do dia 31 de julho de 2018 do jornal O Globo, pois todos encontravam-se indisponíveis nos acervos dos referidos jornais.

GRÁFICO 18 – Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo –

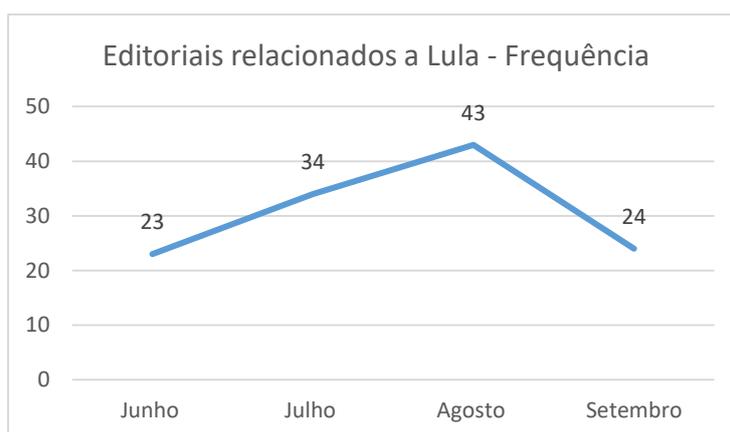
Editoriais: relação com Lula



FONTE: Elaboração Própria

Distribuídos ao longo do período analisado, percebe-se que o mês de agosto registrou a maior frequência de editoriais relacionados, com 43 publicações, conforme apresentado no Gráfico 19. Agosto foi o mês decisivo em relação à candidatura de Lula, porque abrigou o registro da candidatura no TSE, no dia 15, e o impedimento da candidatura pela corte eleitoral, no dia 31 de agosto. Em seguida aparece o mês de julho, com 34 editoriais, Setembro, com 24 editoriais, e junho, com 23 textos.

GRÁFICO 19 – Editoriais relacionados: Frequência

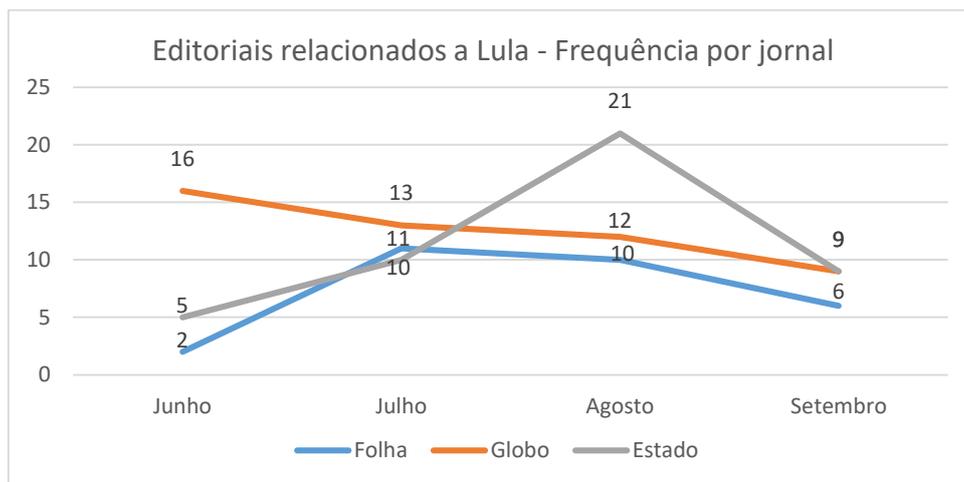


FONTE: Elaboração Própria

Analisando a distribuição dos editoriais ao longo do recorte escolhido, observa-se que o jornal O Globo foi o que mais publicou editoriais relacionados ao ex-presidente Lula. Como mostra o Gráfico 20, foram 50 textos ao todo, ou 40,3% do total, sendo o maior número em junho, com 16 editoriais, seguido por julho,

com 13 editoriais, agosto, que teve 12 textos, e setembro, com 9 textos. O Estado de S. Paulo foi o segundo a dedicar mais editoriais relacionados, com 45 publicações, 36,2% do total, sendo 21 delas agosto; 10 em julho; 9 em setembro e 5 editoriais em junho. Por último aparece a Folha de S. Paulo, com 29 editoriais publicados, 23,3%, sendo 11 deles em julho, 10 em agosto, 6 em setembro e 2 em junho.

GRÁFICO 20 – Editoriais relacionados a Lula: Frequência por jornal



FONTE: Elaboração Própria

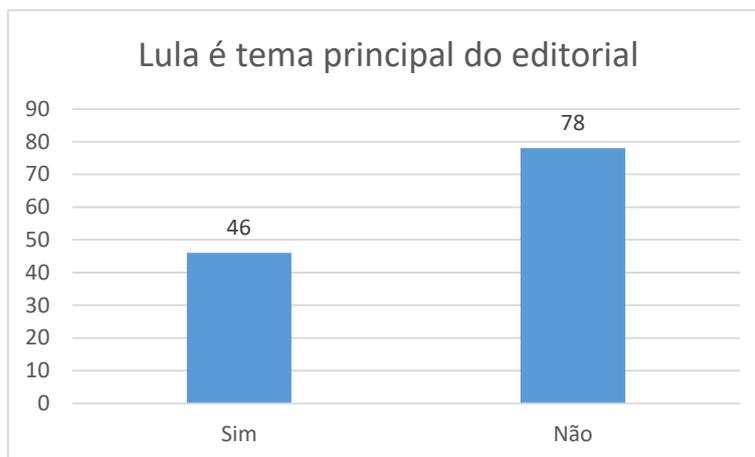
No Gráfico 21, sobre a agenda de temas, vemos que assim como nas manchetes, a candidatura de Lula também concentrou a maioria dos editoriais relacionados ao ex-presidente. Dos 124 textos opinativos publicados pelos três jornais, 65 deles, ou 52,4%, estão sob o tema Eleições Presidenciais. O tema Corrupção aparece em segundo, com 21 editoriais (16,9%); seguido por Economia, com 18 publicações (14,5%); Internacional e Política, com 8 textos (6,4%) cada, e o tema Social com 4 editoriais (3,2%).

GRÁFICO 21 – Editoriais relacionados: Agenda de Temas

FONTE: Elaboração Própria

O Gráfico 22 mostra que dos 124 editoriais relacionados ao ex-presidente Lula, constata-se que em 46 deles, ou 37%, o dirigente petista foi o tema principal do texto opinativo. Considerou-se o objeto como tema principal dos editoriais todos os textos que traziam no título referência direta a Luiz Inácio Lula da Silva, ou simplesmente Lula, ou indireta, como Lulopetismo. O objeto também foi classificado como tema principal do editorial nos textos em que Lula, mesmo não tendo sido citado no título, estrutura a argumentação do editorial, é o fio condutor do texto. Ou seja, o nome Lula ou a expressão Lulopetismo não são exemplos usados para ilustrar um argumento do editorial, mas o cerne do texto. Nos demais 78 editoriais, ou 63%, o dirigente petista não é tema principal do texto, sendo mencionado secundariamente, em contextos ilustrativos. As Figuras 5, 6 ilustram editoriais em que Lula é o tema principal, sendo destacado no título de dentro do texto, e a Figura 7 mostra um texto opinativo em que Lula não é o tema central.

GRÁFICO 22 – Editoriais relacionados: Lula é tema principal



FONTE: Elaboração Própria

FIGURA 5 – Editorial em que Lula é tema principal – O Globo, 28 jun. 2018

14 | O GLOBO

O GLOBO

Quarta-feira 28 de junho de 2018

Opinião

Sobe pressão no STF para a libertação de Lula

A medida que o calendário eleitoral avança, e se aproxima o momento do registro de chapas, é natural que cresça a movimentação de pré-candidatos e multiplicarem-se convênios sobre possíveis alianças, para ampliar o tempo das legendas no programa eleitoral dito gratuito.

O resultado é que também influenciam movimentos de juízes do Supremo Tribunal Federal, a mais elevada Corte do país, que precisa se manter distante de qualquer disputa, inclusive, o clima no político eletrônico em que há preferências pessoais e ideológicas. Afinal, não podem pautar decisões sobre decisões do STF por ser a última instância de mediação de conflitos na sociedade. Ela não pode ser vista como parcial, por se julgar.

Com o plenário dividido em duas normas, aconteceu que em uma, na Segunda, apelidada de "Juízo do Edoz", formou-se uma maioria de "garantistas" — Teófilo, Lewandowski, Gilmar Mendes — contra Edson Fachin, reitor da Lava-Jato, e o ministro Celso de Mello lançando de propósito, lá na Primeira, chamada de "Camara de Gás", concentram-se "progressistas" — Luiz Fux, Luís Roberto Barroso, Alexandre de Moraes, o "garantista" Marco Aurélio Mello e a ministra Rosa Weber, que tem cumprido, como deveria ser regem, a jurisdição da prisão em segunda instância, decidida por maioria do plenário, embora tenha sido voto vencido.

No centro da crise por que passa a Corte, está esta jurisdição, que vigorou do Código Penal de 1941 até 2000, quando passou a valer o princípio do "instituído em julgamento", revisado em 2016, pelo correto entendimento da maioria do STF de que, devido aos recursos, esperar a última instância para o cumprimento da pena significa instituir a imparidade por prescrições.

Para evitar de combater a corrupção, passaram a existir dois Supremos, o que é ruim para a própria Corte e o país. Os advogados começaram a buscar formas e maneiras de fazer com que seus pedidos de habeas corpus caíam no "Juízo do Edoz", sob o nome de liberdade imediata, pelo lado de os "garantistas" não terem o comportamento da ministra Rosa Weber e deixarem de seguir a jurisprudência fixada por maioria de votos.

A situação fica mais tensa porque o principal motivo do aumento das pressões é que o ex-presidente Lula já cumpre pena de forma antecipada, por ter sido condenado por corrupção e lavagem de dinheiro em segunda instância, e que ser candidato a presidente, mesmo que tecnicamente seja impossível, poderia determinar a lei da Ficha Limpa. As esperanças estão todas sobre os "garantistas", que precisam, para isso, torturar a legislação a fim de que não haja exceção a Lula.

A sessão de terça, da Segunda Turma, foi emblemática: Teófilo, Lewandowski e Gilmar Mendes conseguiram derrotar João Claudio Gons, ex-tesoureiro do PP e José Dirceu, ministro de Lula. Fachin, voto vencido, alertou para a jurisdição da Corte, via, fre-se, então, uma exceção para justificar o habeas corpus "de ofício", por decisão própria, com a neutralidade da "documental" da pena. O certo faz Fachin, ao remeter ao plenário um novo pedido de habeas corpus para Lula. O ministro já tentara a mesma decisão, anteriormente, diante da divisão entre as Turmas. E o correto. Também para defender o Judiciário, tão fortalecido nos últimos anos por quebra a tradição aristocrática de ricos e poderosos não serem punidos. ■

Cadeias são incubadoras do crime

Quem não conhece a realidade criminal do Brasil talvez se surpreenda que duas das organizações criminosas que se dividiram em dentro e fora do país — no Paraguri, por exemplo —, o Comando Vermelho e o Primeiro Comando da Capital (PCC), surgiram em penitenciárias, sustentadas pelo contrabando.

Foi o que aconteceu na década de 70, no presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, quando criminosos comuns conviveram com presos políticos, aprenderam a se organizar e ganharam eficiência em assaltos a bancos e, principalmente, no tráfico de drogas e armas. Surgiu o Comando Vermelho. Já em presídios de São Paulo nasceu o PCC, cujos dirigentes operam de dentro de penitenciárias. Os dois casos são exemplos da incapacidade de o poder público impor a lei aos presos.

Não consegue sequer administrar a execução penal. Retrato disso é a reportagem mostrada no "Bom dia Brasil" de ontem, sobre presos no Ceará que continuam na cadeia depois do cumprimento da pena e mesmo sem denúncia e julgamento. Um dos entrevistados ficou nove anos na cadeia além dos dois a que foi condenado por tentativa de furto. Trata-se de um problema nacional.

Levantamento feito pelo GLOBO com base na Lei de Acesso à Informação — junto aos 26 estados e ao Distrito Federal, dos quais 21 enviaram dados, nem todos completos — constatou que, entre 2014 e 2017, ao menos 6.368 presos, homens e mulheres, morreram nas prisões. Deles, 3.670 (57,4%), de causas naturais, quase sempre doenças, o que não deixa de ser uma forma de violência. Mais: 1.094 (17,2%) assassinados.

Em um mundo em que os homicídios alcançam 43 por grupo de 100 mil presidiários, enquanto a média do país é de 30,2 assassinatos. Nas cadeias, morrem quatro pessoas por dia.

A facilidade de comunicação entre presidiários e a sua ligação com os delitos de violência, dentro e fora da cadeia, ganham espaço. O caso do Rio Grande do Norte é exemplar. Em janeiro de 2017, na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, 28 presos foram assassinados num conflito interno, devido aos desentendimentos entre CV e PCC. Tudo por disputa em torno de rotas de tráfico em todo o país. Pela a violência que explode na cadeia também estourou nas ruas de 2014 a 2017, a quantidade de presos mortos no Rio Grande do Norte quadruplicou, de dez para 43, enquanto, segundo o Atlas da Violência de 2016, cresceu 256,9%. Mais que triplicou.

Espera-se que uma política que vise a estabelecer ações coordenadas entre as diversas forças policiais e militares — pelo Sistema Único de Segurança Pública, no enfrentamento de uma criminalidade que se mostra mais organizada que o Estado — seja adotada também para que o poder público tome o controle dos presídios. ■

FONTE: <http://acervo.oglobo.globo.com/>

FIGURA 6 – Editorial em que Lula é tema principal –
Folha de S. Paulo, 16 ago. 2018



A farsa da fraude

PT insiste de modo perigoso em bravatas contra a Justiça e o processo eleitoral, mesmo pronto para participar da disputa pelo Planalto sem Lula

O PT em 1988 boicotou a homologação da Carta que sacrou a democracia no Brasil. Manifestava-se contra a reforma constitucional, característica das mais críticas visões na agremiação que pretendia, e conseguiu, impedir-se pelo voto. Esse equívoco simbiose, que denunciou as mesmas regras do jogo utilizadas pelo partido para crescer e se consolidar, era claramente uma farsa. Ou uma tentativa, como depois admitiria o presidente Lula [Lula] de Silva.

Mas os erros não se repetiram na democracia devieram se preocupar também com frases e atos hostis ao sistema que institucionalizam líderes e partidos. Existem hoje no mundo alguns exemplos de movimentos que conseguiram assim, mas deixaram para os outros a herança de um sistema de poder que não pode ser preso para designar um líder e o PT. Criticar uma condenação eleitoral. Nenhuma é a via de saída do a concordar com os argumentos do juiz que se sentenciou. Precisa apenas cumprir sua decisão.

Diferente é a apreção que "deixa" em Lula e "frase", e, embaixo desse slogan, marchar rumo ao Tribunal Superior Eleitoral, como fizeram argumentos de esquerda atirados ao PT neste que a 16 de agosto. Trata-se, sem dúvida, de nova ficção fabricada pelo partido. Es-

Escárnio garantido

Roberto Dias

Roberto Dias

Paulo Maluf deve estar na prisão. Mas não está. Condenado a mais de sete anos em regime fechado, alguns problemas de saúde conseguiram fazer com que ele ficasse em liberdade. Mas não há nada de saúde que o tenha impedido de cumprir o seu mandato. Maluf tem direito para participar de um ato político em nome do PT. Nem a cassação de seu mandato é impedimento. Nada faz acontecer nos Juizados. (Aliás, até cinco quadros de cassação, o mesmo partido, um crime político, não conseguiu impedir o mandato de Maluf.)

Maluf não deve estar na prisão. Mas não está. Condenado a mais de sete anos em regime fechado, alguns problemas de saúde conseguiram fazer com que ele ficasse em liberdade. Mas não há nada de saúde que o tenha impedido de cumprir o seu mandato. Maluf tem direito para participar de um ato político em nome do PT. Nem a cassação de seu mandato é impedimento. Nada faz acontecer nos Juizados. (Aliás, até cinco quadros de cassação, o mesmo partido, um crime político, não conseguiu impedir o mandato de Maluf.)

Sinalização

Matias Spektor

Matias Spektor

A competição geopolítica entre China e Estados Unidos chegou ao topo da América do Sul. O momento é crucial, mas ganhou relevância com a visita do secretário de Defesa americano aos nossos grandes países da região — Brasil, Argentina, Chile e Colômbia.

A pergunta que importa é: qual o papel da diplomacia regional no momento de disputa entre Washington e Pequim? Modificar o alinhamento regional ou simplesmente acompanhar os passos da estratégia? O primeiro dia de respeito ao modo pelo qual a diplomacia chinesa de mandou o conteúdo dos governos sul-americanos.

Lula, mas nem tanto

Bruno Boghossian

Bruno Boghossian

O protocolo frio do TSE obrigou Fernando Haddad a estar em um momento de silêncio. O seu partido não pode fazer nada para mudar a situação. O TSE entrou com recurso questionando a licitude da votação. O julgamento está em andamento. A punição é a mesma para quem questiona a licitude da votação. A punição é a mesma para quem questiona a licitude da votação.

Grifo nosso. FONTE: <http://acervo.folha.com.br/>

FIGURA 7 – Editorial em que Lula não é tema principal –
O Estado de S. Paulo, 20 jul. 2018



O jogo do 'centrão'

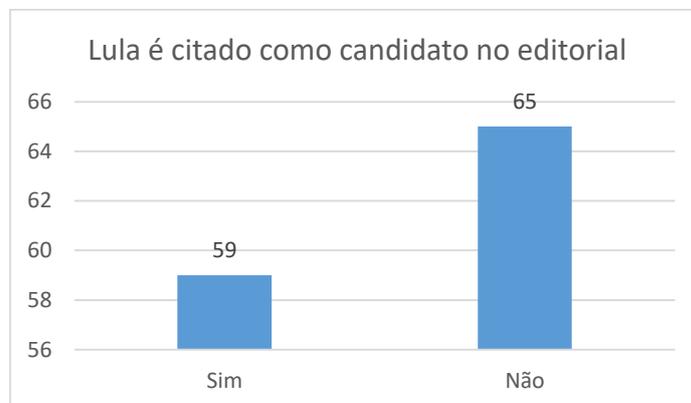
Comércio travado, risco global

O jogo do "centrão" é o nome de um bloco político legítimo, com aspirações programáticas ideológicas, da direita. O "centrão" é apenas um rótulo para vários partidos, pequenos e médios que buscam alguma influência e poder para defender os interesses políticos e econômicos e a ordem que, juntos, garantem a estabilidade da sociedade. O "centrão" é apenas um rótulo para vários partidos, pequenos e médios que buscam alguma influência e poder para defender os interesses políticos e econômicos e a ordem que, juntos, garantem a estabilidade da sociedade.

Grifo nosso. FONTE: <https://acervo.estadao.com.br/>

Entre os 124 editoriais relacionados, Lula é mencionado como candidato a presidente em 59 textos, ou 47,5%, enquanto os demais 65 editoriais, 52,5% o mencionam fora do contexto de sua candidatura, como registrado no Gráfico 23.

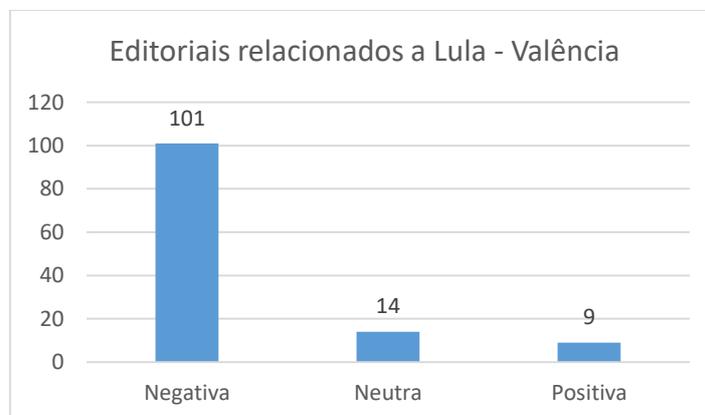
GRÁFICO 23 – Editoriais relacionados: Lula é citado como candidato



FONTE: Elaboração Própria

Analisando as valências dos editoriais relacionados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o período, constata-se, assim como nas manchetes, uma ampla maioria de textos negativos para a imagem do dirigente petista. Como mostramos no Gráfico 24, dos 124 editoriais, 101 foram negativos para Lula, o que representa 81,4% do total. Outros 14 textos opinativos, 11,2%, foram neutros para Lula. Apenas 9 editoriais, 7,4% do total, foram classificados como positivos para o ex-presidente. Na grande maioria destes, Lula não é o tema principal do texto, como veremos adiante. Dessa forma, verifica-se que o número de editoriais negativos sobre Lula é 11,2 vezes maior do que os editoriais positivos, e 7,2 vezes maior do que os editoriais neutros.

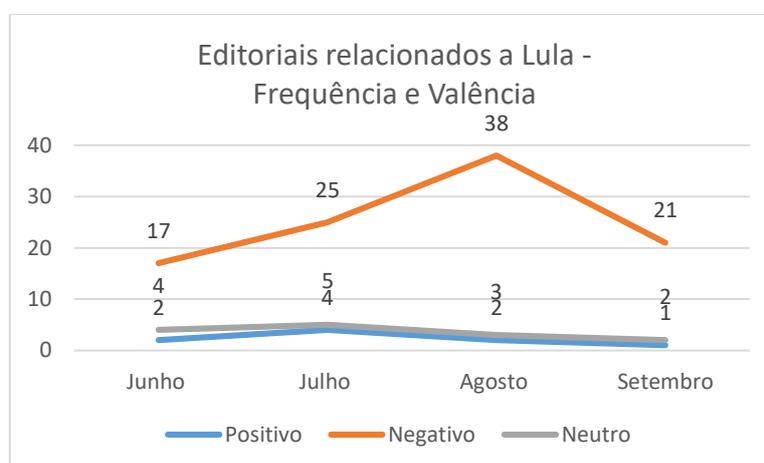
GRÁFICO 24 – Editoriais relacionados: Valência



FONTE: Elaboração Própria

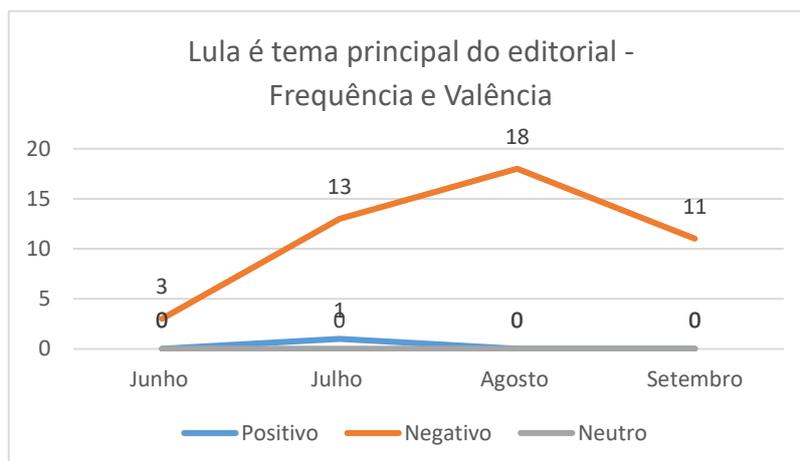
Distribuindo os editoriais relacionados com suas valências ao longo do período, os textos negativos sobre Lula registram o maior fluxo em agosto, quando foram publicados 38 editoriais, como aponta o Gráfico 25. Julho aparece como segundo mês com mais editoriais negativos, com 25 textos. Setembro, cujo recorte de coleta finaliza no dia 12, aparece em terceiro, com 21 editoriais negativos, enquanto junho registrou 17 textos desfavoráveis para o objeto. Os editoriais neutros para Lula registraram maior ocorrência em julho, com 5 textos. Depois aparecem junho, com 4 editoriais; agosto, com 3 textos; e setembro, com 2 textos. Já em relação aos editoriais positivos, 4 deles foram publicados em julho, 2 em junho e agosto cada, e um em setembro.

GRÁFICO 25 – Editoriais relacionados: Frequência e Valência



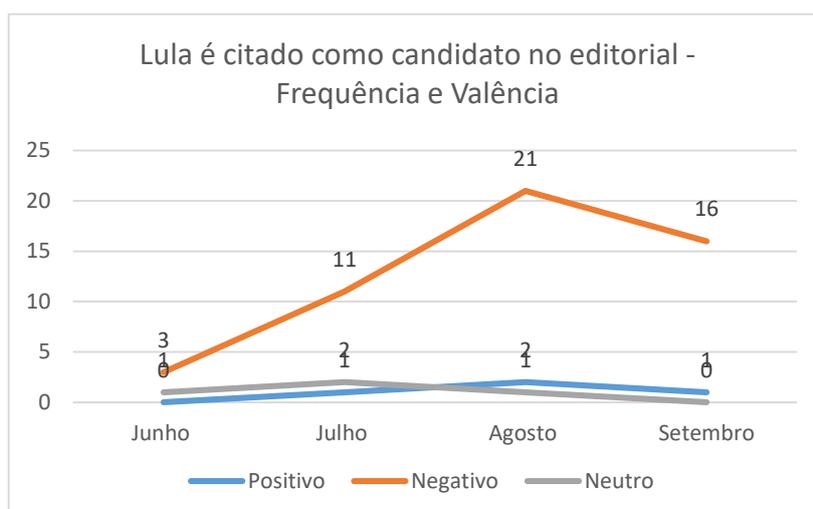
FONTE: Elaboração Própria

O Gráfico 26 mostra que, considerando os 46 editoriais em que Lula aparece como tema principal do texto, 45 deles, ou 97,8%, foram negativos para o ex-presidente. Este dado corrobora a posição política explícita de oposição dos três jornais ao petista. Ao longo do período analisado, os editoriais negativos tiveram seu maior fluxo em agosto, com 18 textos, seguido de julho, com 13 textos, setembro, 11 textos, e junho, com 3 editoriais. Houve um editorial considerado positivo para Lula, publicado em julho, e nenhum classificado com neutro.

GRÁFICO 26 – Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência

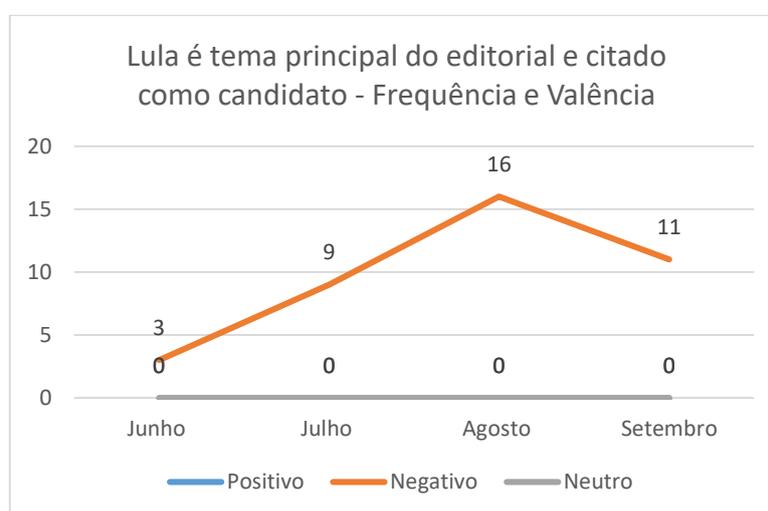
FONTE: Elaboração Própria

Considerando os 59 editoriais em que Lula é citado na condição de candidato a presidente, em 51 deles é sob uma perspectiva negativa, o que representa 86,4% do total. Isso denota que Folha, Globo e *Estado* atuaram em conjunto contra o primeiro nome do PT na disputa presidencial. O maior fluxo de textos negativos foi registrado em agosto, com 21 editoriais, seguido por setembro, com 16 editoriais, julho, com 11 editoriais, e junho, com 3 editoriais negativos. Dentre os 4 editoriais em que Lula é citado positivamente como candidato, 2 deles foram publicados em agosto, e um em setembro e julho. Enquanto os 4 editoriais neutros sobre a candidatura do líder do PT, 2 foram publicados em julho e um em junho e agosto, como mostra o Gráfico 27.

GRÁFICO 27 – Lula é citado como candidato: Frequência e Valência

FONTE: Elaboração Própria

Em 36 editoriais, Lula é o tema principal do texto e mencionado na condição de candidato. Em 100% dos casos, os editoriais são negativos para o ex-presidente. Como apresentado no Gráfico 28, o maior número de editoriais foi registrado no mês de agosto, com 15 textos opinativos. Depois aparecem julho e setembro, com 9 editoriais cada, e junho, com editoriais negativos.

GRÁFICO 28 – Lula é citado como candidato: Frequência e Valência

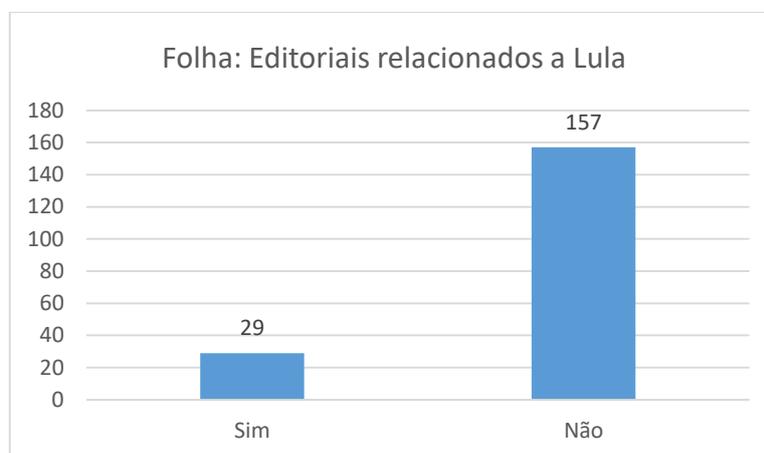
FONTE: Elaboração Própria

4.4 – Análise dos editoriais por jornal:

4.4.1 – Folha de S. Paulo

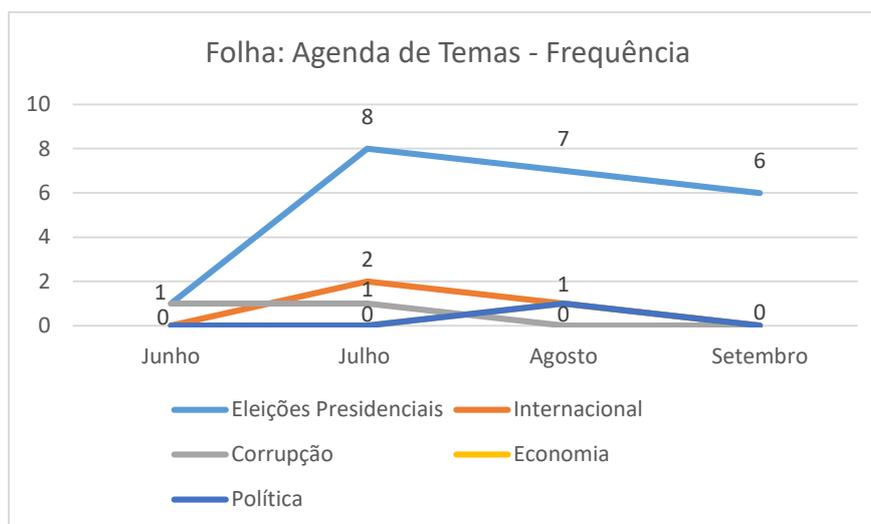
O jornal Folha de S. Paulo publicou 186 editoriais durante o intervalo de tempo analisado. Deste total, 29 deles, ou 15,5%, estavam relacionados ao ex-presidente Lula, enquanto os demais 157 editoriais, 84,5%, não tinham relação com objeto, como se vê no Gráfico 29. Distribuídos ao longo do período analisado, observa-se que julho foi o mês com maior número de editoriais relacionados, com 11 textos, seguido por agosto, com 10 textos. Setembro teve 6 editoriais e junho, 2 editoriais.

GRÁFICO 29 – Folha: Editoriais: relação com Lula



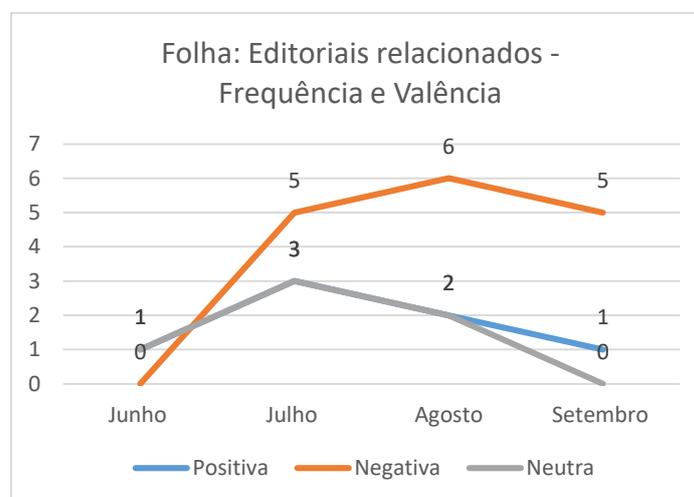
FONTE: Elaboração Própria

Em relação à agenda de temas dos 29 editoriais relacionados, 22 deles foram publicados sob o tema Eleições Presidenciais; 3 editoriais saíram sob o tema Internacional; 2 textos tiveram Corrupção como tema e um editorial foi publicado sob o tema Política e Economia cada, como mostramos no Gráfico 30. Distribuídos ao longo do recorte, os editoriais sobre Eleições Presidenciais tiveram 8 registros em junho; 7 em julho; 6 em agosto e um em junho. Dos editoriais classificados como Internacional, 2 foram publicados em julho e um em agosto, enquanto os 2 textos sobre Corrupção foram publicados em junho e julho. O editorial de Política e o de Economia foram publicados em agosto.

GRÁFICO 30 – Folha: Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência

FONTE: Elaboração Própria

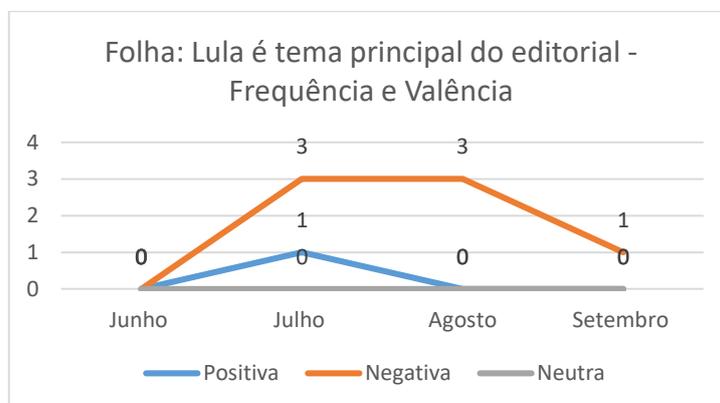
Analisando as valências dos editoriais sobre Lula publicados pela Folha de S. Paulo, nota-se a prevalência dos textos negativos sobre o ex-presidente. Dos 29 editoriais relacionados, 16 foram negativos para Lula, 7 foram positivos e 6 foram neutros. Distribuídos ao longo do tempo, os editoriais negativos tiveram 5 registros em julho, 6 em agosto e novamente 5 textos em setembro. Entre os editoriais positivos, um foi publicado em junho, 3 em julho, 2 em agosto e um editorial em setembro. Já os editoriais neutros tiveram publicações em junho, com um texto, julho, com três textos, e agosto, com 2 textos. É o que mostra o Gráfico 31.

GRÁFICO 31 – Folha: Editoriais relacionados: Frequência e Valência

FONTE: Elaboração Própria

Dos 29 editoriais publicados pela Folha no período analisado, Lula é tema principal em 8 deles, ou 27,5%, sendo nos demais 21 textos (72,5%) mencionado secundariamente ao longo do texto. Analisando a valência e a frequência dos editoriais em que Lula foi protagonista, nota-se que em 7 dos 8 textos foram negativos para o ex-presidente, sendo 3 editoriais em julho e agosto cada, e um em setembro. O único editorial positivo em que Lula é tema principal do texto foi publicado em julho, como se pode ver no Gráfico 32. Ele trata da decisão judicial que absolveu o ex-presidente da acusação de obstrução da Justiça num caso envolvendo o ex-diretor da Petrobrás Nestor Cerveró, como mostra a Figura 8.

GRÁFICO 32 – Folha: Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

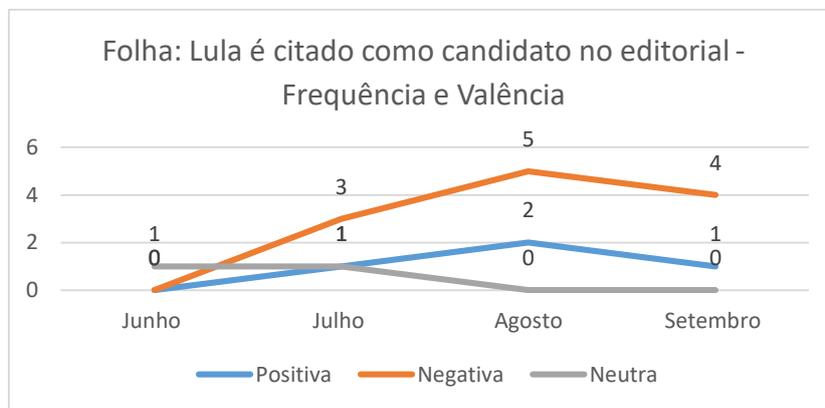
**FIGURA 8 – Editorial positivo em que Lula é tema principal –
Folha de S. Paulo, 15 jul. 2018**



FONTE: <http://acervo.folha.com.br/>

Entre os 29 editoriais da Folha, Lula é citado como candidato em 18 deles, enquanto em 11 ele não aparece nesta condição. Analisando os editoriais em que Lula aparece como candidato, 12 deles são negativos para o ex-presidente. Foram 5 editoriais negativos em agosto, 4 editoriais em setembro, 3 em julho e um em junho. Como mostra o Gráfico 33, Lula teve 4 editoriais positivos para ele no período, sendo 2 em agosto e um em julho e setembro cada. Dois editoriais neutros para Lula foram publicados, sendo um em junho e outro em julho.

GRÁFICO 33 – Folha: Lula é citado como candidato: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

Durante o recorte investigado na Folha, identificou-se também que Lula aparece em 7 editoriais como tema principal e citado como candidato a presidente. Em todos eles, as valências foram negativas para Lula.

4.4.2 – O Globo

O jornal O Globo publicou 180 editoriais durante o intervalo pesquisado³¹. Deste total, 50 estavam relacionados ao ex-presidente Lula, o que representa 27,7%, enquanto os demais 130 editoriais, 72,3%, não têm relação com o ex-presidente, como mostra o Gráfico 34. O Globo foi quem mais mencionou Lula em seus editoriais. Analisados ao longo do tempo, verifica-se uma linha decrescente de publicações, com 16 editoriais em junho, 13 em julho, 12 textos em agosto e 9 em setembro.

GRÁFICO 34 – Globo: Editoriais relacionados



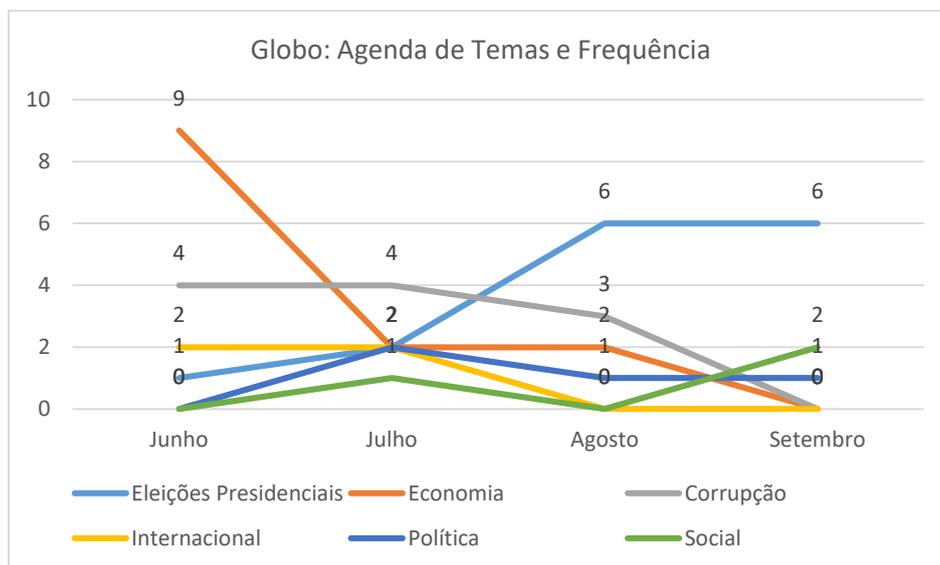
FONTE: Elaboração Própria

Sobre a agenda de temas dos 50 editoriais relacionados, 15 deles foram publicados sob o tema Eleições Presidenciais; 13 em Economia; 11 com o tema Corrupção; 4 textos nos temas Internacional e Política cada, e 3 editoriais sob o tema Social. Conforme o Gráfico 35, distribuídos na perspectiva temporal, o tema Eleições Presidenciais tem 6 editoriais em agosto e setembro cada, 2 em julho e um texto em junho. Economia registrou 9 editoriais em junho e 2 em julho e agosto cada. Já o tema Corrupção teve 4 editoriais nos meses de junho e julho

³¹ Não entrou nesta soma editoriais do dia 31 de julho de 2018, por não estarem disponíveis no acervo online do jornal.

cada, e 3 editoriais em agosto. O tema Internacional registrou dois editoriais em junho e julho cada. Política teve 2 editoriais em julho e um em agosto e setembro cada, e Social teve um editorial em agosto e 2 em setembro.

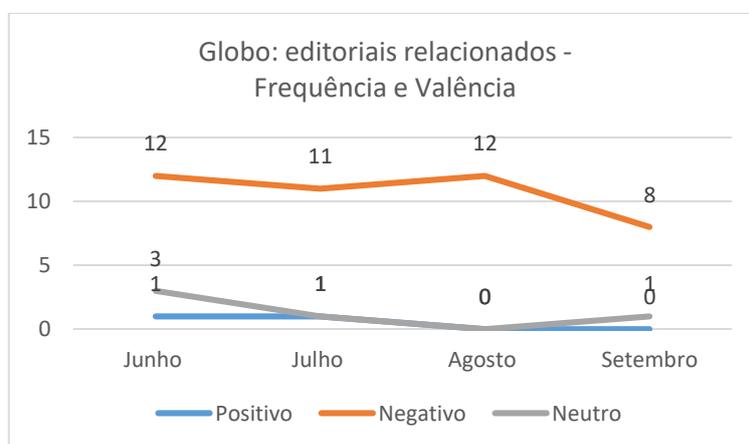
GRÁFICO 35 – Globo: Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência



FONTE: Elaboração Própria

Sobre as valências dos 50 editoriais publicados pelo Globo durante o período, 43 deles, ou 86%, foram negativos para o ex-presidente Lula. Apenas 2 editoriais foram positivos para o petista, enquanto 5 editoriais foram neutros. Em perspectiva temporal, como apresentado no Gráfico 36, os editoriais negativos tiveram 12 publicações em junho e agosto, 11 em julho textos e 8 em setembro. Os 2 editoriais positivos foram publicados nos meses de junho e julho. Já editoriais neutros tiveram 3 registros em junho e um em julho e setembro cada.

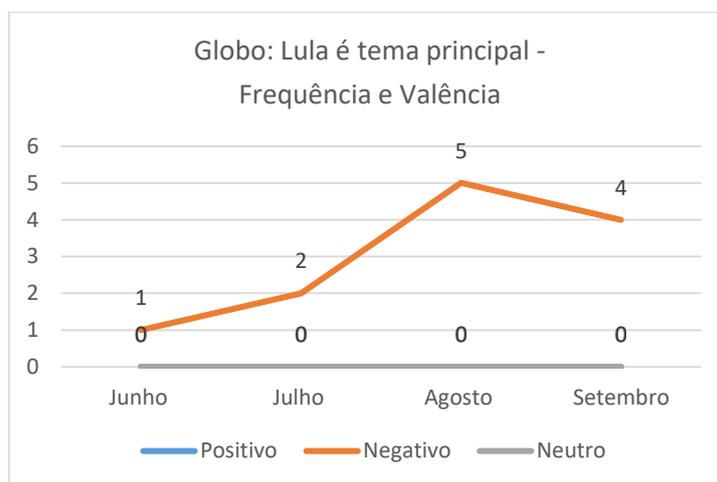
GRÁFICO 36 – Globo: Editoriais relacionados: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

Apesar de ser mencionado em 50 editoriais, Lula aparece como tema principal do texto em apenas 12 deles. Todos com valência negativa, como podemos ver no Gráfico 37. Foram 5 editoriais em agosto, 4 em setembro, 2 em julho e um em junho.

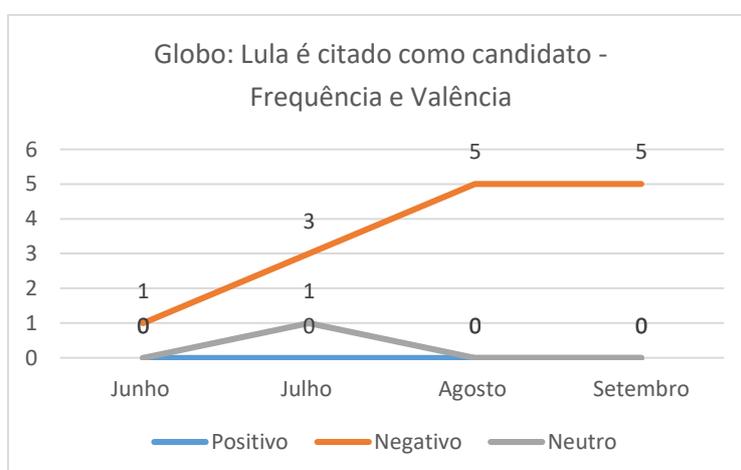
GRÁFICO 37 – Globo: Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

Em relação à condição de candidato presidencial, Lula é citado em 15 dos 50 editoriais relacionados. Em 14 deles, os editoriais são negativos para o ex-presidente, como atesta o Gráfico 38. Foram 5 publicações em agosto e setembro cada, 3 editoriais em julho e um em junho. Foi registrado um editorial neutro para Lula, publicado em julho. O líder petista não recebeu nenhum texto favorável à sua candidatura pelo Globo no período.

GRÁFICO 38 – Globo: Lula é citado como candidato: Frequência e Valência

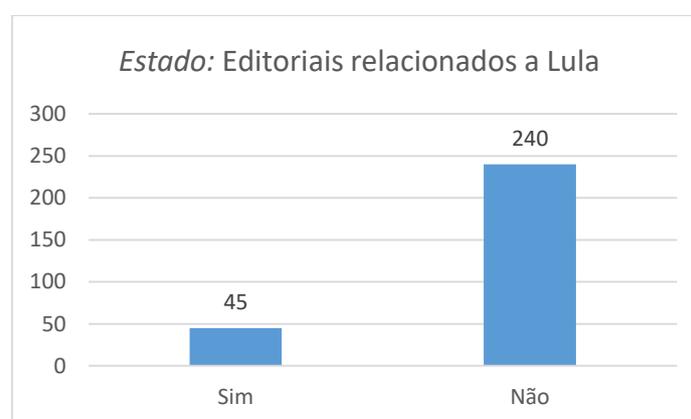


FONTE: Elaboração Própria

4.4.3 – O Estado de S. Paulo

O Estado de S. Paulo publicou 285 editoriais durante o período³², sendo o jornal com o maior acervo analisado. Desse total, 45 estão relacionados ao ex-presidente Lula, o que representa 15,8%. É a segunda maior menção entre os três jornais. Como aponta o Gráfico 39, 240 editoriais, 84,2%, não tinham relação com o objeto. Em relação à frequência dos editoriais relacionados, o maior número de publicações ocorreu em agosto, com 21, seguido de julho, com 10, setembro, com 9 textos, e junho com 5 editoriais.

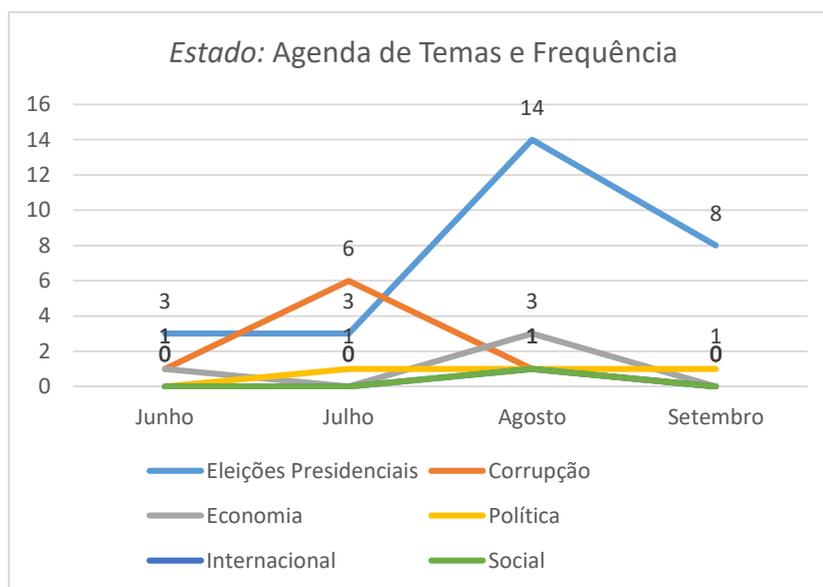
GRÁFICO 39 – Estado: Editoriais relacionados



FONTE: Elaboração Própria

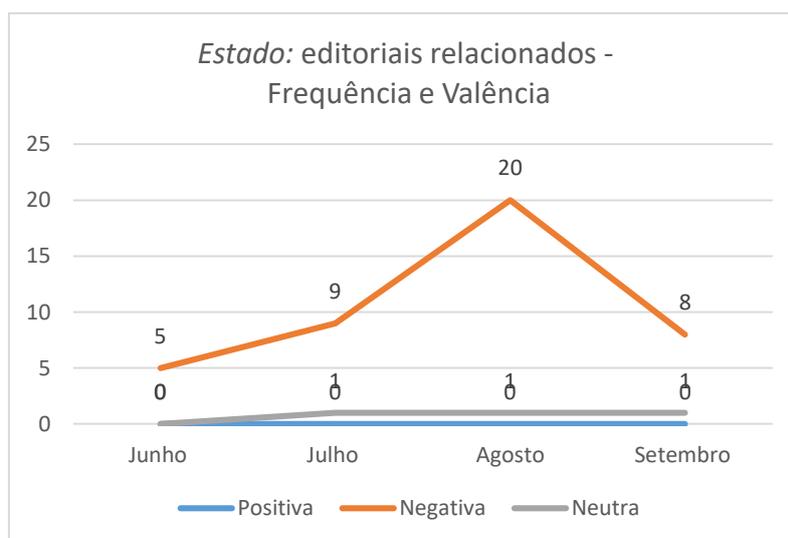
O Estado de S. Paulo apresentou a seguinte agenda de temas nos editoriais relacionados ao objeto: Eleições Presidenciais, com 28 publicações; Corrupção, com 8; Economia, com 4; Política, com 3; e Internacional e Social com uma publicação cada. Distribuídos ao longo do período analisado, os editoriais sob o tema Eleições Presidenciais registraram maior frequência em agosto, com 14 publicações, seguido por setembro, com 8, e junho e julho com 3 cada. O tema Corrupção teve 6 editoriais em julho e um em junho e agosto. Economia registrou 3 publicações em agosto e uma em junho, enquanto Política teve uma publicação em julho, agosto e setembro. Os temas Internacional e Social tiveram uma publicação cada, em agosto, como se pode observar no Gráfico 40.

³² Não entrou neste somatório os editoriais dos dias 27 de julho e 22 de agosto de 2018, por não estarem disponíveis no acervo online do jornal.

GRÁFICO 40 – Estado: Editoriais relacionados: Agenda de Temas e Frequência

FONTE: Elaboração Própria

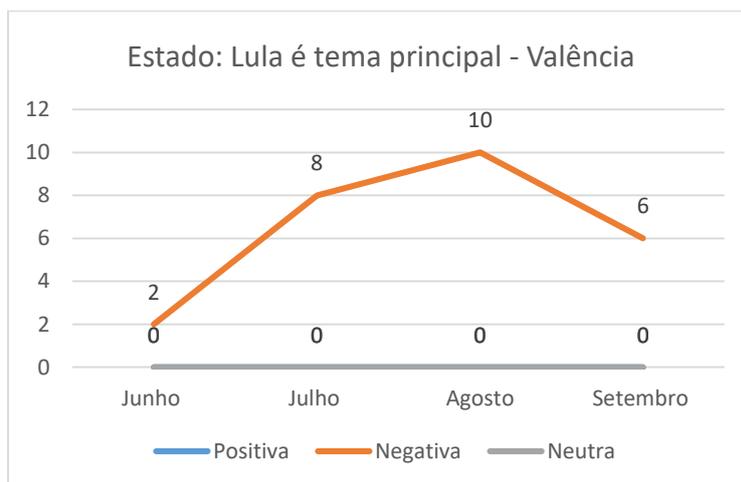
Analisando as valências dos editoriais, percebe-se que O Estado de S. Paulo teve a maior disparidade entre as valorações. O Gráfico 41 mostra que dos 45 editoriais relacionados, 42 foram negativos para Lula. Houve 3 publicações neutras e nenhuma positiva. Ao longo do período, os editoriais negativos tiveram a maior frequência em agosto, com 20 textos. Em seguida aparecem julho, com 9, Setembro, com 8, e junho, com 5 publicações. Houve 3 editoriais neutros, publicados em julho, agosto e setembro.

GRÁFICO 41 – Estado: Editoriais relacionados: Frequência e Valência

FONTE: Elaboração Própria

Entre os 45 editoriais relacionados do Estado de S. Paulo, Lula aparece como tema principal em 26 deles (57,7%), enquanto nos demais 19 (42,3%) ele é citado secundariamente. Nos textos em que o ex-presidente é protagonista, todos tiveram valência negativa. Como se vê no Gráfico 42, ao longo do período, foram 10 editoriais negativos em agosto, 8 em julho, 6 em setembro e 2 em junho.

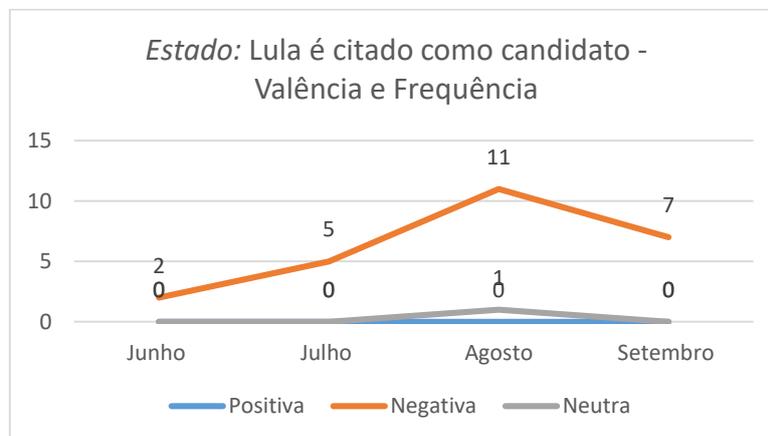
GRÁFICO 42 – Estado: Lula é tema principal do editorial: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

Já sobre a condição de candidato a presidente, Lula é também mencionado em 26 editoriais. Como se pode visualizar no Gráfico 43, 25 deles tiveram valência negativa para ele e um editorial neutro. Distribuídos ao longo do tempo, os textos foram publicados em maior número em agosto, com 11 textos, seguido por setembro, com 7 publicações, julho, com 5, e junho, com 2. O editorial neutro sobre Lula foi publicado em agosto. Não houve editoriais positivos.

GRÁFICO 43 – Estado: Lula é citado como candidato: Frequência e Valência



FONTE: Elaboração Própria

4.5 – Análise de Enquadramentos – Três Jornais Agregados

Para analisar os enquadramentos dos editoriais, conforme anteriormente tratado, utilizou-se o conceito formulado por Entman (1993), que envolve a seleção e a saliência de determinados aspectos da realidade, em conjunto com o conceito de “pacotes interpretativos”, de Gamson e Modigliani (1989), que reúnem palavras-chave sobre o objeto e apontam o argumento central do texto, ou seja, o enquadramento preponderante. A partir da análise das palavras-chave relacionadas ao objeto no recorte escolhido, chegou-se por aproximação entre elas a quatro enquadramentos principais. São eles:

Enquadramento 1: *Lula é autoritário com candidatura*

O enquadramento dominante entre os 124 editoriais relacionados é o de que o ex-presidente “Lula age de maneira autoritária e contrária à democracia”, ao tentar se candidatar a presidente. Para constituir este enquadramento, os três jornais recorrem à condição jurídica de Lula, enfatizando que ele está inelegível, por ter sido condenado em segunda instância por corrupção e encontra-se preso, fato lembrado com frequência nos editoriais. As principais palavras-chave que compõem este enquadramento são: “autoritarismo”, “inelegibilidade”, “prisão”, “corrupção”, “antidemocrático”, “dissimulação” e “vitimismo”. Há casos em que as palavras-chave “inelegibilidade”, “prisão” e “corrupção” aparecem simultaneamente no mesmo editorial, numa saliência para confirmar o “autoritarismo” de Lula, na visão dos jornais, em querer disputar as eleições. Para efeito operacional, classificou-se com a palavra-chave predominante no editorial.

Enquadramento 2: *Lulopetismo aparelhou o Estado*

Este enquadramento, que registrou a segunda maior incidência entre os editoriais dos três jornais, está relacionado ao período em que Lula foi presidente do Brasil. Ele traz a ideia central organizadora de que o ex-presidente utilizou a estrutura da administração pública para cristalizar um projeto de poder político-partidário. A expressão “Lulopetismo” é frequentemente associada à ideia de um partido que aparelha o Estado para manter seu projeto de hegemonia política (AZEVEDO, 2017). Este enquadramento é composto pelas seguintes palavras-

chaves: “Lulopetismo”, “Aparelhamento”, “Populismo”, “Ineficiência”, “Anacronismo”, “Despreparo” e “Estatismo”.

Enquadramento 3: *Lula é popular*

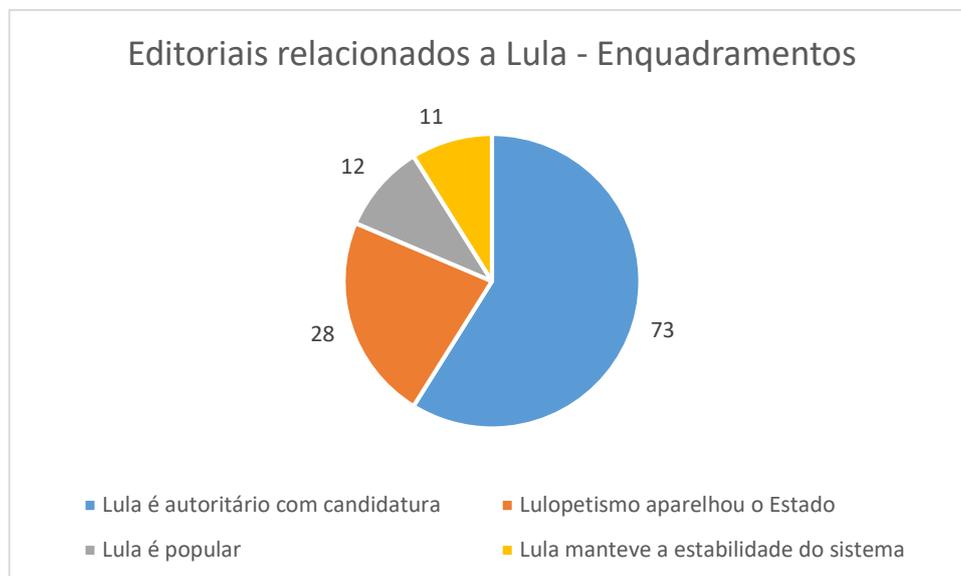
Este enquadramento está relacionado majoritariamente à candidatura presidencial de Lula. Alguns textos opinativos atestam o potencial eleitoral de Lula, que chegou a liderar intenções de voto³³, mas logo em seguida alertar para seu impedimento de disputar o pleito. Este enquadramento abriga editoriais com reconhecimentos positivos para Lula, embora de incidência esporádica, como o fato dele ter sido absolvido da acusação de obstrução de justiça no âmbito da operação Lava Jato, e dele ter sido vítima de abuso no caso de sua condução coercitiva para depoimento, no dia 4 de março de 2016. Este enquadramento é composto pelas palavras-chave: “Candidato”, “Popularidade”, “Injustiça”, “Violência”, “Inocente”.

Enquadramento 4: *Lula manteve a estabilidade do sistema*

Se em alguns editoriais, Folha, Globo e *Estado* destacam Lula como governante que “aparelhou o Estado”, em outros textos opinativos o ex-presidente petista é descrito como governante que adotou medidas para manter as linhas-mestras do sistema político do País, como suavizar o discurso para vencer eleições, governar com apoio de vários partidos políticos, manter a política cambial e fazer ajustes nas contas públicas. Este enquadramento é composto pela palavra-chave “estabilidade”.

Considerando os 124 editoriais relacionados a Lula publicados pelos três veículos impressos, observa-se que o enquadramento “*Lula é autoritário com candidatura*” responde por 58,8% dos textos, como mostra o Gráfico 44. Em seguida aparece o enquadramento “*Lulopetismo aparelhou o Estado*”, com 22,5%. O enquadramento “*Lula é popular*” apareceu em 9,6% dos editoriais, enquanto “*Lula manteve estabilidade do sistema*” foi identificado em 8,8% dos textos.

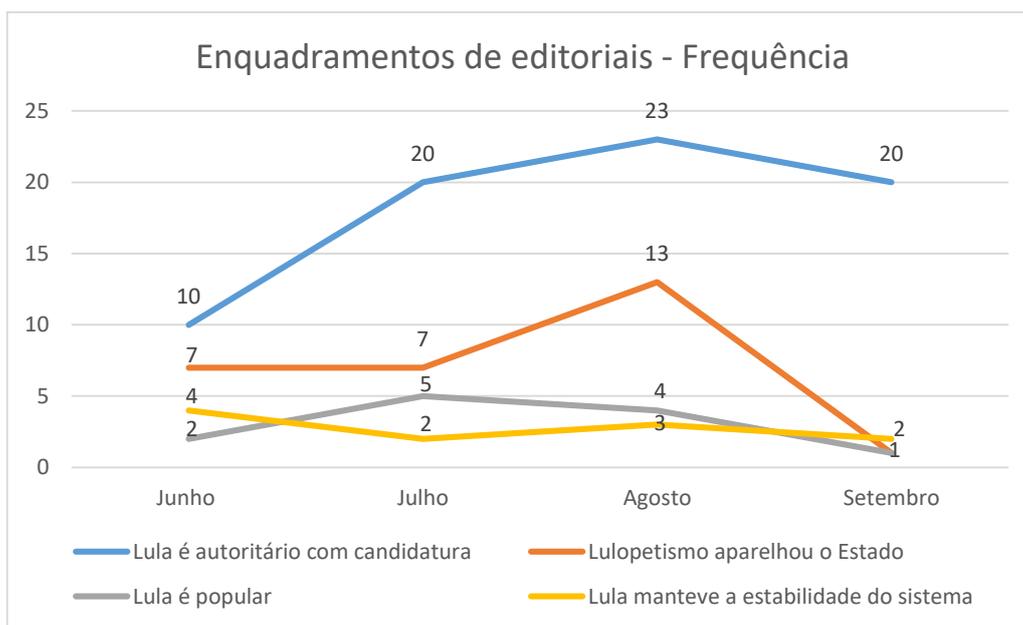
³³ Portal G1, de 22 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-de-22-de-agosto-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-e-religiao.ghtml>. Acesso em 25 out. 2018.

GRÁFICO 44 – Editoriais relacionados a Lula: Enquadramentos

FONTE: Elaboração Própria

Analisando a distribuição dos enquadramentos durante o período analisado, apresentada no Gráfico 45, nota-se que o mês de agosto foi o período de maior incidência, com 43 enquadramentos, seguido por julho, com 34. Setembro registrou 24 enquadramentos e junho, 23. Investigando a frequência por enquadramento, verifica-se que *“Lula é autoritário com candidatura”* aparece em 10 editoriais em junho, aumenta para 20 registros em julho, chegando a agosto com 23 textos, e outros 20 textos em setembro. Já o enquadramento *“Lulopetismo aparelhou o Estado”* aparece 7 vezes nos meses de junho e julho, sobe para 13 textos em agosto e tem um registro em setembro. Já o enquadramento *“Lula é popular”* aparece 2 vezes em junho, sobe para 4 em julho, cai para 4 em agosto e tem um editorial em setembro. E o enquadramento *“Lula manteve a estabilidade do sistema”* mobilizou 4 editoriais em junho, 2 em julho, 3 em agosto e outros 2 em setembro.

GRÁFICO 45 – Frequência de Enquadramentos



FONTE: Elaboração Própria

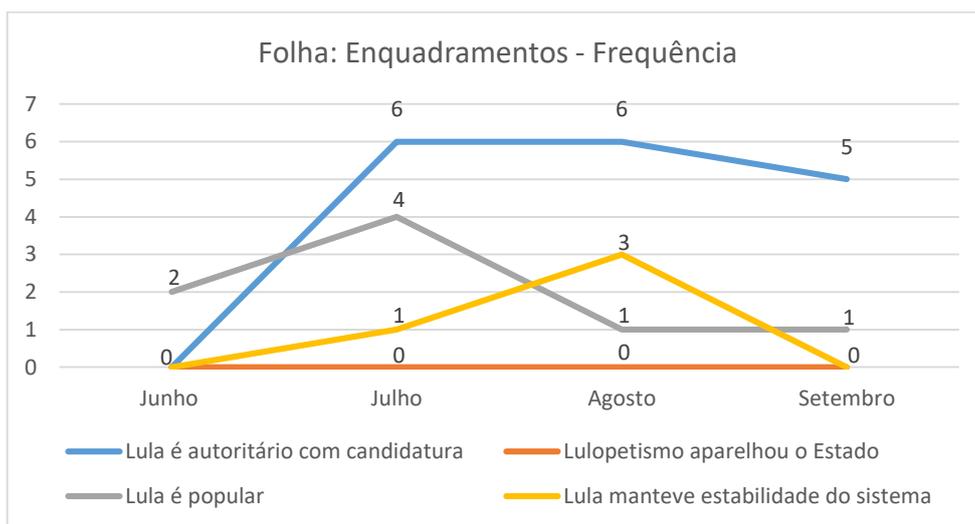
Analisou-se ainda qual enquadramento obteve sua maior incidência em qual jornal. Os dados mostram o seguinte: o enquadramento “*Lula é autoritário com candidatura*” recebeu o maior espaço nos editoriais do Estado de S. Paulo, com 75,5% do total de textos. “*Lulopetismo aparelhou o Estado*” obteve seu maior espaço no jornal O Globo, que dedicou 38% dos seus editoriais a este enquadramento. Já a narrativa “*Lula é popular*” teve sua maior incidência na Folha de S. Paulo, com 27,5% do total. Por último, o enquadramento “*Lula manteve a estabilidade do sistema*” registrou a maior frequência no Globo, com 12% do total. Fazendo a análise inversa, isto é, qual enquadramento registrou o menor espaço em qual jornal, descobriu-se que o Enquadramento 1 recebeu o menor espaço na Folha, com 58,6% do total; o Enquadramento 2 registrou a menor frequência também na Folha, com 0% de incidência; enquanto os Enquadramento 3 e 4 obtiveram as menores frequências no *Estado*, cada um com 2,22% do total de editoriais.

4.6 – Análise de Enquadramentos por jornal:

4.6.1 – Folha de S. Paulo

Dos 29 editoriais relacionados a Lula, publicados pela Folha entre 8 de junho e 12 de setembro, observa-se que o enquadramento predominante foi “*Lula é autoritário com candidatura*”, com 17 editoriais, conforme se vê no Gráfico 46. O enquadramento “*Lula é popular*” recebeu 8 textos. Este dado indica que o jornal dedicou o maior espaço entre os jornais a retratar o potencial eleitoral do ex-presidente, em que pese reforçar sua inelegibilidade. “*Lula manteve a estabilidade do sistema*” obteve 4 registros e não foi registrado no veículo o enquadramento “*Lulopetismo aparelhou o Estado*”. Distribuídos ao longo do intervalo, os enquadramentos tiveram a seguinte frequência no jornal:

GRÁFICO 46 – Folha: Frequência de Enquadramentos

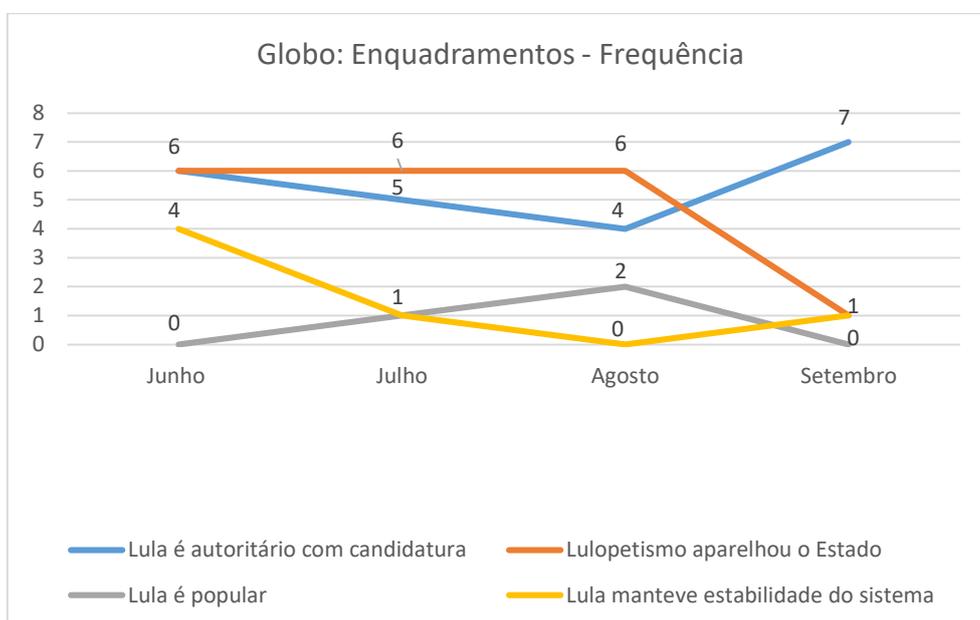


FONTE: Elaboração Própria

4.6.2 – O Globo

Jornal com mais editoriais relacionados a Lula, O Globo dedicou 82% dos seus 50 textos aos enquadramentos “*Lula é autoritário com candidatura*” e “*Lulopetismo aparelhou o Estado*”, que receberam, respectivamente, 22 e 19 editoriais. Outros 6 textos trouxeram o enquadramento “*Lula manteve estabilidade do sistema*”, enquanto “*Lula é popular*” recebeu 3 editoriais. Como se observa no Gráfico 47, ao longo do intervalo analisado, os editoriais estão distribuídos da seguinte forma segundo os enquadramentos:

GRÁFICO 47 – Globo: Frequência de Enquadramentos

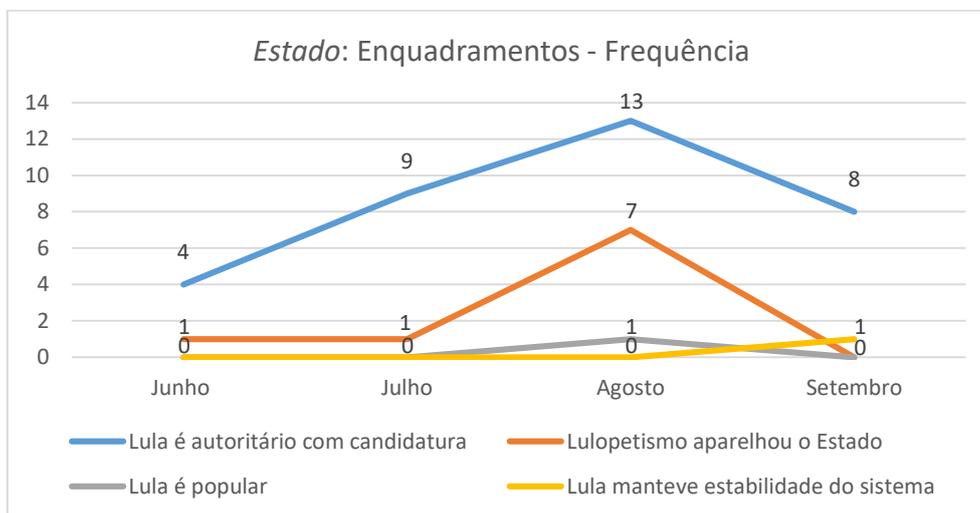


FONTE: Elaboração Própria

4.6.2 – O Estado de S. Paulo

Dos três jornais, quem mais descreveu Lula como um político “*autoritário por tentar se candidatar a presidente estando em condição de inelegibilidade*” foi O Estado de S. Paulo. Foram 34 editoriais, do total de 45, dedicados ao enquadramento “*Lula é autoritário com candidatura*”. Como é possível observar no Gráfico 48, dos 11 textos restantes, 9 deles foram dedicados ao enquadramento “*Lulopetismo aparelhou o Estado*”, enquanto “*Lula é popular*” e “*Lula manteve estabilidade do sistema*” recebeu um editorial cada. Ao longo do período, a distribuição dos textos opinativos foi feita da seguinte maneira:

GRÁFICO 48 – Estado: Frequência de Enquadramentos



FONTE: Elaboração Própria

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi guiado com o objetivo de analisar como três *quality papers* do Brasil – Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo – perceberam e retrataram o projeto de candidatura a presidente de Luiz Inácio Lula da Silva em 2018, pelo PT, por meio da análise de suas manchetes principais e de seus editoriais publicados entre 8 de junho e 12 de setembro. O estudo é composto por 173 unidades de análise, sendo 49 manchetes e 124 editoriais relacionados ao objeto. Dentro deste corpus, investigou-se três questões principais: (1) a frequência dedicada ao projeto eleitoral de Lula pelos veículos; (2) a valoração das manchetes e editoriais sobre ele; e (3) o enquadramento dado ao ex-presidente nos editoriais. Para isso, aplicou-se a Metodologia de Análise de Valência (FERES JÚNIOR, 2016; AZEVEDO, 2017) para as manchetes e editoriais, e os conceitos de Enquadramento (*framing*) (ENTMAN, 1993) e de Pacotes Interpretativos (GAMSON e MODIGLIANI, 1989) para a análise dos editoriais.

O contexto particular da trajetória política do país foi o que motivou a investigação. Pela primeira vez desde as eleições presidenciais de 1989, um candidato competitivo é impedido pela Justiça de disputar o cargo de presidente da República. O ex-presidente liderou preferência de intenções de votos³⁴, na primeira eleição depois do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016, evento que divide opiniões na Ciência Política, sendo classificado como golpe contra a democracia por diferentes pesquisadores (JINKINS et al orgs., 2016; DIAS e SEGURADO, 2018; ALBUQUERQUE, 2018). Apesar da popularidade, Lula encontrava-se condenado em duas instâncias por corrupção e lavagem de dinheiro, e preso para cumprimento da pena na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba (PR). Pelas condenações, o político petista foi enquadrado na Lei da Ficha Limpa (Lei Complementar 135/2010) e teve seus direitos políticos suspensos, tornando-se assim inelegível. A legalidade das sentenças criminais e a consequente inelegibilidade de Lula são questionadas por juristas brasileiros e internacionais (PRONER, 2017), que denunciam um

³⁴ Portal G1, de 22 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-de-22-de-agosto-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-e-religiao.ghtml>. Acesso em 25 out. 2018.

episódio de *Lawfare*, isto é, o uso de instrumentos jurídico-legais para se alcançar determinados objetivos políticos, interna ou externamente. Este mérito não entrou no escopo da pesquisa, que abarca quatro períodos decisivos do projeto eleitoral em questão: o lançamento da candidatura de Lula pelo PT, em 8 de junho de 2018, o registro da candidatura no TSE, em 15 de agosto, o impedimento da candidatura pelo TSE, em 31 de agosto, e a substituição de Lula por Fernando Haddad como candidato do PT, em 11 de setembro.

Dentro desse contexto político e eleitoral, tentamos responder às seguintes perguntas: como foi retratada a candidatura de Lula pelos jornais pesquisados? E quais foram as ideias centrais que organizaram o conteúdo opinativo dos veículos sobre Lula? Ou, de outra maneira, quais enquadramentos foram dados pelos editoriais?

Em relação à frequência com que Lula apareceu nos jornais, os dados relativos às manchetes mostram que o político petista não foi ignorado enquanto candidato. Lula apareceu em 49 manchetes principais, em um universo de 291. Na maioria delas, 57%, ele é retratado dentro do tema Eleições Presidenciais. Ou seja, a candidatura de Lula foi narrada pelos três jornais. Em 28 manchetes Lula é citado diretamente. Já o tema Corrupção recebeu 30% das manchetes no período. O maior espaço ocupado por Lula ocorreu no mês de agosto, que concentrou 55% do total das chamadas relacionadas. É nesse mês que ocorre os dois fatos principais do projeto eleitoral do PT: o registro de candidatura de Lula no TSE e a decisão da corte eleitoral que barrou o ingresso do ex-presidente na disputa. Analisando individualmente, houve certa uniformidade entre os três veículos na publicação de manchetes, com Globo e *Estado* com 17 chamadas ambos, e a Folha com 15 publicações.

Se por um lado os dados relativos à frequência indicam que a candidatura de Lula não foi ignorada pela imprensa, as valências das manchetes mostram que a visibilidade dada a ele foi majoritariamente negativa. Este fato era esperado dado o histórico de cobertura negativa sobre o PT pela Folha, Globo e *Estado* já registrado pela literatura (AZEVEDO, 2017; ALDÉ, MENDES e FIGUEIREDO, 2007) em eleições anteriores. Das 49 manchetes publicadas sobre Lula, 67,3% foram negativas para ele. Estas chamadas desfavoráveis acompanham todo o período analisado, numa linha ascendente que tem seu ápice em agosto, mês

que concentrou 36,7% do total publicado. Ao noticiar o registro da candidatura de Lula no TSE, os três veículos adotam tom de reprovação ao ato do PT. No dia 16 daquele mês, a Folha deu a seguinte manchete: “*PT registra Lula, condenado em 2ª instância por corrupção*”³⁵, enquanto o Globo publicou: “*PGR pede ao TSE que seja rejeitada a candidatura Lula*”³⁶. No dia do registro pelo PT, o *Estado* trouxe a seguinte manchete em sua edição impressa: “*PT desafia lei para registrar Lula hoje, mas já planeja substituição*”³⁷.

Dois fatores são igualmente relevantes para tentar entender esta cobertura predominantemente negativa dada a Lula pelos três *quality papers* no período investigado. O primeiro deles pode estar relacionado à teoria liberal do jornalismo que vê a imprensa como um cão de guarda (*watchdog*) que cuida do bem público e dos interesses da população. Uma lógica narrativa que sugere ao leitor o seguinte raciocínio: “*se Lula está condenado em segunda instância, está automaticamente inelegível e não deve ser candidato*”. Além disso, pode se dizer também que havia valor-notícia (SILVA, 2005) nos atos relacionados à candidatura de Lula. Um ex-presidente da República detém considerável parcela de intenções de votos, seu partido o quer como candidato, mas o político encontra-se preso cumprindo pena. Este fato por si só traz impacto, interesse/conflicto ou controvérsia (SCHOEMAKER, 2011) e tem influência sobre o interesse nacional (WOLF, 2003), alguns dos critérios que constituem os valores-notícia. Por outro lado, Gans (1980) avalia que um acontecimento se transforma em notícia quando há, além dos elementos mencionados, também equilíbrio.

O fator imprensa *watchdog* e os critérios noticiabilidade não explicam totalmente a cobertura negativa da Folha, Globo e *Estado* sobre Lula. O segundo fator a ser considerado neste sentido é a perspectiva histórica da relação dos jornais com o ex-presidente e seu partido político. Como mostra Azevedo (2017), longitudinalmente, desde as eleições de 1989 os referidos veículos impressos mantêm cobertura negativa sobre o PT. Analisando períodos de sete eleições presidenciais e utilizando a mesma metodologia de análise de valência, o autor

³⁵ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em 31 out 2019.

³⁶ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 31 out 2019.

³⁷ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em 31 out 2019.

identificou que, no jornal Folha de S. Paulo, 55,3% das manchetes relacionadas ao PT, seus candidatos presidenciais e lideranças partidárias e seus governos, eram negativas (*Op. cit.* p.153). No Globo, esse percentual é de 67,2% (*Ibid.* p.128), enquanto no Estado de S. Paulo, 60,4% das manchetes publicadas foram desfavoráveis aos petistas (*Ibid.* p.141). Há, portanto, um histórico de antipetismo nos três jornais. Aldé, Mendes e Figueiredo (2007), ao analisarem a cobertura das páginas informativas da Folha, Globo e *Estado* durante as eleições de 2006, constataram pequena prevalência das matérias negativas em relação a Lula na condição de candidato presidencial (*Op. cit.* p.168), com 30% de matérias negativas pela Folha; 40% no Globo e 43% no *Estado*³⁸. Na presente pesquisa, nota-se que no período analisado de 2018, na Folha, as manchetes negativas respondem por 53,3% do total de chamadas relacionadas a Lula. No Globo, o percentual é de 64,7% de chamadas desfavoráveis, enquanto no Estado de S. Paulo, 88,2% das manchetes sobre Lula foram negativas.

Sobre as manchetes do *Estado*, embora não tenha sido objeto de análise de enquadramento, é interessante destacar a escolha das palavras pelo veículo para imprimir certo desrespeito ou autoritarismo por parte do PT, de Lula e de aliados, em relação ao ordenamento jurídico e político vigente. Vejamos alguns exemplos: “Tribunal barra **manobra** para tirar Lula da prisão”, publicada em 9 de junho de 2018; “PT **desafia** lei para registrar Lula hoje, mas já planeja substituição”, de 15 de agosto; “Após decisão do TSE, PT **ataca** Judiciário na TV e **insiste** em Lula³⁹” (negrito nosso), publicada em 2 de setembro. Neste ponto é oportuno lembrar que uma parte dos estudos sobre Jornalismo considera como insuficiente a separação entre informação e opinião proposta pelos jornais impressos, na tentativa de oferecer um tratamento adequado às diferentes perspectivas que permeiam o conteúdo oferecido à audiência (CHAPARRO, 2003; MORAES, 2007; TUCHMAN, 1973, 1978. *Apud* MONT’ALVERNE e MARQUES, 2018). Assim, um percentual de opinião influencia a notícia. McCombs (2009) também descreve que os meios de comunicação de massa selecionam e dão ênfase a determinadas características de um objeto nas

³⁸ Dados coletados de 1º de fevereiro a 1º de outubro de 2006.

³⁹ Disponíveis em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em 31 out 2019.

notícias sobre este objeto, o que o autor classifica como agendamento de atributos, uma espécie de enquadramento.

Em relação às manchetes positivas, os dados encontrados apontam que a Folha dedicou 26,6% das manchetes relacionadas a Lula. No Globo, este percentual cai para 23,6%, e no *Estado*, 17,6%. São manchetes que destacam pesquisas de intenção de voto, que mostram o capital eleitoral de Lula, como a da Folha no dia 22 de agosto de 2018: “*Preso, Lula tem 39%; sem ele, Bolsonaro chega a 22%*”⁴⁰. Também retratam as movimentações do PT relativas ao registro da candidatura, como esta do Globo no dia 6 de agosto: “*Lula indica Haddad, e Bolsonaro vai com general Mourão*”⁴¹. Ou ainda vitórias jurídicas do petista em processos movidos contra ele no âmbito da operação Lava Jato. Entre as manchetes positivas dos veículos, nenhuma delas faz menção a fatos que apontassem eventual viabilidade da candidatura de Lula. Fato como a decisão do Comitê de Direitos Humanos das Nações Unidas (ONU) do dia 17 de agosto de 2018, que recomendou que o Brasil “*tome todas as medidas necessárias para garantir que Lula possa desfrutar e exercer seus direitos políticos enquanto estiver na prisão, como candidato nas eleições presidenciais de 2018*”⁴². A omissão deste episódio nas agendas principais dos jornais mostra-se relevante analiticamente, já que, como demonstrado na *Agenda-Setting*, a seleção, disposição e incidência das notícias impõem uma agenda seleta de temas que passam a ganhar notoriedade pública. Desta forma, o que é salientado pela imprensa ganha destaque perante o público. O material coletado e analisado mostra que, no dia posterior à decisão do órgão da ONU que recomenda a participação de Lula no pleito, em 18 de agosto, o jornal O Globo deu a seguinte manchete: “*Candidatos vão ao nordeste em busca de eleitores de Lula*”, que considera a candidatura do petista como já inviabilizada. Folha e *Estado* dedicaram manchetes sem relação com o ex-presidente no mesmo dia.

⁴⁰ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em 31 out. 2019.

⁴¹ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 31 out. 2019.

⁴² Decisão do Comitê de Direitos Humanos da ONU. Disponível em: https://lula.com.br/wp-content/uploads/2018/08/Luiz-Ina%CC%81cio-Lula-da-Silva_SP-1-1.pdf. Acesso em 26 out. 2018. No julgamento da candidatura de Lula, em 31 ago. 2018, o TSE considerou que a manifestação do comitê da ONU não tem caráter vinculante, ou seja, a Justiça brasileira não está obrigada a cumpri-la.

Diante deste cenário relacionado às manchetes, os dados permitem concluir que os jornais pesquisados noticiaram a tentativa de Lula de se candidatar a presidente, mas imprimiram valoração fortemente negativa ao projeto eleitoral. Dentro do universo de 291 chamadas principais dos três jornais, 20,2% delas foram dedicadas a Lula. Deste percentual, 67,3% foram manchetes negativas para a imagem do ex-presidente. O tema da corrupção ainda acompanha o noticiário relativo a Lula, sendo responsável por 30% das manchetes. A cobertura negativa contra Lula mantém coerência com a trajetória de antipetismo dos veículos relatada na literatura (AZEVEDO, 2017; ALDÉ, MENDES e FIGUEIREDO, 2007), destacando-se como elemento novo para este pleito a condição jurídica de Lula e sua consequente inelegibilidade. Assim, relativamente às manchetes, os dados confirmam a hipótese da pesquisa, de que os três jornais mantiveram uma posição de oposição a Lula, com um conteúdo noticioso majoritariamente negativo em relação ao objeto.

Analisamos a seguir os editoriais dos jornais, destacando os três aspectos principais: a frequência, a valência, e os enquadramentos utilizados. Em relação à frequência, como nas manchetes, o mês de agosto representou o maior volume de editoriais relacionados, com 34,6% do total, reforçando a percepção de que os veículos intensificaram a cobertura no período decisivo da empreitada eleitoral do PT. Individualmente, quem mais publicou opiniões nesse mês foi o *Estado*, com 21 editoriais. A agenda de temas dos editoriais relacionados se mostra mais ampla do que a das manchetes. Além de Eleições Presidenciais e Corrupção, há editoriais relacionados a Lula nos temas de Economia, Política, Internacional e Social. O tema Eleições Presidenciais manteve a predominância, com 52,4% dos editoriais. Na maioria destes textos é reiterada a condição de inelegibilidade de Lula, assim como o fato dele encontrar-se preso. Como este do jornal O Estado de S. Paulo, publicado no dia 2 de julho de 2018:

“Os objetivos da manobra não são outros além de tumultuar o processo eleitoral e garantir ao dono do PT algum protagonismo e evidência nos meios de comunicação. Não sendo candidato do PT à Presidência, Lula da Silva verá reduzido o seu poder de ditar os rumos da legenda e corre o risco de ser condenado ao esquecimento na cela em que se encontra” (LULA É, SIM, INELEGÍVEL. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jul. 2018, Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 31 out. 2019)

Dentre os três jornais, quem mais publicou editoriais sobre a candidatura de Lula foi o *Estado*, com 28 textos. Já o tema Corrupção aparece em segundo, com 16,9% dos editoriais relacionados. Individualmente, quem mais publicou editoriais sobre corrupção foi O Globo, 11 textos opinativos. O levantamento realizado por Azevedo (2017) mostra que a partir de 2006 a temática da corrupção é atrelada ao PT em editoriais dos três jornais com maior frequência, desde o surgimento do chamado Mensalão⁴³ e manteve-se como assunto recorrente em textos relacionados às gestões petistas. Mais recentemente, a operação Lava Jato conecta o PT, e os ex-presidentes Lula e Dilma às denúncias de corrupção na Petrobrás em editoriais. Ao analisar como a Folha de S. Paulo retratou a Operação Lava Jato em seus editoriais, entre os anos de 2014 e 2015, Alves e Geraldini (2019) apontam que Lula é o ator político individual que mais aparece nos textos sobre esse escândalo de corrupção, em quatro editoriais (pp. 218-219). Além de Eleições Presidenciais e Corrupção, o ex-presidente também foi mencionado em editoriais sobre os temas Economia, que responde por 14,5% do total; Internacional e Política, com 6,4% cada, e Social, com 3,2%. Ainda em relação à frequência, em apenas 37% do total de editoriais relacionados, Lula é o tema principal do texto opinativo. Os demais 63% dos textos mencionam o petista de maneira secundária, para ilustrar determinado aspecto do assunto principal. Na maioria dos editoriais, Lula é mencionado como exemplo para justificar uma opinião do veículo.

Analisando a valência dos editoriais publicados, nota-se o posicionamento fortemente contrário dos três jornais à candidatura de Lula. Em média, de cada dez editoriais publicados sobre Lula no período, 8 foram negativos para o ex-presidente. Individualmente, a proporção é de 55,1% de editoriais negativos na Folha de S. Paulo; de 86% no Globo e de 93,3% de editoriais negativos sobre Lula no Estado de S. Paulo. O antipetismo dos três jornais em seus editoriais se mantém coerente com a perspectiva longitudinal apresentada por Azevedo (2017). Segundo o autor, nos períodos eleitorais entre 1989 e 2014, 73,3% dos editoriais publicados pela Folha com relação ao PT, seus candidatos presidenciais – Lula e Dilma – e lideranças partidárias e seus governos eram

⁴³ O chamado Mensalão consistia no suposto pagamento de mesada a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo em 2005, durante o primeiro governo Lula.

negativos; no Globo, este percentual é de 86,9%; enquanto no *Estado*, 93,1% dos editoriais publicados foram desfavoráveis ao petismo (*Op. Cit.* p.158). Também utilizando a metodologia de análise de valência, o estudo de Aldé, Mendes e Figueiredo (2007) sobre as páginas de opinião dos referidos veículos sobre Lula enquanto candidato à reeleição nas eleições de 2006, mostra que a Folha dedicou 35% de editoriais negativos a ele; no Globo, este percentual sobe para 53% e chega a 60% de editoriais negativos no *Estado* (*Op. cit.* p.168). Neste contexto, os dados da presente pesquisa encontram relativa semelhança com o apresentado pela literatura e reforçam a hipótese de que, em 2018, os três jornais impressos brasileiros mantiveram a oposição histórica ao petismo.

Em relação à análise dos enquadramentos dos editoriais, lembramos que o objetivo da pesquisa neste aspecto é identificar, quantificar e analisar os atributos usados pelos três jornais para descrever o projeto de candidatura de Lula. Buscamos encontrar qual a ideia central que organizou o conteúdo opinativo dos três veículos em relação à candidatura do petista. Nesse contexto, constatamos que no período de 97 dias, compreendidos entre o lançamento da candidatura de Lula pelo PT e a substituição de seu nome pelo de Fernando Haddad nas urnas, o enquadramento que dominou os editoriais é o que caracteriza Lula como um “*político antidemocrático e autoritário ao insistir em se candidatar a presidente na condição de preso e inelegível*”. O atributo *autoritário* traz consigo uma profunda conotação negativa. É característico entre ditadores e regimes que não prezam pelo pluralismo político, que obtêm legitimidade por meio da emoção e que empregam a repressão a opositores. O avesso do que representa o sentimento democrático. Em seu estudo longitudinal, Azevedo (2017) aponta que os pacotes interpretativos associados ao petismo variaram de “*radical/populista*” entre 1989 e 2002, período em que o PT está fora do poder, e “*corrupto*”, entre 2006 e 2014. Os dados da presente pesquisa mostram que em 2018, fora do poder novamente, o principal nome do PT é caracterizado como “*autoritário*” pelos veículos. A ideia central de Lula como *player* político que age contra as regras da democracia atravessa todo o intervalo e está contida nas páginas opinativas dos três jornais. Dos 124 editoriais analisados, o enquadramento “*Lula é autoritário com candidatura*” está presente em 58,8% deles e segue uma linha ascendente ao longo do intervalo, com o pico de 23

editoriais em agosto. Individualmente, O Estado de S. Paulo foi quem mais caracterizou Lula como autoritário, com 34 editoriais. Em seguida aparece O Globo, com 22 editoriais, e por último a Folha de S. Paulo, com 17 editoriais.

O segundo enquadramento mais encontrado nos editoriais dos jornais é *“Lulopetismo aparelhou o Estado”*, presente em 22,5% do total de textos. Ao longo do período, ele concentra 46,4% de sua incidência no mês de agosto. Este enquadramento refere-se essencialmente ao período em que o PT governou o país e também traz consigo referência a posturas autoritárias por parte de Lula e do seu partido. A expressão *“lulopetismo”* é normalmente associada à ideia de que o PT que *“aparelhou”* o Estado, ou seja, colocou no controle de órgãos e setores estratégicos da administração pública representantes que supostamente defenderam os interesses do partido, a fim de manter seu projeto de hegemonia política no Brasil. Sob esta visão, para se perpetuarem no poder, Lula e o PT ignoraram, ou pelo menos relegaram a segundo plano, os sistemas peritos (*expert systems*), conceito que, segundo Giddens (1991), se refere a "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social", inclusive saberes, práticas e artefatos (Apud MIGUEL, 1999, p.198).

Ainda que não exatamente com esta denominação, o enquadramento *“Lulopetismo aparelhou o Estado”* já havia sido mobilizado anteriormente pela imprensa pesquisada. Especialmente pelo Estado de S. Paulo, o mais antipetista dos três do ponto de vista ideológico, e pelo Globo, que o segue a uma pequena distância. Azevedo (*Op. cit.* p.190) mostra que entre 2006 e 2014, o pacote interpretativo *“projeto de poder/aparelhamento do Estado”* recebeu 9,7% do total de editoriais relacionados. Os dados encontrados na presente pesquisa mostram relativa semelhança com a perspectiva histórica sobre este aspecto dos dois jornais. Apenas invertendo a frequência de cada um, O Globo e O Estado de S. Paulo foram os jornais que utilizaram este enquadramento durante o período pesquisado. O jornal carioca recorreu a este atributo em relação a Lula em 38% dos seus editoriais. Já o jornal paulistano mobilizou o *“lulopetismo”* em 20% dos textos opinativos. A Folha de S. Paulo não mobilizou este enquadramento em seus editoriais. A ideia de usar o Estado para consolidar um projeto de poder

está presente, por exemplo, no editorial *“Lava-Jato’ argentina se aproxima da ex-presidente Cristina Kirchner”*, publicado pelo Globo no dia 12 de agosto:

“A relação promíscua entre o empresariado e o governo argentino começa a ficar mais nítida, com os indiciamentos e os primeiros julgamentos. Alguns nomes são inclusive citados nas investigações da Lava-Jato, que se debruça sobre o lulopetismo. As evidências reforçam suspeitas de que o esquema de corrupção envolveu vários países e tinha como um de seus objetivos financiar projetos políticos no continente.” (‘LAVA-JATO’ ARGENTINA SE APROXIMA DA EX-PRESIDENTE CRISTINA KIRCHNER. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 ago. 2018, Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em 31 out. 2019)

Nota-se pelo trecho que o enquadramento *“Lulopetismo aparelhou o Estado”* também denota a ideia de corrupção em relação a Lula. Aliás, o tema da corrupção está concentrado nos dois principais enquadramentos registrados nos editoriais. Ora relacionado ao contexto da candidatura de Lula, ora relacionado ao período em que ele foi presidente do País ou manteve influência sobre o governo de Rousseff. Entretanto, os dados mostraram que o tema não assume protagonismo em relação aos demais componentes dos dois enquadramentos, ou seja, não é a ideia central organizadora do texto. Entre as palavras-chave mais presentes neste segundo enquadramento estão “populismo”, que está relacionada à ideia de que Lula “promoveu desequilíbrio fiscal” em seus governos, fazendo “uso eleitoreiro” de programas sociais, como o Bolsa Família. Também estão presentes as ideias de “estatismo” para caracterizar um suposto excesso de atuação estatal na vida do país, além de “despreparo”, “ineficiência” e “anacronismo”.

Diante do exposto em relação aos dois enquadramentos dominantes encontrados no material analisado, que respondem por 81,3% dos editoriais relacionados a Lula, pode-se afirmar, resumidamente, que os atributos mobilizados pelos jornais caracterizam Lula como um *“político autoritário, que não respeita sua condição de inelegibilidade”* ao tentar se candidatar, e que quando esteve no poder *“usou o estado em benefício do seu projeto político”*.

O terceiro enquadramento identificado é *“Lula é popular”*, presente em 9,6% dos editoriais relacionados ao ex-presidente. Os 12 textos opinativos que compartilham este enquadramento caracterizam Lula como político que detém

alta aceitação popular, apesar de inelegível. Como o editorial “Rejeição à urna”, publicado pela Folha de S. Paulo em 5 de julho de 2018.

“A mais recente pesquisa Datafolha de intenção de voto para o Palácio do Planalto, publicada em junho, revelou que, nos cenários sem a presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a soma de votos brancos e nulos e entrevistados indecisos alcança cerca de um terço do total. Em 2010, na mesma época, essa fatia era de 13%. Quatro anos depois, quando a Lava Jato teve início, o número subiu a 30%. (REJEIÇÃO À URNA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jul. 2018. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em 31 out. 2019)

Analisando os veículos separadamente, a Folha de S. Paulo foi quem recorreu a este enquadramento, publicando 8 editoriais. O Globo aparece em segundo, com 3 textos opinativos, e O Estado de S. Paulo dedicou apenas um editorial a este enquadramento. Diferentemente dos demais enfoques, “*Lula é popular*” registra a maior incidência não em agosto, mas em julho, com 5 editoriais.

O quarto e último enquadramento identificado na análise dos editoriais é “*Lula manteve a estabilidade do sistema*”, que recebeu 8,8% do total. Este enquadramento traz consigo uma conotação positiva para Lula, ao mesmo tempo em que apresenta uma aparente contradição em relação aos dois primeiros. Ora, se Lula “*é um político autoritário*” e, quando esteve no poder, “*aparelhou o Estado para se perpetuar*”, como ele pode ter “*mantido a estabilidade do sistema*”? Nestes editoriais, Lula é caracterizado como alguém que adotou medidas que convergiram para a manutenção do *status quo* no sistema político e econômico. No editorial “*Experimento mexicano*”, publicado em 1 de julho de 2018, sobre os desafios do candidato de centro-esquerda Manuel López Obrador na presidência do México, a Folha o compara a Lula, como alguém que ajustou o discurso para se tornar mais palatável à burguesia e se comprometeu com os pilares vigentes da economia de mercado. A continuidade da política cambial também aparece como exemplo de que Lula “*manteve a estabilidade do sistema*”, como no editorial “*O dólar de hoje não é o mesmo que o de 2002*”, publicado pelo Globo em 9 de junho de 2018:

“Esta é uma diferença fundamental em relação a 2002, quando o crescimento da candidatura de Lula, com todo o seu passado de radicalismo, agitou os mercados, a ponto de força-lo a editar a Carta ao Povo Brasileiro, na tentativa,

não de todo bem-sucedida, de conter fuga de divisas com a promessa de respeitar os contratos. Lula venceu, assumiu e praticou no primeiro mandato uma gestão responsável. O dólar voltou ao seu leito.” (O DÓLAR DE HOJE NÃO É O MESMO QUE O DE 2002. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jun. 2018. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 31 out. 2019)

Individualmente, quem mais utilizou este enquadramento foi o Globo, com 6 editoriais publicados. A Folha compartilhou este enquadramento em 4 textos. O único editorial do *Estado* sobre este enfoque, “*A urgência da política*”, publicado em 9 de setembro de 2018, menciona o compromisso fiscal de Lula, que realizou ajuste nas contas públicas. Apesar dos enquadramentos que trazem conotação positiva, é relevante ressaltar que dentro do material pesquisado nenhum enquadramento aventa a possibilidade de Lula ser candidato.

Diante do exposto, o conjunto dos dados da presente pesquisa confirma que a imagem e a representação de Lula nos três principais jornais impressos do País foram amplamente negativas entre 8 de junho e 12 de setembro, como apontam as valências das manchetes e dos editoriais. Além disso, identificou-se que Lula foi objeto de enquadramentos distintos, entre os quais se sobressai o que aponta o petista como um líder autoritário, que não reconhece sua condição de inelegibilidade definida pela legislação vigente. As evidências encontradas confirmam a hipótese de cobertura negativa, coerente com o histórico crítico dos veículos ao ex-presidente, como já apontaram vários pesquisadores citados neste trabalho sobre o posicionamento político da imprensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso. O paralelismo político em questão. *Revista Compolítica*, vol. 2(1), pp. 6-28, 2012.

_____. A Comunicação Política depois do Golpe – Notas para uma agenda de pesquisa. *Revista Compolítica*, vol. 8(2), pp.171-205, 2018.

ALDAMA, Juan Alonso. As transparências enganam. *Revista Estudos Semióticos*, vol. 15 (1), pp. 152-161, 2019.

ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. *Política e Sociedade*, n. 10, p. 153-172, 2007.

ALVES, Mércia; LIMA, Bárbara. Campanhas e legislação eleitoral: análise da “minirreforma” no contexto das eleições municipais brasileiras de 2016. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, vol. 9, n. 1, 2018.

ALVES, Mércia; GERALDINI, Bernardo. La Operación Autolavado en el diario Folha de S. Paulo. *Íconos. Revista de Ciencias Sociales*. Num. 63, pp. 207-228, Quito, 2019.

AZEVEDO, Fernando. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 12, nº 1, p. 88-113, 2006.

_____. Corrupção, Mídia e Escândalos Midiáticos no Brasil. *Em Debate*, Belo Horizonte, v.2, n.3, p 14-19, mar. 2010.

_____. A grande imprensa e o PT (1989-2014). São Carlos: EdUFSCar, 2017.

_____. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião Pública*, vol. 24 (2), pp. 270-290, 2018.

BATESON, G. A theory of play and fantasy. *Psychiatric Research Reports*, n. 2, p. 39–51, 1954.

BROSIUS, Hans-Bernd; KEPPLINGER, Hans Mathias. The Agenda-setting Function of Television News: Static and Dynamic Views. *Communication Research*, vol. 17, p.183-211, 1990.

BRUM, Janaina C. "Produção de sentidos em torno de uma imagem ausente: a propósito da condução coercitiva de Lula no âmbito da operação Lava Jato". *Forum Linguistic.*, Florianópolis, v.14, Número Especial, p.2471 - 2481, nov.2017.

BRYANT, J.; MIRON, D. Theory and Research in Mass Communication. *Journal of Communication*, vol 54, 2004.

CERVI, Emerson Urizzi. "PT e PSDB em eleições nacionais: fatores geográficos, políticos e socioeconômicos na polarização partidária no Brasil (1994 e 2014). Salamanca: Flacso-es / Curitiba: PPGCP-UFPR, 2016.

COHEN, B. The press and the foreign policy. Princeton: Princeton University, 1963.

COLLING, L. Agenda-setting e o framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 14, 2001.

DAHL, Robert. Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Edusp, 2015.

DIAS, Luiz Antonio; SEGURADO, Rosemary (orgs). O golpe de 2016: razões, atores e consequências. São Paulo: Intermeios; PUC-SP-PIPEq, 2018.

ENTMAN, Robert. Framing: Toward a Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FERES JÚNIOR, João. Em defesa das valências, ou como verter vícios privados em virtudes públicas. In: Encontro Anual da Anpocs, 39, Caxambu, 2015.

_____. Em defesa das valências: uma réplica. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 19, p. 277-298, 2016.

FORMIGA, Fábio de Oliveira Nobre. A evolução da hipótese de agenda-setting. 2006. 93 f. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GAMSON, William; LASCH, Kathryn. The political culture of social welfare policy. In: Spiro, Shimon; Yuchtman-Yaar, Ephraim (orgs.). *Evaluating the Welfare State. Social and Political Perspectives*. Nova Iorque: Academic Press, 1983.

GAMSON, William; MODIGLIANI, Andre. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

GANS, Herbert J. *Deciding what's news*. New York: Vintage Books, 1980.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. "Sistema de mídia: estudo comparativo. Três modelos de comunicação política". Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

IYENGAR, Shanto; SIMON, Adam. News Coverage of the Gulf Crisis and Public Opinion: A Study of Agenda-setting. *Communication Research*, vol. 20 (3), p.365-384. 1993.

JINKINGS, Ivana et. al (orgs.). *Por que gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. Boitempo: Brasília. 2016.

KLAPPER, J. "The Effects of Mass Communication". Nova York: Free Press, 1960.

LAZARFELD, P.; BERELSON, B.; GAUDET, H. "The people's Choice". Nova York: Columbia University Press, 1944.

LIPMANN, Walter. "Opinião Pública". Vozes: Rio de Janeiro. 1922 (2008).

MANIN, Bernard. "As metamorfoses do governo representativo". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 10, nº 29. 1995.

_____. "A democracia do público reconsiderada". *Novos estudos – CEBRAP*, no. 97, São Paulo. 2013.

MARQUES, Rosa Maria; ANDRADE, Patrick Rodrigues. *Brasil 2003 - 2015: balanço de uma experiência 'popular'*. Instituto Humanitas Unisinos. 2015. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/546185-brasil-2003-2015-balanco-de-uma-experiencia-popular>

MATTHES, Jörg.; KOHRING, Matthias. The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity. *Journal of Communication*, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

MAZZOLENI, Gianpetro. *La Comunicación Política*, Madrid, Alianza Editorial. 2010.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. "The agenda-setting function of mass media". *Public Opinion Quarterly*. Nº 36. 1972.

_____. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

McQUAIL, Denis. "Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público". Porto Alegre: Penso, 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. *Revista Tempo Social*, vol. 11 (1), pp.197-208, São Paulo, 1999.

_____. Quanto vale uma valência. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, vol. 17, pp.165-178, 2015.

MONT'ALVERNE, Camila; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. Seria o Jornalismo adversário da política? Os editoriais de O Estado de S. Paulo sobre o Congresso Nacional brasileiro. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*. DOI: 10.1080/08263663.2018.1514099, 2018.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Sobre golpes, autogolpes e contragolpes: dilemas de uma democracia em turbulência. *Ponto e Vírgula – PUC-SP*, n.019, pp-140-158, São Paulo, 2016.

NUNES, Felipe; MELO, Carlos Ranulfo. Impeachment, political crisis and democracy in Brazil. *Revista de Ciência Política*, Volume 37, Nº 2, pp. 281-304, 2017.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. (Org.) *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004.

PORTO, Mauro; NEVES, Daniela; e LIMA, Bárbara. Televisão, crise hegemônica e ascensão da extrema direita: Globo e Record nas eleições presidenciais de 2018. VIII Compolítica, Universidade de Brasília (UnB), 2019.

PRONER, Carol et. al (Orgs.). Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula. Bauru, Canal 6. 2017.

REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August (orgs.). Framing Public Life. Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey, 2001.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia de crítica de mídia. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2007, Aracaju. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0926-1.pdf>

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo e Mídia, vol. 2(1), 2005.

SINGER, André. "Os sentidos do Lulismo". São Paulo, Schwarcs, 2012.

STEGER, W. P. "Comparing News and Editorial Coverage of the 1996 Presidential Nominating Campaign." Presidential Studies Quarterly 29 (1): 40–64, 1999.

TANKARD Jr., James. "The empirical approach to the study of media framing", in S. Reese, O. Gandy, Jr. e A. Grant, eds., Framing Public Life, Mahwah: Lawrence Erlbaum, pp. 95- 106, 2001.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. The Framing of Decisions and the Psychology of Choice. Science, v. 211, n. 4481, p. 453-458, 1981.

VIMEIRO, A. C; DANTAS, M. Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. Revista Lumina, v. 3, n. 2, p. 01-16, dez. 2009.

VIMIEIRO, A.C.; MAIA, R.C.M. Análise indireta de enquadramentos da mídia. Revista Famecos, vol. 8 (1), pp.235-252, 2011.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes: 2003.